

O IMPOSTOR QUE VIVE EM MIM

Brennan Manning

BRENNAN MANNING

O impostor que vive em mim

Traduzido por
Marson Guedes

Preparado por Amigo Anônimo



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

O IMPOSTOR QUE VIVE EM MIM

CATEGORIA: ESPiritualIDADE

Copyright © 1994, 2002 por Brennan Manning

Publicado originalmente por NavPress, Colorado Springs, EUA

Titulo original – Abba's child

Gerência tditorio L. Silvia Justino

Preparação de texto: Renata Bonin

Revisão: Equipe MC

Supervisão de produção: Lillian Melo

Capa: Douglas Lucas

Crédito da Gansovsky Vladislav

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão

Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. {Sociedade Bíblica do Brasil}, salvo indicação específica.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Camara Brasileira do Livro, sp, Brasil)**

Manning, Brennan

O impostor que vive em mim / Brennan Manning; traduzido por
Marson Guedes. — São Paulo; Mundo Cristão, 2006.

Título original: Abba's child.

Bibliografia.

isBN 85-7325-404-1

1. Auto estima — Aspectos religiosos — Cristianismo 2. Espiritualidade
3-Intimidade (Psicologia) — Aspectos religiosos — Cristianismo I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Intimidade: Vida crista: Cristianismo 248.4

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79 — C.KP 04810-020 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Camara Brasileira do Livro
- Evangélica! Christian Publishen Association

A 1ª edição foi publicada em março de 2006. Impresso no
Brasil

Sumário

Agradecimentos.....	4
Prefácio à nova edição.....	6
Uma palavra inicial.....	7
CAPÍTULO UM.....	9
 Saia do esconderijo.....	9
CAPÍTULO DOIS.....	18
 O impostor.....	18
CAPÍTULO TRÊS.....	28
 O amado.....	28
CAPÍTULO QUATRO.....	36
 O filho de Aba.....	36
CAPÍTULO CINCO.....	47
 O fariseu e a criança.....	47
CAPÍTULO SEIS.....	59
 Presença do ressurreto.....	59
CAPÍTULO SETE.....	71
 O resgate da paixão.....	71
CAPÍTULO OITO.....	81
 Coragem e fantasia.....	81
CAPÍTULO NOVE.....	91
 O coração pulsante do mestre.....	91
 Sobre o Autor.....	104
 Bibliografia.....	105

AGRADECIMENTOS

Comecei a escrever O ***impostor que vive em mim*** com um propósito em mente: resgatar a paixão que acendeu em mim o desejo de entrar para o seminário e buscar a ordenação para o sacerdócio. No processo, descobri que tudo o que sempre quis dos anos de silêncio e estudo era me apaixonar por Deus.

Após um almoço com John Eames, naquela época editor da NavPress e consultor editorial de Liz Heaney em Estes Park, Colorado, fiquei humildemente grato pelo encorajamento que me ofereceram para finalizar o livro.

Mais tarde, Kathy Yanni Helmers juntou à experiência profissional a mesma medida de paixão pelo Senhor, de modo que fiquei mais satisfeito com esta ótima redação final do que com a redação de meus livros anteriores.

Gostaria de entender ainda, meus sinceros agradecimentos a Lillian Robinson e Arthur Epstein, que me guiaram das trevas para a luz em todos os momentos de dificuldade de minha vida pessoal.

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

Não ser ninguém além de si mesmo num mundo que dia e noite dá o seu melhor para transformá-lo em outra pessoa significa lutar a mais dura das batalhas que um ser humano pode enfrentar, e que nunca deixa de lutar.

E. E. Cummings

Desde a publicação deste livro, houve mais comentários sobre o capítulo dois, O **impostor**, do que sobre os demais capítulos somados. Bem, o impostor continua a reaparecer em novos e diabólicos disfarces. O manhoso, doentio e sinistro imitador do meu "eu" verdadeiro se aproxima sorrateiramente, mesmo durante o sono. Seu último estratagema é investir em meus "momentos mais antigos", bloqueando-me a memória quanto ao fato de ter ou não engolido de uma só vez, hoje pela manhã, minhas pílulas de antidepressivo e de vitaminas.

Sagaz e astuciosa, essa pose afetada de meus desejos egocêntricos explora minha amnésia temporária para me fazer esquecer que tudo o que sou é graça, que sozinho não consigo recebê-la mesmo que a receba como dádiva, ou seja, a graça de prender-se à graça é graça. Em vez de espantar-me com a extravagância do amor de Deus, em lugar de agradecer genuinamente pela pura e imerecida abundância de suas dádivas, um senso desavergonhado de satisfação por minhas conquistas e de certeza de minha superioridade espiritual invadem-me o coração. O impostor desconcerta, dissimula e seduz. Ele me convence a abandonar meu "eu" verdadeiro, como filho amado de Aba, e, como observa Cummings, a tornar-me "outra pessoa".

Minha maior dificuldade nos últimos anos tem sido trazer o impostor à presença de Jesus. Ainda estou inclinado a chicotear o falso eu, surrá-lo sem misericórdia por ser autocentrado, ficar abatido, desencorajado, e deliberar que minha pretensa vida espiritual seja simplesmente auto-engano e fantasia.

Tenho uma história pessoal de autoflagelo. Quando tinha 23 anos, ainda noviço da Ordem Franciscana em Washington, praticava-se uma disciplina espiritual antiga nas noites de sexta-feira da Quaresma. O clérigo escolhido se postava impassível ao lado da abertura da escada no primeiro andar, recitando lentamente e em voz alta o salmo 51 em latim: *Miserere me, Domine, secundum misericordiam, tuam*.

Enquanto isso, os restantes de nós entravam nas celas, no segundo andar, agarrando firmemente um instrumento de tortura em forma de laço, medindo trinta centímetros; era fio de telefone enrolado. Enquanto prosseguia o salmo, açoitávamos as costas e nádegas para extinguir o fogo da sensualidade. Eu me chicoteava com tal renúncia temerária que me surgiram bolhas de sangue nas costas.

No dia seguinte, durante o banho, um clérigo viu meu corpo surrado e relatou meu estado ao mestre dos noviços, que me censurou por meu zelo destemperado. A verdade seja dita: tentava desesperadamente me tornar agradável a Deus.

Não foi assim com o irmão Dismas, que vivia na cela adjacente à minha. Eu o ouvi se açoiar tão selvagememente que temi por sua saúde e sanidade. Arrisquei-me a dar uma espiada através da porta rachada: com um sorriso perturbado e um cigarro na mão esquerda, golpeava a parede com grande revolta, **shlep, shlep, shlep**. Minha reação? Tive pena do pobre desgraçado e voltei para minha cela com um intolerável sentimento de superioridade espiritual.

Flagelar-se não é saudável para o corpo nem para a alma.

O impostor deve ser convidado a sair de seu esconderijo e apresentado a Jesus, ou os sentimentos de desesperança, confusão, vergonha e fracasso se aproximam furtivamente de nós, desde o amanhecer até o anoitecer. Escrever este livro foi para mim uma profunda experiência espiritual, e quero compartilhar uma última reflexão. Podem-se dizer certas verdades somente a partir do fundo do poço. Tentando descrever o mistério transcendente do amor do Aba, empreguei uma plethora de adjetivos, como infinito, porvindouro, desorientador, inefável e incompreensível. Junte-os e ainda serão inadequados por uma simples razão: *o mistério é destruído pela palavra.*

Finalmente, meu velho e aposentado mentor espiritual, Larry Hein, que escreveu a bênção: *Que todas as suas expectativas sejam frustradas, que todos os seus planos sejam atrapalhados, que todos os seus desejos definham até a insignificância, que você possa experimentar a impotência e a pobreza de uma criança, cantar e dançar no amor de Deus, que é Pai, Filho e Espírito;* apareceu com esta nova bênção:

Hoje, no planeta Terra, que você possa experimentar a maravilha e a beleza de si mesmo como Filho de Aba e templo do Espírito Santo por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

UMA PALAVRA INICIAL

No dia 8 de fevereiro de 1956, numa pequena capela em Loretto, Pensilvânia, fui surpreendido por Jesus de Nazaré. A estrada pela qual tenho andado nos últimos 38 anos está salpicada de cicatrizes das vitórias desastrosas e das derrotas magníficas, dos sucessos que depreciam a alma e dos fracassos que realçam a vida. Temporadas de fidelidade e traição, períodos de consolo e desolação. Zelo e apatia não me são estranhos.

E houve tempos em que...

- a presença de Deus era percebida de forma mais real do que a cadeira na qual estou sentado;
- a Palavra ricocheteava como raio em cada canto da alma;
- uma tempestade de desejo me levou a lugares que nunca havia visitado.

E houve outros tempos em que...

- identifiquei-me com as palavras de Mae West: "Eu costumava ser a Branca de Neve, mas descambei";
- a Palavra estava tão sem gosto quanto sorvete vencido, e tão insossa quanto uma lingüiça sem tempero;
- o fogo dentro de mim bruxuleou e se apagou;
- confundia entusiasmo ressequido com sabedoria da meia-idade;
- descartei o idealismo da juventude como mera ingenuidade;
- preferi os cacos de vidro barato à pérola de grande valor.

Se você se identifica com alguma dessas experiências, talvez queira folhear este livro e fazer uma pausa para recuperar a essência de sua identidade como Filho de Deus

Brennan Manning

No conto de Flannery O'Connor, *The turkey*,¹ o anti-herói e protagonista é um garotinho chamado Ruller. Sua auto-imagem é ruim porque nada com que pões a mão parece dar certo. À noite, em sua cama, ele ouve os pais o analisarem:

— O Ruller não é normal — diz seu pai. — Por que ele sempre brinca sozinho? — E sua mãe responde: — Como eu vou saber?

Um dia, Ruller percebe, na mata, um peru selvagem ferido e inicia uma intensa perseguição. "Ah, se eu conseguir pegá-lo!", ele grita. Vai pegá-lo ainda que tenha de correr até desmaiar. Ele se vê marchando triunfantemente pela porta da frente de sua casa, com o peru pendurado no ombro e toda a família gritando:

— Vejam o Ruller com um peru selvagem! Ruller, onde você conseguiu esse peru?

— Ah, eu o capturei na mata. Talvez algum dia vocês possam pegar um desse, como eu.

Mas, então, um pensamento lhe cruza a mente: "provavelmente, Deus vai me fazer perseguir este maldito peru a tarde inteira por nada". Ele sabe que não deveria pensar assim a respeito de Deus —, mas é assim que se sente. Seria possível evitar esse sentimento? Fica curioso por saber se é anormal.

Finalmente, Ruller captura o peru quando este cai morto por causa da ferida de um tiro que, anteriormente, o havia atingido. Ele o coloca nos ombros e inicia sua marcha messiânica de volta ao centro da cidade. Lembra-se de coisas que pensara antes de conseguir a ave. Eram pensamentos consideravelmente ruins, ele supõe. Imagina que Deus o tinha interrompido antes que fosse tarde demais. Deveria estar muito agradecido. — Obrigado, Deus! — ele diz. — Sou muito grato a ti. Este peru deve pesar uns quatro quilos. Foste tremendamente generoso.

Talvez, conseguir o peru seja um sinal, ele pensa. Talvez, Deus queira que seja um pregador. Pensa em Bing Crosby e Spencer Tracy enquanto adentra a cidade com o peru dependurado no ombro. Quer fazer algo para Deus, mas não sabe o quê. Se tivesse alguém tocando acordeão, na rua, hoje, ele daria seus dez centavos. São os únicos centavos que possui, mas ele os daria.

Dois homens se aproximam e assobiam. Chamam os outros homens que estavam na esquina para ver o peru.

Quanto você acha que ele pesa? — perguntaram eles.

Pelo menos uns quatro quilos — Ruller respondeu.

Por quanto tempo você o perseguiu?

Por quase uma hora — disse Ruller.

Isso é mesmo impressionante. Você deve estar bem cansado.

Não, mas tenho de ir — Ruller replica. — Estou com pressa. Ruller não via a hora de chegar em casa.

Ele deseja encontrar alguém mendigando. De repente, ele ora: "Senhor, mande um mendigo. Mande-o antes de eu chegar em casa". Deus pôs o peru naquele momento. Certamente, enviará um mendigo. Ele tem certeza de que

¹ *The collected works of Flannery O'Connor*, p. 42-54.

Deus enviará alguém. Por ser uma criança singular, ela interessa a Deus. "Por favor, um mendigo agora mesmo!" — e nesse instante uma velha mendiga surge bem a sua frente. Seu coração bate com força. Ele dispara em direção à mulher, gritando: — Aqui, aqui —, aperta os dez centavos na mão e sai correndo sem olhar para trás.

Lentamente seu coração se acalma, e ele começa a ter um novo sentimento — algo como estar alegre e confuso ao mesmo tempo. Possivelmente, ele pensa, dará todo seu dinheiro a ela. Sente como se o chão não precisasse mais estar debaixo dele.

Ruller percebe um grupo de garotos da roça arrastando-se atrás dele. Ele se volta e pergunta, generosamente:

— Querem ver o peru ?

Os garotos o olham fixamente:

Onde você conseguiu esse peru?

Eu o achei na mata. Eu o cacei até a morte. Vejam, tomou um tiro na asa.

Deix'eu ver — diz um garoto.

Ruller lhe dá o peru. A cabeça do animal voa na direção de seu rosto enquanto o garoto o gira no ar sobre o próprio ombro, e dá meia volta. Os outros garotos também se viram e vão embora, andando despreocupadamente.

Eles estão a quatrocentos metros de distância quando Ruller se mexa. Finalmente, estão tão longe que nem consegue enxergá-los. Em seguida, ele se arrasta para casa. Anda um pouco e então, ao perceber que está escuro, subitamente começa a correr.

A requintada fábula de Flannery O'Connor termina com as palavras: "Ele correu cada vez mais rápido, e à medida que subia pela estrada de sua casa, sentia o coração tão acelerado quanto as pernas. Estava certo de que Algo apavorante rasgava atrás dele, com os braços rijos e os dedos prontos para agarrar".

Diante de Ruller, muitos de nós, cristãos, encontramos-nos revelados, despidos, expostos. Nosso Deus aparentemente é o Único que dá perus com benevolência e caprichosamente os tira. Quando os dá, sinaliza o interesse e o prazer que tem em nós. Sentimo-nos próximos de Deus e somos incitados à generosidade. Quando os tira, sinaliza o desprazer e a rejeição. Sentimo-nos repudiados por Deus. Ele é volúvel, imprevisível, excêntrico. Firma-nos apenas para nos decepcionar. Lembra-se de nossos pecados do passado e retalia arrancando os perus de saúde, riqueza, paz interior, progenitura, império, sucesso e alegria.

Assim, inadvertidamente, projetamos em Deus as atitudes e os sentimentos que nutrimos por nós mesmos. Como Blaise Pascal escreveu: "Deus fez o homem a sua imagem e semelhança, e o homem retribuiu a gentileza". Portanto, se nos detestamos, tomamos por certo que Deus sente o mesmo por nós.

Mas, não podemos pressupor que ele sinta por nós o mesmo que sentimos por nós mesmos — a menos que nos amemos compassiva, intensa e livremente. Na forma humana, Jesus nos revelou como Deus é. Ele expôs nossas projeções como idolatria e nos ofereceu um caminho para nos libertarmos delas. É necessária uma profunda conversão para aceitar que Deus é inflexivelmente terno e compassivo conosco da maneira como somos — não a despeito de nossos pecados e culpas (isso não seria aceitação total), mas com elas. Apesar de Deus não tolerar, ou sancionar o mal, ele não retém seu amor por nós devido à nossa maldade.

Por causa da forma como nos sentimos a nosso próprio respeito, às vezes é difícil acreditar nisso. Como muitos autores cristãos, mais sábios e perceptivos do que eu, disseram: Não conseguimos aceitar o amor de outro ser humano quando não nos amamos, e muito menos que Deus possa nos amar.

Numa noite, um amigo perguntou a seu filho deficiente:

— Daniel, quando você vê Jesus o olhando, o que vê em seus olhos?

Depois de uma pausa, o garoto respondeu:

Os olhos dele estão cheios de lágrimas, pai.

Por que, Dani?

Houve uma pausa ainda mais longa.

Porque ele está triste.

E por que ele está triste? — perguntou o pai.

Daniel olhou fixamente para o chão. Quando afinal olhou para cima, seus olhos brilhavam por causa das lágrimas e disse: — Porque estou com medo.

O pesar de Deus reside no medo que temos dele, da vida e de nós mesmos. Ele se angustia por causa de nossa autodedicação e de nossa auto-suficiência. Richard Foster escreveu: "Hoje, o coração de Deus é uma ferida aberta de amor. Ele sofre muito por causa de nossa distância e preocupação. Lamenta-se por não nos aproximarmos dele. Ressente-se de o termos esquecido. Pranteia por causa de nossa obsessão por grandeza e abundância. Ele anseia por nossa presença".²

Deus se entristece com nossa recusa de nos aproximarmos dele quando pecamos e falhamos. Um "escorregão" para um alcoólatra é uma experiência aterrorizante. A obsessão da mente e do corpo por bebida volta com a fúria selvagem de uma tempestade

repentina. Quando a pessoa volta à sobriedade, está devastada. Quando eu reincidi, tinha duas opções: entregar-me mais uma vez à culpa, ao medo e à depressão; ou correr para os braços do meu Pai celestial — escolher viver como vítima de minha doença; ou escolher confiar no amor imutável do Aba.

Uma coisa é se sentir amado por Deus quando a vida está completa e todos os nossos sistemas de apoio estão no lugar. A auto-aceitação é relativamente fácil. Podemos até afirmar que estamos no caminho de gostar de nós mesmos. Quando estamos fortes, no topo, no controle e, como dizem os Celts,³ "em ótima forma", o senso de segurança se cristaliza.

Mas, o que acontece quando a vida cai em meio às rachaduras? Quando pecamos e falhamos, quando os sonhos se despedaçam, os investimentos estão em queda, quando somos tratados com desconfiança? O que acontece quando estamos face a face com a condição humana?

Pergunte a qualquer um que já passou por uma separação ou divórcio. Estão acompanhados, hoje? A sensação de segurança está intacta? Têm um forte senso de dignidade própria? Ainda se sentem como uma criança querida? Ou Deus os ama apenas em sua "bondade", e não em sua pobreza e transgressão? Nicholas Harnan escreveu:

É isso [transgressão] que precisamos para ser aceitos. Infelizmente, é o que tendemos a rejeitar. Aqui, as sementes de um cáustico detestar-se ganham raízes. Essa vulnerabilidade dolorosa é o que caracteriza o essencial de nossa humanidade, que precisa

² *Prayer, finding the heart's true home*, p. 1.

³ Jogadores de basquete do Boston Celtics. (N. do T.)

muitíssimo ser admitida, a fim de restaurar nossa condição humana a um estado de cura.⁴

Julian de Norwich, mística do século XIV, disse: "Nosso amável Senhor não quer que seus servos se desesperem por caírem freqüente e deploravelmente; pois nossa queda não o impede de nos amar⁵. Nosso ceticismo e timidez nos afastam da confiança e da aceitação, no entanto, não odiamos a Deus, mas, a nós mesmos. Contudo, a vida espiritual começa com a aceitação de nosso eu ferido.

Procure um contemplador de verdade — não a pessoa que ouve vozes angelicais e que tem visões flamejantes com querubins, mas a pessoa que encontra Deus com confiança desguarnecida. O que este homem ou esta mulher lhe contará? Thomas Merton responde:

Resigne-se de sua insuficiência e reconheça sua insignificância para o Senhor. Quer você entenda isso, ou não, Deus o ama, está presente em você, vive em você, habita em você, chama você, salva você e lhe oferece entendimento e compaixão que não se compara a nada que você algum dia tenha encontrado num livro ou ouvido num sermão.⁶

Deus nos chama a pararmos de nos esconder e, abertamente, nos aproximarmos dele. Deus é o pai que correu na direção de seu filho pródigo quando ele voltou para casa mancando. Deus pranteia por nós quando a vergonha e o detestar-se nos imobilizam. Contudo, tão logo perdemos o domínio próprio, nos protegemos. Adão e Eva se esconderam, e todos nós, de um jeito ou de outro, os temos como exemplos a serem seguidos. Por quê? Porque não gostamos do que vemos. E desconfortável — intolerável — confrontar nosso eu verdadeiro. Simon Tugwell explica:

E assim, como escravos fugitivos, fugimos de nossa realidade ou produzimos um falso eu extremamente admirável, levemente cativante e superficialmente feliz. Escondemos o que sabemos ou sentimos que somos (que pressupomos ser inaceitável ou inamável) atrás de algum tipo de aparência que, esperamos, seja mais agradável. Escondemo-nos atrás de rostos agradáveis que vestimos em benefício de nosso público. Com o tempo, podemos até mesmo chegar a esquecer o que estamos escondendo e pensar que nos parecemos realmente com o rosto agradável que assumimos.⁷

Entretanto, Deus ama quem de fato somos — quer gostemos disso ou não. Ele nos chama, como chamou Adão, a sair do esconderijo. Nenhuma quantidade de maquiagem espiritual pode nos tornar mais apresentáveis a ele. Como Merton disse: "A razão pela qual jamais adentramos a realidade mais profunda de nosso

⁴ *The heart's journey home, a quest for wisdom*, p. 61.

⁵ *The revelations of divine love*, p. 56.

⁶ *The hidden ground of love: Letters*, p. 146.

⁷ *The beatitudes: soundings in Christian tradition*, p. 130.

relacionamento com Deus é que raramente reconhecemos nossa completa insignificância perante ele".⁸

Seu amor, que nos chamou à existência, nos chama a abandonar o autodesprezo e a tomar parte de sua verdade. "Venha a mim *agora*", diz Jesus. "Reconheça e aceite quem eu quero ser para você: um salvador de compaixão ilimitada, de paciência infinita, de absolvição insuportável e amor que não cobra os erros. Deixe de projetar em mim seus sentimentos sobre si mesmo. Neste momento, sua vida é um caniço rachado e eu não o esmagarei; um pavio fumegante e eu não o apagarei. *Você está num lugar seguro*".

Uma das contradições mais chocantes da igreja americana é a intensa aversão que muitos dos discípulos de Jesus têm por si mesmos. Estão mais descontentes com suas deficiências do que jamais sonhariam estar com as deficiências dos outros. Estão enjoados da própria mediocridade e inconsistência. David Seamands escreveu:

Muitos cristãos... encontram-se derrotados pela maior arma psicológica que Satanás usa contra eles. Essa arma tem a eficácia de um míssil mortal. Seu nome? Baixa auto-estima. Essa arma de Satanás provoca um sentimento visceral de inferioridade, inadequação e insignificância. Tal sentimento agrilha muitos cristãos, a despeito das maravilhosas experiências espirituais e do conhecimento da Palavra de Deus. Apesar de entenderem sua posição como filhos e filhas de Deus, estão atados, presos por um terrível sentimento de inferioridade e acorrentados a uma profunda sensação de indignidade.⁹

Conta-se freqüentemente a história de um homem que marcou uma consulta com o famoso psicólogo Carl Jung, a fim de encontrar ajuda para sua depressão crônica. Jung disse ao homem que diminuísse as horas de trabalho, de catorze para oito, fosse diretamente para casa e passasse as noites em seu gabinete, quieto e completamente sozinho. O homem deprimido dirigia-se ao gabinete todas as noites, fechava a porta, lia um pouco de Herman Hesse ou Thomas Mann, tocava algumas peças de Frédéric Chopin ou de Mozart.

Depois de semanas, assim, retornou a Jung, queixando-se de que não conseguia ver nenhuma melhora. Ao saber como o homem tinha passado seu tempo, Jung disse:

— Mas você não entendeu. Eu não queria que você estivesse com Hesse, Mann, Chopin ou Mozart. Eu queria que você ficasse completamente sozinho.

O homem ficou horrorizado e exclamou: — Não consigo pensar em pior companhia!

Jung respondeu: — Mas este é o eu que você impõe às pessoas durante catorze horas por dia ¹⁰ (e Jung poderia ter dito mais, que esse é o eu que ele impõe a si mesmo).

Em minha experiência, o detestar-se é a doença dominante que aleija os cristãos, sufocando o crescimento no Espírito Santo. O tom melancólico das peças de Checkhov: "Você está vivendo mal, meu amigo" assombra a consciência do cristão americano. Vozes negativistas da família: "Você nunca vai ser nada mesmo!"; O moralismo da igreja e a pressão para sermos bem-sucedidos

⁸ Op. cit., p. 38.

⁹ *Healing for damaged emotions*, p. 49.

¹⁰ Morton KELSEY, *Encounters with God*, extraído de Parker PALMER, in "The monastic renewal of the church".

transformam peregrinos cheios de expectativa a caminho da Nova Jerusalém numa trupe desalentada de Hamlets taciturnos e Rullers amedrontados.

Alcoolismo, compulsão pelo trabalho, comportamentos viciosos de apoio e o aumento da taxa de suicídio refletem a magnitude do problema. Henri Nouwen observou:

Ao longo dos anos, vim a perceber que a maior armadilha de nossa vida não é o sucesso, a popularidade ou o poder, mas a auto-rejeição. Sucesso, popularidade e poder podem representar grandes tentações, mas a qualidade sedutora em geral provém de como se integra à tentação bem maior: a auto-rejeição. Quando chegamos a acreditar nas vozes que nos chamam de indignos e inamáveis, então, o sucesso, a popularidade e o poder são facilmente percebidos como soluções atraentes. A verdadeira armadilha, entretanto, é a auto-rejeição. Assim que alguém me acusa ou me critica, assim que sou rejeitado, deixado só, abandonado, me pego pensando: "Bem, isso mais uma vez prova que não sou ninguém". (...) [Meu lado sombrio diz,] não tenho nada de bom... mereço ser deixado de lado, esquecido, rejeitado e abandonado. A *auto-rejeição é o maior inimigo da vida espiritual* porque contradiz a voz sagrada que nos chama de "amados". Ser o amado constitui a verdade essencial de nossa existência.¹¹

Aprendemos a ser gentis conosco ao experimentar a íntima e genuína compaixão de Jesus. A medida que permitimos que sua incontida ternura invada a fortaleza do nosso eu, somos libertos da acidez que nos autodirigimos. Cristo quer que mudemos de atitude em relação a nós mesmos e fiquemos ao lado dele, contra nossa auto-avaliação.

No verão de 1992 dei um passo significativo na minha jornada interior. Por vinte dias vivi numa cabana afastada, nas Montanhas Rochosas do Colorado, e fiz um retiro combinando terapia, silêncio e solidão. Todas as manhãs, encontrava-me com um psicólogo que me guiou no despertar de memórias e sentimentos reprimidos desde a infância. O resto do dia passava sozinho na cabana sem televisão, rádio ou leitura de qualquer tipo.

Com o passar dos dias, percebi que não tinha sido capaz de **sentir** nada desde que tinha oito anos de idade. Uma experiência traumática naquela época bloqueou minha memória por nove anos e meus sentimentos pelas cinco décadas seguintes.

Quando tinha oito anos, o impostor, o falso eu, nasceu como uma defesa contra a dor. O impostor dentro de mim sussurrava: "Brennan, nunca mais seja você mesmo, porque ninguém gosta de você como você é. Invente um novo eu, que todos admirem e ninguém conheça". Assim me tornei um bom garoto — educado, de boas maneiras, discreto e respeitoso. Esforcei-me nos estudos, tirei notas excelentes, consegui uma bolsa no colégio e me sentia acuado sempre que acordava para o terror do abandono e a sensação de que ninguém me protegeria.

Aprendi que o desempenho perfeito trouxe o reconhecimento e a aprovação que desesperadamente procurava. Orbitei numa região sem sentimentos para manter o medo e a vergonha a distâncias seguras. Como meu terapeuta assinalou: "Em todos estes anos houve um alcapão de aço escondendo suas emoções e negando-lhe acesso a elas". Ao mesmo tempo, o impostor que apresentava para inspeção pública era indiferente e despreocupado.

¹¹ Life of the beloved, p. 21; grifo do autor.

A grande separação entre cabeça e coração permaneceu ao longo de meu ministério. Por dezoito anos proclamei as boas novas do amor apaixonado e incondicional de Deus — inteiramente convencido na cabeça, mas sem sentir no coração. Nunca me senti amado. Uma cena do filme **Lembranças de Hollywood** transmite tudo isso. Uma estrela de Hollywood (Meryl Streep) ouve seu diretor (Gene Hackman) falar sobre a vida maravilhosa que ela tem tido e quanto qualquer mulher invejaria tudo o que ela conquistou. Streep responde: "É, eu sei. Mas o que você sabe? Não consigo sentir nada. Nunca fui capaz de sentir minha vida e todas essas coisas boas".

No décimo dia do retiro na montanha, minhas lágrimas irromperam em soluços. Como Mary Michael O'Shaughnessy gosta de dizer: "Normalmente os colapsos conduzem a notáveis avanços". (Boa parte de minha insensibilidade e invulnerabilidade surgiu por recusar-me a lamentar a perda de uma palavra amena e de um abraço terno.) Benditos são os que pranteiam e se lamentam.

A medida que sorvia o cálice da amargura, uma coisa notável aconteceu: ouvi música e dança a distância. Eu era o filho pródigo mancando de volta para casa, não um espectador, mas um participante. O impostor desapareceu gradualmente, e eu estava em contato com o verdadeiro eu, como o filho de Deus que retornou. O anseio por elogios e pela afirmação recuou.

Acontecia de nunca me sentir seguro a meu respeito a menos que meu desempenho fosse impecável. O desejo de ser perfeito havia superado o desejo por Deus. Oprimido pela mentalidade do tudo-ou-nada, interpretava a fraqueza como mediocridade, e a inconsistência como perda de controle emocional. Descartei a compaixão e a auto-aceitação, reações inapropriadas. Minha esfarrapada percepção de falha e inadequação pessoal me levou a perder a auto-estima, iniciando episódios de depressão moderada e forte ansiedade.

Inadvertidamente, havia projetado em Deus os sentimentos que tinha por mim mesmo. Sentia-me seguro com ele apenas quando me enxergava como nobre, generoso e amável, sem cicatrizes, medos ou lágrimas. *Perfeito!*

Naquela manhã radiante, porém, numa cabana escondida nas profundezas das Rochosas do Colorado, saí do esconderijo. Jesus removeu a mortalha do desempenho perfeccionista e, então, perdoado e livre, corri para casa, pois soube que *conhecera* Alguém que estava lá por mim. Agarrado ao profundo da minha alma, lágrimas escorrendo pelo rosto, internalizei e finalmente senti todas as palavras que tinha escrito e falado sobre o Amor obstinado e incessante.

Naquela manhã, compreendi que as palavras não passam de palha se comparadas à realidade. Num salto, deixei de ser simplesmente um professor do amor de Deus para me tornar o deleite do Aba. Disse adeus ao sentir-se amedrontado e, *shalom*, ao sentir-se seguro. O que significa sentir-se num lugar seguro? Naquela tarde escrevi em meu diário:

Sentir-se seguro é parar de viver na cabeça e mergulhar no coração, sentir-me apreciado e aceito... sem ter mais que me esconder e me distrair com livros, televisão, filmes, sorvete, conversas superficiais... ficar no momento presente, sem fugir para o passado ou me projetar para o futuro, alerta e prestando atenção no agora... sentir-se relaxado, sem nervosismo ou inquietude... sem necessidade de impressionar ou fascinar os outros, ou chamar a atenção para mim mesmo... sem constrangimento, uma nova forma de estar comigo no mundo... calmo, sem medo, sem ansiedade a respeito do que acontecerá em seguida... amado e valorizado... apenas estar por inteiro como um fim em si mesmo.

Escrever sobre tal experiência, no entanto, é arriscar-se a inventar um novo impostor usando um disfarce ainda mais brilhante. Sou lembrado das sensatas palavras de Teresa de Avila: "tais experiências são dadas aos irmãos e irmãs mais fracos, para fortalecer sua fé titubeante". Mesmo a atribuição à "graça de Deus" pode ser um sutil auto-engrandecimento, porque a frase virtualmente se tornou um clichê cristão.

Thomas Merton, o mais solicitado guia espiritual de nosso tempo, um dia disse a um colega monge: "Se eu conseguir algo pelo fato de ser Thomas Merton, estou morto. E se você conseguir algo pelo fato de ser o responsável pelo chiqueiro, você está morto". A solução de Merton? "Pare, de uma vez por todas, de marcar pontos e renda-se, com toda sua pecaminosidade, a Deus, que não vê os pontos nem quem os marca, mas somente o filho redimido por Cristo".¹²

Há seiscentos anos, Julian de Norwich entendeu essa verdade de um modo excepcionalmente simples e belo: "Alguns de nós acreditam que Deus é todo-poderoso e consegue fazer qualquer coisa; que ele é perfeitamente sábio e pode fazer qualquer coisa; mas que ele é todo amor e que fará qualquer coisa — aí recuamos. Da forma como vejo, essa ignorância é o maior impedimento para os que amam a Deus".¹³

Ainda, há mais. Considere as palavras do apóstolo Paulo: "Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha. Mas todas as coisas, quando reprovadas *pela luz, se tornam manifestas*; porque *tudo o que se manifesta é luz*" (Ef 5:12,13; grifo do autor).

Deus não apenas perdoa e esquece nossos atos vergonhosos, mas transforma até mesmo a escuridão em luz. Todas as coisas cooperam, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, "até mesmo", acrescentou Santo Agostinho, "nossos pecados".

A peça, de um único ato, baseada em João 5:1-4, *The angel that troubled the waters*, de Thornton Wilder, dramatiza o poder de cura do tanque de Betesda sempre que um anjo agitava-lhe as águas. Um médico vem periodicamente ao tanque, esperando ser o primeiro da fila e ansiando ser curado de sua melancolia. O anjo finalmente aparece, mas impede o médico quando está prestes a entrar na água. O anjo manda o médico se afastar, pois esse momento não é para ele. O médico implora por ajuda numa voz entrecortada, mas o anjo insiste que a cura não está destinada a ele.

O diálogo continua, e então chega a palavra profética do anjo: "Sem suas feridas, onde estaria seu poder? E sua melancolia que faz sua voz baixa estremecer dentro do coração de homens e mulheres. Nem mesmo os próprios anjos conseguem convencer os filhos miseráveis e desajeitados na terra como consegue um ser humano quebrado pelas rodas do viver. A serviço do Amor, apenas soldados feridos podem se alistar. Médico, afaste-se".

Depois disso, o primeiro homem que entra no tanque é curado, regozija-se com sua boa sorte e, virando-se para o médico, diz: "Por favor, venha comigo. Estamos apenas a uma hora de casa. Meu filho está perdido em pensamentos obscuros. Eu não o entendo, e só você conseguiu melhorar-lhe o humor. Somente uma hora... Há também minha filha: desde que o filho dela morreu, fica sentada na sombra. Não nos ouvirá, mas ouvirá você".¹⁴

Os cristãos que permanecem no esconderijo continuam vivendo a mentira. Negamos a realidade de nosso pecado. Numa tentativa fútil de apagar o passado, privamos a comunidade do dom de curar que temos. Se encobriremos as feridas

¹² James FINLEY, *Merton's palace of nowhere*, p. 53.

¹³ Op. cit., cap. 73.

¹⁴ Thornton WILDER, *The angel that troubled the waters and other plays*, p. 20.

por conta do medo e da vergonha, nossas trevas interiores não poderão ser iluminadas nem se tornar luz para os outros. Apegamo-nos aos sentimentos ruins e remexemos no próprio passado, quando o que devíamos fazer é deixá-lo desaparecer.

Como Dietrich Bonhoeffer disse, a culpa é um ídolo. Mas, quando ousamos viver como homens e mulheres perdoados, nos reunimos aos curadores feridos e chegamos mais perto de nosso Mestre Jesus.

Henri Nouwen explorou este tema com profundidade e sensibilidade em sua obra clássica *O **curador ferido***. Ele conta a história de um rabino que perguntou ao profeta Elias quando o Messias viria. Elias respondeu que o rabino deveria perguntar diretamente ao Messias, e que o encontraria sentado nos portões da cidade. — Como saberei que é ele? — perguntou o rabino. Elias respondeu: — Ele está sentado entre os pobres, coberto de feridas. Os outros desatam todas as suas feridas ao mesmo tempo e, então, as atam novamente. Mas, o Messias desata uma por vez e as reata novamente, dizendo para si mesmo: "Talvez eu seja necessário. Se assim for, devo sempre estar pronto de forma a não me demorar nem por um momento".¹⁵

O Servo sofredor de Isaías reconhece suas feridas, mostra-as e disponibiliza-as para a comunidade como um meio de cura.

O *curador ferido* conclui que a graça e a cura são transmitidas por meio da vulnerabilidade de homens e mulheres que foram atropelados pela vida e tiveram o coração rasgado. A serviço do Amor, apenas os soldados feridos podem se alistar.

Os Alcoólicos Anônimos são uma comunidade de curadores feridos. O psiquiatra James Knight escreveu:

Estas pessoas tiveram a vida exposta e pressionada até a beira da destruição pelo alcoolismo e pelos problemas que o acompanham. Quando essas pessoas ressurgem das cinzas do fogo do inferno, que é a escravidão do vício, têm uma compreensão, uma sensibilidade e uma disposição para entrar e se manter em encontros curadores com seus companheiros alcoólatras. Nesse encontro não podem, nem se permitirão, esquecer sua transgressão e vulnerabilidade. Suas feridas são reconhecidas, aceitas e mantidas à vista. Além disso, elas são usadas para **iluminar** e estabilizar suas vidas enquanto trabalham para trazer a cura da sobriedade a seus irmãos e irmãs alcoólatras e, às vezes, a filhos e filhas. A eficácia dos membros do AA no cuidado e tratamento de seus companheiros alcoólatras é uma das histórias de maior sucesso de nosso tempo e ilustra, vividamente, o poder das feridas quando usadas, produtivamente, para aliviar o fardo de dor e sofrimento.¹⁶

Rainer Maria Rilke explicou a eficácia de seu dom: "Não pense que aquele que procura consolá-lo leva uma vida descansada no meio das palavras simples e discretas que às vezes lhe fazem bem. A vida dele comporta muito sacrifício e muita tristeza que permanecem muito distante de você. Mas se assim não fosse,

¹⁵ Henri NOUWEN, *O curador ferido*.

¹⁶ *Psychiatry and religion: Overlapping concerns* (grifos do autor). O artigo de Knight: "The religio-psychological dimension of wounded healers" é a principal fonte de dados destas reflexões. Minha gratidão a ele e a Lillian Robinson por me apresentar ao livro.

nunca encontraria aquelas palavras".¹⁷ As próprias feridas de dor e tristeza de Rilke o conscientizaram de sua pobreza interior e criaram um vazio que se transformou no espaço livre em que Cristo pôde derramar seu poder curador. Aqui, encontramos um eco da súplica de Paulo: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo" (2Co 12:9).

Minha jornada me ensinou que apenas quando me sinto seguro com Deus, sinto-me de fato seguro comigo. Confiar no Aba, que *correu* para seu filho obstinado, sem questioná-lo, nos capacita a confiar em nossa essência.

A decisão de sair do esconderijo é um rito de iniciação dentro do ministério terapêutico de Jesus Cristo. Isso produz autogratificação. Permanecemos na Verdade que nos liberta, e vivemos da Realidade que nos faz inteiros.

Na lista dos dez melhores livros que li na vida está *Diary of a country priest* [Diário de um sacerdote interiorano], de George Bernanos. Desde sua ordenação, o sacerdote lutou contra a dúvida, o medo, a ansiedade e a insegurança. A última anotação em seu diário diz:

Agora, tudo chegou ao fim. A singular desconfiança que tinha de mim mesmo, de meu ser, desapareceu, eu creio, para sempre. Esse conflito terminou. Reconciliei-me comigo, com a mediocridade, minha aparência pobre. Como é fácil se detestar! A verdadeira graça está no esquecimento; e, se o orgulho pudesse morrer dentro de nós, a graça suprema seria amar a si mesmo com toda a simplicidade que se amaria qualquer membro do Corpo de Cristo. O que isso realmente significa? A graça está em todo lugar.¹⁸

CAPÍTULO DOIS

O IMPOSTOR

Leonard Zelig é a quintessência do **nebbish** (palavra iídiche para nerd). No hilariante e provocador filme **Zelig**, de Woody Allen, Leonard é uma pessoa sem identidade que se encaixa em qualquer lugar porque, na verdade, muda de personalidade a cada nova situação. Ele desfila numa parada sob as serpentinas atiradas dos prédios, fica em pé entre os presidentes americanos Herbert Hoover e Calvin Coolidge, faz palhaçadas com o boxeador Jack Dempsey e conversa sobre teatro com o dramaturgo Eugene O'Neill. Durante um comício de Hitler para seus partidários, em Nuremberg, Leonard está lá, bem na plataforma do orador.

Ele não tem personalidade própria, assim, assume as personalidades fortes com que se encontra, quaisquer que sejam. Com os chineses, ele é chinês desde pequeno. Com os rabinos, miraculosamente crescem-lhe a barba e os cachos ao lado do rosto. Com psiquiatras, macaqueia o jargão, pondo a mão no queixo com

¹⁷ *Cartas a um jovem poeta*, citado por KNIGHT, p. 70.

¹⁸ p. 178.

solene ar de sabedoria. No Vaticano, faz parte do séquito clerical do papa. Nos treinos da primavera usa o uniforme dos Yankees e fica a postos para rebater depois de Babe Ruth. Ele assume a pele negra de um trompetista de jazz, a banha de um gorducho, o perfil de um índio Mohawk. E um camaleão. Muda a cor, o sotaque, a forma de acordo com a mudança do mundo que o cerca. Não tem idéias ou opiniões próprias; ele simplesmente se conforma. Quer apenas estar seguro, se encaixar, ser aceito, ser apreciado... Ele é famoso sendo um João-Ninguém, um sem-personalidade.¹⁹

Poderia descartar a caricatura dos que querem agradar a outros, não fosse por encontrar tanto de Leonard Zelig em mim mesmo. Esta postura afetada de meus desejos egocêntricos usa milhares de máscaras. Minha imagem resplandecente precisa ser preservada a qualquer custo. Meu impostor treme com a possibilidade de se sujeitar ao desprazer e à ira dos outros. Incapaz de um discurso direto, ergue um muro, fala demais sem ter nada a dizer, procrastina e permanece quieto por conta do medo da rejeição. Como James Masterson escreveu em ***The search for the real self***:

O falso eu desempenha seu papel ilusório, protegendo-nos ostensivamente —, mas o faz de um jeito programado para manter nosso medo de sermos abandonados, de perdermos o apoio, tornando-nos incapazes de enfrentar as coisas por nós mesmos, sendo incapazes de ficar sozinhos.²⁰

O impostor vive com medo. Durante anos me vangloriei por ser pontual. Mas no silêncio e na solitude da cabana no Colorado, descobri que meu desempenho previsível estava enraizado no medo da desaprovação humana. Vozes repressoras de figuras autoritárias da minha infância ainda estão retidas na psique e disparam alertas de censura e repressão.

Os impostores se preocupam com a aceitação e a aprovação. Por causa da sufocante necessidade de agradar outros, não conseguem dizer não com a mesma confiança que dizem sim. Por isso fazem das pessoas, dos projetos e das causas uma extensão de si mesmos, motivados não pelo comprometimento pessoal, mas pelo medo de não atingir as expectativas dos outros.

O falso eu nasce na infância, quando não somos amados, quando somos rejeitados ou abandonados. John Bradshaw define a co-dependência como uma doença "caracterizada pela perda da identidade. Ser co-dependente é estar destituído do contato com os próprios sentimentos, as necessidades e os desejos".²¹

O impostor é o co-dependente clássico. Para alcançar aceitação e aprovação, o falso eu suprime, ou camufla, sentimentos, impossibilitando a honestidade emocional. Viver a partir do falso eu gera um desejo compulsivo de apresentar uma imagem perfeita para o público, de forma que todos nos admirem e ninguém nos conheça. A vida do impostor se transforma numa montanha russa de exultação e depressão.

O falso eu se vale de experiências externas para construir uma fonte pessoal de significado. A busca por dinheiro, poder, ***glamour***, proezas sexuais,

¹⁹ Walter J. BURGHARDT, *To Christ I look*, p. 15. De "Zapping the Zelig" em outra coleção de suas homilias. Ele mentoreou-me através de seus livros no efetivo uso de filmes, romances, poesias, músicas e outras palavras e símbolos americanos contemporâneos em relação com o evangelho. O *Tablet* de Londres chama Burghardt de "o grande homem de ouro dos homilistas americanos".

²⁰ P. 67.

²¹ *Home coming*, p. 8.

reconhecimento e **status** realça o mérito pessoal e cria a ilusão de sucesso. O impostor é o que ele **faz**.

Durante muitos anos escondi meu verdadeiro eu, valendo-me do desempenho no ministério. Construí uma identidade por meio de sermões, livros e relatos de histórias. Racionalizei que, se a maioria dos cristãos pensasse bem de mim, não haveria nada de errado comigo. Quanto mais investia no sucesso ministerial, mais real o impostor se tornava.

O impostor nos predispõe a valorizar o que não tem importância, revestindo com falso brilho o que é minimamente substancial e nos desviando do que é real. O falso eu nos faz viver num mundo de ilusões. O impostor é um mentiroso.

Nosso falso eu, cega obstinadamente cada um de nós para a luz e a verdade do próprio vazio. Não conseguimos reconhecer a escuridão interior. Ao contrário, o impostor proclama a escuridão como a luz mais intensa, envernizando a verdade e distorcendo a realidade. Isso me traz à mente as palavras do apóstolo João: "Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1Jo 1:8; NVI).

Suplicando a aprovação negada na infância, o falso eu vacila, a cada dia, com a instabilidade de um apetite insaciável por afirmação. Com minha fachada de papelão intacta, entro numa sala lotada, precedido por uma trombeta com surdina: "Aqui estou eu", enquanto o eu verdadeiro, escondido com Cristo em Deus, exclama: "Ah, aí está você!". O impostor assemelha-se, evidentemente, ao efeito que o álcool representa para o alcoólatra. Ele é sagaz, desconcertante e poderoso. Ele é traiçoeiro.

Num dos primeiros romances de Susan Howatch, ***Glittering images*** [***Imagens cintilantes***], o personagem principal, Charles Ashworth, é um jovem e brilhante teólogo anglicano que subitamente passa por um colapso moral. Distanciado de seu pai e ansiando pela bênção paterna, Ashworth vai a um mosteiro encontrar-se com seu mentor espiritual, um homem mais velho chamado Jon Darrow. Ashworth tem medo de ser exposto com clérigo corrupto e como fracasso espiritual. Astutamente, seu impostor intervém:

Pensar no fracasso abjeto era suficientemente aterrador, mas a idéia de decepcionar Darrow era intolerável. Em pânico, tentei freneticamente encontrar uma solução que me protegesse da vulnerabilidade e, quando ele retornou a meu quarto, naquela noite, a imagem cintilante lhe disse: "Gostaria mesmo que me contasse mais sobre você, padre. Há tanta coisa que gostaria de saber".

Assim que proferi as palavras, experimentei um relaxamento. Era uma técnica infalível para angariar a boa vontade de homens mais velhos. Eu lhe perguntaria sobre seu passado, ouviria com o ardente interesse do discípulo exemplar e seria recompensado com uma mostra gratificante de benevolência paternal, cega a todas as falhas e culpas que eu estava, desesperadamente, tentando encobrir. "Fale-me sobre quando serviu na Marinha!" Instiguei Darrow com todo o entusiasmo e encanto que consegui reunir, mas, embora tenha esperado confiantemente pela reação que anestesiaría o medo de não me encaixar, Darrow estava quieto... Outro silêncio despencou à medida que percebi as maquinações da minha imagem cintilante.²²

O impostor está atento ao tamanho, à forma e à cor das ataduras que encobrem minha insignificância. O falso eu me convence a ficar preocupado com

²² Susan HOWATCH, *Glittering images*, p. 278.

o peso. Se me entupo com um pote de sorvete e a balança sinaliza a aflição na manhã seguinte, fico abatido. Um lindo dia de sol me acena, mas para o impostor, ensimesmado, a beleza está longe da rosa. Acho que Jesus sorri com estas vaidades menores (ver como estou na vitrine de uma loja enquanto finjo estar olhando para as mercadorias), mas elas forçam minha atenção para fora do Deus que habita em mim, e temporariamente me tiram a alegria do Espírito Santo. O falso eu, porém, racionaliza a preocupação com minha cintura e com a aparência geral, e sussurra: "Uma imagem gorda e desalinhada diminuirá a credibilidade de seu ministério". Sagaz.

Suspeito não estar sozinho nisso. A obsessão narcisista com o peso na América do Norte é uma estratégia formidável do impostor. Apesar do válido e importante fator saúde, a quantidade de energia e tempo devotados para adquirir e manter uma figura esbelta é desconcertante. Nenhum aperitivo é imprevisto, nenhuma mordiscada é espontânea, nenhuma caloria deixa de ser anotada, e nenhum morango passa sem que se preste contas. Cria-se a orientação profissional, livros e revistas são esquadrinhados, **spas** para o cuidado com a saúde são subsidiados e os méritos da dieta de proteínas são debatidos em cadeia nacional de televisão.

O que é o êxtase espiritual comparado com o requintado prazer de parecer com um modelo? Parafraseando o cardeal Wolsey: "Ah, se tivesse servido a Deus da mesma forma como cuidei da minha cintura!"

O impostor exige ser notado. O anseio que tem por elogios fortalece sua busca fútil pela satisfação carnal. Suas ataduras são sua identidade. A aparência é tudo. Ele faz malabarismos com **esse quam videri** (ser em vez de parecer ser), de forma que a "aparência de ser" se torne seu **modus operandi**.

Na metade da leitura de um livro recém-publicado, percebi que o autor tinha citado algo que eu escrevera anteriormente. Instantaneamente, senti-me inundado de gratificação e tomado pela presunção. A medida que me voltei em oração a Jesus e entrei em contato com o verdadeiro eu, o impostor, sempre presente, foi mais uma vez exposto.

"Cada um de nós está obscurecido por uma pessoa ilusória: o falso eu", observou Thomas Merton. Ele prosseguiu explicando:

Esse é o homem que eu mesmo quero ser, mas que não pode existir, porque Deus não sabe nada a seu respeito. Ser desconhecido de Deus é definitivamente privacidade demais. O falso e privativo eu é o que quer existir fora do alcance da vontade e do amor de Deus — além da realidade e da vida. Esse eu não passa de uma ilusão. Não somos muito bons em reconhecer ilusões, muito menos as que nos são mais queridas — aquelas com as quais nascemos e que nutrem as raízes do pecado. Para a maior parte das pessoas no mundo, não há nenhuma realidade subjetiva maior do que o falso eu que possuem, e que não tem autorização para existir. Uma vida devotada ao culto dessa sombra é o que se chama de vida de pecado.²³

A noção que Merton tem do pecado não se concentra em cada um dos atos pecaminosos, mas na opção fundamental por uma vida de aparências. "Pode haver apenas dois amores fundamentais", escreveu Santo Agostinho: "o amor a Deus até o auto-esquecimento, ou o amor ao eu até o esquecimento e a recusa de Deus". A opção fundamental surge da **essência** de nosso ser, que está encarnada nas escolhas específicas da existência diária — tanto para o eu obscurecido, governado por desejos egocêntricos, quanto para o eu verdadeiro, escondido com Cristo em Deus.

²³ Citado por James Finley, *Merton's palace of nowhere*, p. 34.

É útil compreender que nem todos os atos humanos procedem da essência de nosso ser. Por exemplo, ao afirmar os votos do casamento, o marido faz uma escolha sincera de amar e honrar a esposa. Mas, num dia quente de verão, ele perde a paciência e entra numa discussão calorosa com ela. Mesmo assim, ele não revogou sua escolha, porque a raiva surge da periferia de sua personalidade, não das profundezas de sua alma. Tal ato não toca o coração de sua existência nem representa um comprometimento integral de sua pessoa.

Os impostores derivam sua identidade não apenas das conquistas, mas também dos relacionamentos interpessoais. Querem ficar bem com pessoas proeminentes porque isso realça o currículo e o senso de dignidade.

Numa noite solitária, nas Rochosas do Colorado, ouvi esta mensagem: "Brennan, você dá completa atenção a determinados membros da comunidade e está sempre com eles, mas oferece apenas uma presença negligente a outros. Os que têm estatura, riqueza e carisma, os que você considera interessantes ou encantadores, belos ou famosos recebem total atenção. Entretanto, as pessoas que você considera comuns ou desmazeladas, os de nível social mais baixo, que executam tarefas servis, os que não são cantados em prosa nem celebrados, estes não são tratados com a mesma consideração. Isso não é irrelevante para mim, Brennan. Sua forma de ser com os outros, no dia-a-dia, independentemente de sua posição, é o verdadeiro teste da fé".

Mais tarde naquela noite, enquanto pescava de sono, imagens contrastantes dançavam na tela da mente: Carlton Hayes, um atleta magnificamente talhado aos vinte e poucos anos, 1,90 de altura e 84 quilos, pula numa cama elástica com o brilho irresistível de um sorriso. Uma multidão se ajunta. Ele passa a pular corda — uma mostra deslumbrante de coordenação, agilidade e graça. Os espectadores dão vivas. "Louvado seja o Senhor", grita o atleta.

Enquanto isso, Moe, um de seus ajudantes, se aproxima com uma garrafa de água. Moe tem pouco mais de cinquenta anos, tem 1,62 de altura e é barrigudo. Usa um terno amarrotado, camisa com o colarinho aberto, gravata fora do lugar. Moe tem uma pequena faixa de cabelo emaranhado e ensebado, que vai das têmporas até a parte de trás da cabeça, onde desaparece num grumo de cabelo meio preto, meio cinza. O pequeno ajudante está com a barba por fazer. Suas bochechas gordas e caídas, e um olho de vidro fazem os olhos dos expectadores se desviarem rapidamente.

É um bronco patético — diz um homem.

Apenas um parasita obsequioso, sugando um artista — acrescenta outro.

Moe não é uma coisa nem outra. Seu coração está enterrado em Cristo, no amor do Pai. Ele se move sem constrangimentos no meio da multidão e entrega graciosamente a água para o herói. Ele se sente ajustado, como uma luva na mão, ao seu papel de servo (foi assim que Jesus se manifestou pela primeira vez a Moe e transformou sua vida). Moe se sente seguro consigo.

Naquela noite, Carlton Hayes faria o discurso principal no banquete da Associação dos Atletas Cristãos, vindos de toda parte dos Estados Unidos. Além disso, seria homenageado com uma taça de cristal, por ser o primeiro atleta a ganhar oito medalhas olímpicas.

Cinco mil pessoas se reuniram no hotel Ritz-Carlton. Celebidades do mundo da política, dos esportes e da mídia estão espalhadas por todo o salão. Quando Hayes se dirige ao pódio, a multidão está quase no fim de uma refeição suntuosa. O discurso do orador é abundante em referências ao poder de Cristo e à imperturbável gratidão a Deus. Corações são tocados, homens e mulheres choram livremente e, então, ovacionam em pé.

Mas, por trás desse cintilante discurso, o olhar vago de Carlton revela que suas palavras não habitam sua alma. O estrelato corroeu sua presença junto a Jesus. A intimidade com Deus se esvaneceu na distância. O sussurrar do Espírito foi abafado pelo aplauso ensurdecedor.

Sustentado pelo sucesso e pelo rugido da multidão, o herói olímpico move-se facilmente de uma mesa a outra. Ele se engraça com todos, desde os garçons até as estrelas de cinema. Ao mesmo tempo, num hotel barato, Moe come sozinho sua quentinha congelada. Não foi convidado para o banquete no Ritz-Carlton porque, ele simplesmente não se encaixaria ali. É claro que não seria adequado para um ajudante bronco, com barriga de bujão e um olho de vidro puxar uma cadeira ao lado de pessoas como Ronald Reagan, Charlton Heston e Arnold Schwarzenegger.

Moe senta-se à mesa de seu quarto e fecha os olhos. O amor do Cristo crucificado o invade. Seus olhos se enchem de lágrimas. "Obrigado Jesus", sussurra, enquanto retira a cobertura plástica da lasanha esquentada no microondas. Ele folheia sua Bíblia até o salmo 23.

Eu também estava no sonho. Onde escolhi passar a noite? O impostor alugou um **smoking** e fomos ao Ritz. Na manhã seguinte acordei às quatro horas da madrugada, tomei um banho, fiz a barba, preparei uma xícara de café e passei o polegar na borda da Bíblia. Meus olhos caíram numa passagem de 2Coríntios: "De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano" (5:16; NVI). Ai! Carrego o peso morto do falso eu até mesmo em meus sonhos.

Eu me identifico com Charles Ashworth, a personagem do romance de Howatch, quando seu mentor espiritual comenta:

Charles, seria interpretar demais suas observações se eu deduzisse delas que a apreciação e a aprovação são muito importantes para você?

Bem, é claro que elas são importantes — exclama Ashworth. — Não são importantes para todos? A vida não tem tudo a ver com isso? O sucesso é ser apreciado e aprovado pelas pessoas. Falhar significa ser rejeitado. Todo o mundo sabe disso.²⁴

A triste ironia é que o impostor não consegue experimentar intimidade em nenhum relacionamento. Seu narcisismo exclui os outros. Incapaz de ter intimidade consigo, além do alcance de seus sentimentos, intuições e percepções, o impostor é insensível ao humor, às necessidades e aos sonhos de outros. O compartilhamento recíproco é impossível. O impostor construiu a vida em torno das conquistas, do sucesso, do ativismo e de atividades autocentradas que trazem gratificação e elogio dos outros. James Masterson, afirmou:

E da natureza do falso eu nos impedir de saber a verdade acerca de nós mesmos, de penetrar nas causas profundas de nossa infelicidade, de nos ver como realmente somos — vulneráveis, amedrontados, aterrorizados e incapazes de deixar que o eu verdadeiro venha à tona.²⁵

Por que o impostor se ajeita na vida de modo tão medíocre? Primeiro porque as memórias reprimidas da infância, que assentam o padrão de auto-engano, são dolorosas demais para ser lembradas e, assim, permanecem

²⁴ Op. cit., p. 162.

²⁵ Op. cit., p. 63.

cuidadosamente encobertas. Vozes tênues do passado agitam sentimentos vagos de correção irritada e abandono implícito. O resumo de Masterson é apropriado:

O falso eu possui um radar defensivo altamente desenvolvido, cujo propósito é evitar sentimentos de rejeição, embora sacrifique a necessidade de intimidade. O sistema é construído durante os primeiros anos de vida, quando é importante detectar o que pode causar a desaprovação materna.²⁶

A segunda razão pela qual o impostor se arruma com pouco na vida é a simples e velha covardia. Sendo pequeno, poderia justificadamente admitir uma culpa menor para evitar um castigo menor, afirmando que era impotente e indefeso. Mas, no outono da minha vida, fortalecido com tanto amor e afeição, e temperado com juramento eterno, devo dolorosamente reconhecer que ainda opero centralizado no medo.

Fiquei sem fala em situações de flagrante injustiça. Enquanto o impostor mostrava um desempenho soberbo, assumi um papel passivo nos relacionamentos, sufoquei o pensamento criativo, neguei os sentimentos reais, me permiti ser intimidado, então racionalizei meu comportamento ao me convencer de que o Senhor quer que eu seja um instrumento da paz... A que preço?

Merton disse que uma vida devotada à sombra é uma vida de pecado. Tenho pecado em minha recusa covarde — por causa do medo da rejeição — de pensar, sentir, agir, reagir e viver o eu autêntico. Obviamente, o impostor "refuta, de maneira implacável, que a raiz do problema não é tão grave e deveria ser ignorada, que homens e mulheres 'maduros' não ficariam tão irritados por causa de algo tão trivial, que o equilíbrio deve ser mantido ainda que isso signifique colocar limites irracionais nas esperanças e nos sonhos pessoais, aceitando a vida em sua forma mediocrizada".



Nós nos recusamos a ser o eu verdadeiro até mesmo com Deus — e, então, nos perguntamos por que nos falta intimidade com ele. O desejo mais profundo de nosso coração é ter a união com Deus. Desde o primeiro momento de nossa existência, o anseio mais forte é cumprir o propósito original de nossa vida: "vê-lo mais claramente, amá-lo mais carinhosamente, segui-lo mais de perto". Somos criados para o Senhor, e nada menos nos satisfará de verdade.

C. S. Lewis pôde dizer que foi "surpreendido pela alegria", tomado por um desejo que fez "tudo o mais que já aconteceu... insignificante, se comparado". Nosso coração sempre estará inquieto até que descanse nele. Jeffrey D. Imhach, em ***The recovery of love***, escreveu: "A oração é essencialmente a expressão do coração ansiando por amor. Não é tanto a lista de nossos pedidos, mas o respirar de nossos pedidos mais profundos, o estar unidos com Deus da forma mais completa possível".²⁷

²⁶ Op.cit., p. 66.

²⁷ P. 62,3.

Você já se sentiu frustrado na oração por uma resistência interna? Pelo terror existencial do silêncio, da solidude e por estar sozinho com Deus? Pela forma como você se arrasta para fora da cama no louvor matinal, movendo-se pesadamente para adorar com o torpor sacramental do doente terminal, suportar a oração de toda noite com resignação estóica, sabendo que "isso também passará"?

Cuidado com o impostor!

O falso eu é especializado em disfarces traiçoeiros. E a parte preguiçosa do eu, resistindo ao esforço, ao ascetismo e à disciplina que a intimidade com Deus requer. Ele inspira racionalizações como: "Meu trabalho é minha oração; estou muito ocupado; a oração deve ser espontânea, por isso só oro quando sou movido pelo Espírito". As desculpas esfarrapadas do falso eu, nos permitem manter o **status quo**.

O impostor tem pavor de ficar sozinho, sabe "que, se ficar quieto interna e externamente, descobrirá por si mesmo que não é nada. Será deixado sem nada, além da própria insignificância, e para o falso eu, que afirma ser tudo, tal descoberta seria a ruína."²⁸

Obviamente, o impostor se impacienta com a oração. Tem fome de coisas excitantes, suplica por experiências que alterem o humor. Fica deprimido quando é privado dos holofotes.

O falso eu se frustra porque nunca ouve a voz de Deus. Não consegue, uma vez que Deus não vê ninguém ali. A oração é a morte de toda identidade que não procede de Deus. O falso eu foge do silêncio e da solidude porque o lembram da morte.

Parker Palmer afirmou:

Ficar completamente quieto e inalcançável na solidão são dois dos sinais de que a vida se foi, portanto, a atividade e a comunicação animada não apenas significam vida, mas ajudam a desviar a atenção da perspectiva de que nossa vida um dia cessará.²⁹

O estilo de vida frenético do impostor não tolera a inspeção da morte, porque o confronta com a verdade insuportável:

Não há nenhuma substância sob as coisas com as quais está vestido. Você é oco e sua estrutura de prazer e ambições não tem fundamento. Você se torna um objeto nelas.

Todas, porém, estão destinadas, pela própria contingência, a ser destruídas. E quando elas se forem, não sobrar nada de você, além da nudez e do vazio, para lhe contar que você é o próprio erro.³⁰

A dissecação da anatomia do impostor parece ser um exercício masoquista de autoflagelo. Essa introspecção mórbida não é auto-derrotista? E realmente necessária?

²⁸ James FINLEY, *Merton's palace of nowhere*, p. 36.

²⁹ "The monastic way to church renewal". Esse artigo pode ser encontrado em *Desert Call*, um periódico publicado trimestralmente pelo Spiritual Life Institute of America.

³⁰ Thomas MERTON, *New seeds of contemplation*, p. 35.

Continuo afirmando que não é apenas necessária, mas indispensável para o crescimento espiritual. O impostor precisa sair do esconderijo, precisa ser aceito e acolhido. Ele é parte de mim mesmo. Qualquer coisa negada não pode ser curada.

Reconhecer com humildade que habito freqüentemente num mundo irreal, que banalizei meu relacionamento com Deus e que sou levado por vãs ambições, tudo isso é o primeiro golpe para dismantelar minha imagem cintilante. A honestidade e a disposição de tirar o encanto do falso eu dinamitam o alçapão do auto-engano.

A paz reside na aceitação da verdade. Qualquer faceta do eu obscurecido que nos recusamos a acolher torna-se o inimigo e nos força a atitudes defensivas. Como Simon Tugwell escreveu:

E os pedaços descartados de nós mesmos rapidamente se encarnarão naqueles que nos rodeiam. Nem toda hostilidade é decorrente disso, mas é o fator mais relevante de nossa incapacidade de lidar com outras pessoas, pois elas representam para nós exatamente aqueles elementos que nos recusamos a reconhecer.³¹

À medida que encaramos nosso egoísmo e nossa estupidez, nos tornamos companheiros do impostor, aceitamos estar quebrados, empobrecidos e percebemos que, se não estivéssemos, seríamos Deus. A arte de ser gentis conosco nos leva a ser gentis com os outros, e é um pré-requisito natural para nossa presença com Deus em oração.

Detestar o impostor é, na verdade, detestar a si mesmo. O impostor e o eu constituem uma pessoa. O desrespeito ao impostor dá vazão à hostilidade, que se manifesta numa irritabilidade generalizada — uma irritação com as falhas nos outros que odiamos em nós mesmos. O ódio autodirigido sempre resulta nalguma forma de comportamento autodestrutivo.

Aceitar a realidade de nossa pecaminosidade significa aceitar o eu autêntico. Judas não conseguiu encarar sua sombra; Pedro conseguiu. Este amparou o impostor dentro de si; aquele enfureceu-se contra o impostor. "O suicídio não acontece num impulso repentino. É um ato que foi ensaiado durante anos por um comportamento punitivo de padrões inconscientes".³²

A auto-aceitação é a essência do problema moral e o epítome da perspectiva integral para a vida. Dar comida aos pobres, perdoar um insulto, amar meu inimigo em nome de Cristo — todas são indubitavelmente grandes virtudes. O que faço para o menor de meus irmãos, o faço para Cristo. Mas e se eu descobrisse que o menor entre eles, o mais pobre dos mendigos, o mais despudorado dos infratores, o próprio inimigo em pessoa estão dentro de mim, e que eu mesmo preciso das minhas esmolas, e que eu mesmo sou o inimigo que precisa ser amado? E aí? Normalmente, nesse caso, revertemos a situação. Já não se trata de uma questão de amor ou de tolerância; dizemos ao irmão dentro de nós: "Raca" [Mateus 5:22], nos condenamos e nos enfurecemos contra nós mesmos. Escondemos isso do mundo; nos recusamos mesmo a admitir que encontramos esse ínfimo entre os inferiores dentro de nós mesmos.³³

³¹ *The beatitudes: soundings in Christian tradition*, p. 112.

³² Philomena Agudo, *Intimacy*, p. 21.

³³ C. J. JUNG, *Modern man in search of a soul*, p. 235.

Quando aceitamos a verdade do que realmente somos e a submetemos a Cristo, a paz nos envolve, quer a sintamos ou não. Com isso quero dizer que a paz que excede todo o entendimento não é uma sensação subjetiva de paz; se estivermos em Cristo, estaremos em paz, mesmo quando não sintamos paz alguma.

Com benevolência e compreensão da fraqueza humana, que somente Deus consegue mostrar, Jesus nos liberta da alienação e da autocondenação, e oferece a cada um de nós uma nova possibilidade. Ele é o Salvador que nos defende de nós mesmos. Sua Palavra é liberdade. O Mestre nos diz:

Queime as velhas fitas que circundam sua cabeça, que o amarram e o prendem a um estereótipo autocentrado. Ouça o novo cântico de salvação escrito para os que sabem que são pobres. Abandone o medo que tem do Pai e o desgosto por si mesmo. Lembre-se da história de Dom **Quixote**? O Cavaleiro dos Espelhos mentiu para ele quando disse: "Veja-se como realmente é. Descubra que você não é um nobre cavaleiro, mas o espantalho de um homem idiota". O Encantador mente para você quando diz: "Não és um cavaleiro, não passas de um tolo fingido. Olha no espelho da realidade. Contempla as coisas como são. O que vês? Nada, além de um velho tolo".

O Pai das Mentiras torce a verdade e distorce a realidade. É o autor do cinismo e do ceticismo, da desconfiança e do desespero, do pensamento doentio e do detestar-se. Eu sou o Filho da compaixão. Você me pertence e ninguém o tirará da minha mão.

Jesus desvenda os verdadeiros sentimentos de Deus a nosso respeito. À medida que viramos as páginas dos evangelhos, descobrimos que as pessoas que Jesus encontra ali são você e eu. A compreensão e a compaixão que oferece a elas, também as oferece a você e a mim.

No vigésimo e último dia de minha estada nas Rochosas do Colorado, escrevi esta carta:

Bom dia, impostor. Certamente você se surpreende com o cumprimento cordial. Talvez esperasse um "olá, seu tonto", uma vez que lhe dei marteladas desde o primeiro dia deste retiro.

Deixe-me começar admitindo que tenho sido irracional, ingrato e desequilibrado ao avaliá-lo. (É claro que, você sabe que ao me dirigir a você, converso comigo. Você não é algo isolado, uma entidade despersonalizada vivendo num asteroide, mas uma parte real de mim.)

Hoje, venho a você não com uma vara na mão, mas com um ramo de oliveira. Quando era pequenino e pela primeira vez percebi que ninguém me protegia, você interveio e mostrou onde me esconder. (Na Depressão dos anos 30, você se lembra, meus pais estavam fazendo o que podiam com o que tinham apenas para providenciar comida e abrigo.)

Naquele momento, você foi inestimável. Sem sua intervenção teria sido sobrepujado pelo terror e paralisado pelo medo. Você me defendeu e desempenhou um papel crucial e protetor em meu desenvolvimento. Obrigado.

Aos quatro anos, você me ensinou a construir uma cabana. Eu rastejava, disfarçadamente, da cabeceira até os pés da cama e puxava o lençol, a coberta e o travesseiro para cima de mim — acreditando que ninguém me encontraria. Eu me sentia seguro. Ainda me impressiono como funcionava bem. Minha mente tinha pensamentos felizes, espontaneamente sorria e começava a rir escondido. Construímos, juntos, aquela cabana porque o mundo em que habitávamos não era um lugar amistoso.

No processo de construção, porém, você me ensinou a esconder de todos o eu verdadeiro e iniciou um processo vitalício de encobrimento, refreamento e retraimento. Seus recursos me capacitaram a sobreviver, mas, então, seu lado malévolo apareceu e você começou a mentir para mim. "Brennan", você sussurrava, "se insistir nessa bobagem de ser você mesmo, seus poucos e pacientes amigos vão dar no pé, deixando-o completamente sozinho. Guarde seus sentimentos, apague suas memórias, retenha suas opiniões e desenvolva habilidades sociais que lhe permitam encaixar-se em qualquer situação".

Dessa forma, começou o elaborado jogo de fingimento e engano. Por ter funcionado, não levantei nenhuma objeção. Com o passar dos anos, você e eu marcamos pontos usando uma variedade de recursos. Estávamos inflados e concluímos que o jogo deveria continuar.

Entretanto, você precisou de alguém que lhe colocasse as rédeas, que o encabrestasse. Eu não tinha percepção nem coragem para domá-lo, assim você continuou a fazer uma barulheira como Sherman cruzando Atlanta, reunindo forças ao longo do caminho. Seu apetite por atenção e afirmação se tornou insaciável. Nunca o confrontei em relação à mentira porque eu mesmo estava enganado.

No final das contas, meu amigo mimado, você é pobre e egoísta. Precisa de carinho, amor e um lugar seguro para habitar.

Neste último dia nas Rochosas, meu presente é levá-lo aonde, sem o saber, você tem ansiado estar: na presença de Jesus. Seus dias de causador de tumulto são passado. A partir de agora, diminua o ritmo, diminua bastante o ritmo.

Na presença de Deus, percebo que você já começa a diminuir. Quer saber de uma coisa, rapazinho? Você é muito mais atraente desse jeito. Estou apelidando-o de "Pequerrucho". Naturalmente, você não vai, de repente, rodopiar e morrer. Sei que às vezes ficará enfadado e começará a encenar, mas, quanto mais tempo passar na presença de Jesus, mais acostumado ficará com a face dele e precisará de menos adulação, porque terá descoberto, por si mesmo, que ele é Suficiente. Em sua presença, você se deliciará com a descoberta do que significa viver pela graça, e não pelo desempenho.

Seu amigo,
Brennan

CAPÍTULO TRÊS

O AMADO

Depois que William Least Heat Moon descobriu que seu emprego como professor universitário havia terminado porque sua inscrição fora recusada, e que sua esposa, de quem estava separado, estava morando com outro homem, pôs-se a caminho de explorar as "estradas tristes" — as estradas vicinais da América do Norte.

Numa manhã, enquanto tomava o café-da-manhã na cafeteria do **campus** no Mississippi College, em Clinton, "um estudante com cabelo à escovinha, usando pantalonas, sentou-se a mesa com uma pilha enorme de panquecas. O rapaz era metódico. Depois de orar por quase um minuto, tirou da pasta um suporte de leitura para a Bíblia, cliques para manter o livro aberto, canetas hidrográficas verde, rosa e amarela. Então, veio uma bisnaga de margarina líquida, uma garrafa com calda para panqueca embrulhada em plástico e um guardanapo de linho com aroma de limão. A coisa toda parecia com os antigos circos, em que doze homens saíam de um carro do tamanho de uma lata de lixo... Pensei que as próximas coisas que sairiam da pasta seriam uma garrafa térmica e a Arca da Aliança".³⁴

Nessa descrição, Moon oferece um vislumbre do eu verdadeiro — sem constrangimentos, sincero, imerso na vida, absorto pelo momento presente, respirando em Deus tão naturalmente quanto um peixe n'água.

A espiritualidade não é um compartimento ou uma esfera da vida. Antes, é um estilo de vida: o processo da vida vivida com a visão da fé. A santidade reside em descobrir o eu verdadeiro, em mover-se na sua direção e viver a partir dele.

A medida que os anos passavam no monastério, Thomas Merton começou a ver que o desenvolvimento espiritual mais elevado estava em ser "comum", "tornar-se plenamente homem, de uma forma que poucos seres humanos conseguem se tornar tão simples e naturalmente... à medida do que outros deveriam ser se a sociedade não os distorcesse com ganância, ambição, cobiça ou carência desesperada".³⁵

John Eagan, que morreu em 1987, era um homem comum. Professor de um colégio pouco reconhecido, em Milwaukee, passou trinta anos ministrando aos jovens dali. Nunca escreveu um livro, apareceu na televisão nem converteu as massas.

Em outras palavras, Eagan nunca conquistou uma reputação por sua santidade. Ele comia, dormia, bebia, fazia trilha de bicicleta, perambulava pelo bosque, dava aulas e orava. Mantinha um diário, publicado logo após sua morte. Era a história de um homem comum cuja alma era seduzida e enlevada por Jesus Cristo. Na introdução de sua obra *A **travaler toward the dawn***, está escrito:

O ponto principal do diário de John é que nós somos os maiores obstáculos para a nobreza de nossa alma — que é o significado da santidade. Nós nos julgamos servos indignos, e esse julgamento se torna uma autoprofecia. Supomos que Deus nem considera nos usar, mesmo um Deus capaz de realizar milagres usando apenas lama e saliva. Assim, nossa falsa humildade acorrenta um Deus que, por outro lado, é onipotente.³⁶

Eagan, um homem imperfeito, com fraquezas evidentes e defeitos de caráter, aprendeu que a transgressão é própria da condição humana, que

³⁴ William Least Heat Moon, *Blue highways*, p. 108,9.

³⁵ Monica FURLONG, *Merton: a biography*, p. 18.

³⁶ P. xii.

devemos nos perdoar por não sermos amáveis, por sermos inconsistentes, incompetentes, irritáveis e gorduchos. Ele sabia que seus pecados não podiam afastá-lo de Deus. Todos eles foram redimidos pelo sangue de Cristo. Arrependido, levou o eu obscuro até a cruz e ousou viver como um homem perdoado. Na jornada de Eagan, ouvem-se ecos de Merton: "Deus está pedindo a mim, ao indigno, que esqueça a minha indignidade e a de meus irmãos, para ousar ir em frente no amor que redimiui e renovou a todos nós à semelhança de Deus. E então, ao final, rir das idéias despropositadas de 'merecimento'".³⁷

Lutando para diminuir o tamanho do eu ilusório, Eagan buscou uma vida de oração contemplativa com fidelidade impiedosa. Durante seu retiro anual de oito dias, com ênfase no silêncio, a revelação do eu verdadeiro o atingiu com uma força brutal. Na manhã do sexto dia, ele recebeu a visita de seu mentor espiritual:

Naquele dia, Bob falava com grande clareza, batendo na mesa com o punho:

"... John, este é seu chamado, a forma como Deus está chamando **você**. Ore pelo aprofundamento deste amor, sim, saboreie este momento em que Deus está presente. Ceda ao contemplativo em você, renda-se a ele; solte-se, busque a Deus..."

Então, ele afirma algo que me fará ponderar durante anos; e o faz deliberadamente. Peço que repita para que eu possa escrever. "John, o coração disso tudo é: faça do Senhor e de seu imenso amor por você o que constitui seu valor pessoal. **Defina-se radicalmente como o amado de Deus**. O amor de Deus por você e ser o escolhido dele constituem o seu valor. Aceite isso e deixe que se torne a coisa mais importante da sua vida."

Discutimos o assunto. Os fundamentos de meu valor pessoal não são posses, talentos, estima de outros, reputação... nem o renome que traz a glória do reconhecimento de pais e filhos, o aplauso, nem todos lhe dizendo quanto você é importante para o lugar... Agora, permaneço ancorado em Deus, diante de quem me encontro nu; esse Deus que me diz "Você é meu filho, o meu amado".³⁸

O eu comum é o eu incomum — o ninguém insignificante que treme no frio do inverno e transpira no calor do verão, que acorda sem ter feito as pazes com o novo dia, que se senta diante de uma pilha de panquecas, que costura no trânsito, que faz barulho no porão, que faz compras no supermercado, que capina as folhas e as junta num monte, que faz amor e bolas de neve, que empina pipas e ouve o barulho da chuva bater no telhado.

Enquanto o impostor deriva sua identidade de conquistas passadas e da adulação dos outros, o eu verdadeiro sustenta sua identidade na amorosidade. Encontramos Deus nas coisas comuns da vida: não na busca da espiritualidade sublime ou do extraordinário, nem nas experiências místicas, mas simplesmente em estar presentes na vida.

Escrevendo para um intelectual e amigo íntimo, de Nova York, Henri Nouwen afirmou: "Tudo o que quero lhe dizer é 'Você é o amado' e tudo o que espero é que possa ouvir essas palavras como se ditas a você com toda a ternura e força que o amor pode compreender em si. Meu único desejo é fazer reverberar essas palavras em cada canto de seu ser: 'Você é o amado'³⁹. Ancorado nessa realidade, o eu verdadeiro não precisa de trombetas com surdina para anunciar

³⁷ Citado por James FINLEY, *Merton's palace of nowhere*, p. 71.

³⁸ Op. cit., p. 150,1.

³⁹ *Life of the beloved*, p. 26.

sua chegada nem de um palanque espalhafatoso para prender a atenção dos outros. Damos glória a Deus simplesmente por sermos nós mesmos.

Deus nos criou para estarmos unidos a ele: esse é o propósito original de nossa vida. Deus se define como amor (1Jo 4:16). Viver com a consciência de ser o amado é o eixo em torno do qual a vida cristã se desenrola. Ser o amado é nossa identidade, o centro de nossa existência. Não é apenas um pensamento arrogante, uma idéia inspiradora ou um nome entre tantos outros. É o nome pelo qual Deus nos conhece, e a forma pela qual se relaciona conosco.

Como Deus disse: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe" (Ap2:17).

Se eu preciso buscar uma identidade que não esteja em mim mesmo, o acúmulo de riqueza, poder e honra me fascina. Ou, então, posso encontrar meu centro de gravidade nos relacionamentos sociais. Ironicamente, a própria igreja pode afagar o impostor conferindo ou retendo honrarias, oferecendo o orgulho de uma posição baseada no desempenho e criando a ilusão de **status** pelo escalão e pela ordem de importância. Quando pertencer a um grupo de elite eclipsa o amor de Deus, quando tiro vida e significado de qualquer outra fonte diferente da minha condição de amado, estou morto espiritualmente. Quando Deus é relegado a segundo plano, atrás de quaisquer bugigangas ou ninharias, troquei a pérola de grande preço por fragmentos de vidro pintado.

"Quem sou eu?", perguntou Merton, e respondeu: "Sou aquele que é amado por Cristo".⁴⁰ Isso é a base do eu verdadeiro. A condição indispensável para desenvolver e manter a consciência de que somos os amados é reservar tempo a sós com Deus. Na solitude, estamos em harmonia, sem a recusa, declarada nos murmúrios, de nossa indignidade, e mergulhamos no mistério do eu verdadeiro. Nosso anseio por saber quem somos de verdade — conhecer a origem de nosso descontentamento — nunca será satisfeito até confrontarmos e aceitarmos nossa solitude. Lá, descobrimos que a verdade sobre sermos os amados é realmente legítima. Nossa identidade repousa na ternura implacável de Deus por nós, revelada em Jesus Cristo.

Nosso frenesi controlado cria a ilusão de uma existência bem ordenada. Movemo-nos de crise em crise, reagindo ao urgente e negligenciando o essencial. Andamos continuamente em círculos. Ainda fazemos todos os gestos e praticamos todas as ações identificadas como humanas, mas nos assemelhamos a pessoas levadas por esteiras rolantes de aeroportos. O frio na barriga se extingue. Por sermos os amados, não mais ouvimos o que Boris Pasternak chamou de "música interna". Mike Yaconelli, co-fundador da Youth Specialties, conta sobre o tempo em que, abatido e desmoralizado, arrastou-se pesadamente com sua esposa, Karla, até Toronto, Canadá, para um retiro na comunidade L'Arche [A Arca]. Ele foi com a esperança de obter inspiração das pessoas com deficiências físicas e mentais que viviam ali, ou buscar alívio na presença e na pregação de Henri Nouwen. Em vez disso, encontrou o eu verdadeiro. Ele conta a história:

Levou apenas algumas horas de silêncio antes de começar a ouvir minha alma falar. Demorou pouco até descobrir que não estava sozinho. Deus estava tentando gritar mais alto do que a barulheira da minha vida, contudo, eu não podia ouvi-lo. Mas, na calma e na solitude, seus sussurros gritaram de dentro da minha alma: "Michael, estou aqui. Tenho-o chamado, mas você não me escutou. Consegue me ouvir, Michael? Eu amo você. Sempre o

⁴⁰ James FINLEY, *Mertons palace of nowhere*, p. 96.

amei. Esperava que você me ouvisse dizê-lo. Mas você tem estado tão ocupado tentando provar para si mesmo que é amado, que nem me ouviu".

Eu o ouvi, e minha alma sonolenta encheu-se com a alegria do filho pródigo. Minha alma foi despertada por um Pai amoroso que tem procurado e esperado por mim. Finalmente aceitei minha transgressão... Nunca rinha me acertado com isso. Deixe-me explicar. Eu sabia que estava quebrado. Sabia que era pecador. Sabia que decepcionava Deus continuamente, mas nunca consegui aceitar esse meu lado. Era uma parte que me envergonhava. Sentia continuamente a necessidade de me desculpar, de fugir da minha fraqueza, de negar quem eu era para me concentrar em quem deveria ser. Estava quebrado, sim, mas tentando continuamente nunca mais me quebrar de novo — ou, pelo menos, chegar a um lugar em que raramente estivesse quebrado.

Em L'Arche, tornou-se muito claro, para mim, que não havia entendido completamente a fé cristã. Cheguei a perceber que Jesus me fortalecia em minha transgressão, impotência e fraqueza. Era na aceitação da falta de fé que Deus poderia me dar fé. Era ao acolher minha transgressão que poderia me identificar com a transgressão dos outros. Meu papel era identificar-me com a dor de outros, não aliviá-la. Ministar era compartilhar, não dominar; entender, não teologizar; cuidar, não consertar.

O que isso tudo significa?

Não sei... e sendo bem grosseiro, esta não é a questão? Sei apenas que em momentos específicos de nossa vida, ajustamos seu curso. Esse foi um desses momentos, para mim. Se você olhasse o mapa da minha vida, não perceberia nenhuma diferença notável, a não ser por uma ligeira mudança de direção. Só posso dizer que tudo parece diferente agora. Há uma expectativa, uma energia por causa da presença de Deus em minha vida que nunca experimentei antes. Só posso dizer-lhe que, pela primeira vez em minha vida, posso ouvir Jesus sussurrar todos os dias: "Michael, eu te amo. Você é o amado". E por alguma estranha razão, isso parece ser suficiente.⁴¹

O tom inodoro desta narrativa revela o aroma de um homem sem fingimentos. Nenhuma fachada piedosa, nenhuma falsa modéstia. Algo mudou. Numa noite de inverno em Toronto, um vaso terreno, com pés de barro pôs-se a crer em sua amorosidade. Yaconelli ainda escova os dentes, ajeita sua barba irregular, coloca a calça uma perna por vez, senta-se com avidez diante de uma grande pilha de panquecas, mas sua alma está embebida em glória. A ternura de Deus fez desmoronar as defesas que Yaconelli levantara. A esperança foi restaurada. O futuro não mais parece agourento. Levado cativo ao **agora**, Yaconelli não tem espaço sobrando para a ansiedade acerca do amanhã. O impostor retornará de tempos em tempos, mas, no deserto do momento presente, Yaconelli repousa num local seguro.

Não estamos olhando para um gigante espiritual da tradição cristã, mas para um homem cristão comum que se encontrou com o Deus de pessoas comuns. O Deus que segura patifes e maltrapilhos pelos cabelos e os eleva para que se sentem entre príncipes e princesas de seu povo.

⁴¹ Mike YACONELLI, *The back door*. Uma coluna escrita pelo editor de *The door*, um periódico cristão bimestral que é cáustico, irreverente, satírico, muitas vezes sério, ocasionalmente superficial, freqüentemente provocativo, surpreendentemente espiritual, meu favorito, a assinatura mais divertida e, como diz o anúncio, "o presente perfeito para as mentes fechadas".

Esse milagre basta para qualquer um de nós? Ou o trovejar do "Deus amou o mundo de tal maneira" foi tão abafado pelo rugido da retórica religiosa que ficamos surdos para a promessa de que Deus tem sentimentos ternos por nós?



O que me impactou ao ler a coluna **Back door**, de Yaconelli, foi a simplicidade, a honestidade e a franqueza das palavras. Elas estão em claro contraste com a linguagem inflada dos impostores que se escondem em subterfúgios, ambigüidades e obscurecimentos.

Há muitos anos, no vigor do meu impostor, fiz a resenha do primeiro livro publicado de um colega impostor. Defendo seu estilo de prosa dizendo: "Seus floreios são meramente pomposidade. Entrementes, sua infatigável vaporosidade possui uma fluidez orgânica, uma turgescência difícil de reproduzir e estranhamente catártica para o leitor". Uau!

Iniciei uma palestra sobre o décimo primeiro passo do programa dos Alcoólicos Anônimos com a história de um homem em crise, que encontra e come um morango. Enfatizava sua capacidade de viver no presente. Então, lancei-me no que considereei uma deslumbrante explicação do passo, uma interpretação profunda, repleta de percepções ontológicas, teológicas e espirituais.

Após a palestra, uma mulher se aproximou do palco e me disse: "Adorei a história sobre o morango". Concordamos que um simples morango teve mais força do que todas as minhas futilidades pomposas.

O vocabulário do impostor é abundante em palavras infladas, coloridas e presunçosas. Será mera coincidência que inexistente no evangelho a linguagem vazia, tímida? Os evangelhos não contêm traços de palavras refugadas, de jargões ou de **nonsense** significativo. Desatrelado e indomado, o impostor freqüentemente ressoa como um híbrido de William Faulkner com os irmãos Marx. Suas fervorosas declarações e suntuosidade são uma profusão de meias-verdades. Por ser o mestre dos disfarces, pode facilmente escorregar para a humildade fingida, o ouvinte atencioso, o espirituoso contador de histórias, o intelectual arrojado ou o cidadão do mundo. O falso eu controla-se, talentosamente, para não se abrir, evitando, escrupulosamente, qualquer revelação pessoal significativa.

Walker Percy capta essa atitude evasiva numa cena arrepiante de seu romance **The second coming**:

Ela falava como gente tranqüila após a tempestade, cuja voz parece abafada. O que o impactou não foi a tristeza, o remorso ou a piedade, mas a surpresa. Como pode ser? O que acontece, pois num dia você é jovem, se casa, noutro dia e você cai em si e sua vida passou como um sonho? Eles se olharam com curiosidade e ficaram se perguntando como puderam perder um ao outro, viver na mesma casa por todos esses anos e passar no corredor como fantasmas.⁴²

⁴² Walker PERCY, *The second coming*, p. 124. Dois romances de Percy, *The moviegoer*, que ganhou o prêmio Pulitzer em 1952, e *Lancelot*, exploram a busca pelo verdadeiro eu, e esse estilo literário é usado para investigar o autêntico e o falso cristianismo.

O silêncio não é apenas ausência de barulho nem interrupção da comunicação com o mundo exterior, mas um processo de chegar à tranquilidade. A solidude silenciosa faz avançar gradual e constantemente o discurso verdadeiro. Não estou falando de isolamento físico; aqui, solidude significa estar a sós com o Único, conhecendo o Outro transcendente, e desenvolver a consciência de sua identidade como sendo o amado. É impossível conhecer uma pessoa intimamente sem gastar tempo juntos. O silêncio faz da solidude uma realidade. Já se disse: "Silêncio é a solidude em ação".

E bem parecido com a história do executivo arruinado que foi até um sacerdote que vivia no deserto e se queixou de sua frustração na oração, sua virtude violada e seus relacionamentos falhos. O ermitão escutou atentamente a descrição que o visitante fez de suas lutas e decepções na tentativa de levar uma vida cristã. Então, foi ao recôndito escuro de sua caverna e saiu de lá com uma bacia e um jarro de água.

"Agora, observe a água enquanto a derramo na bacia", ele disse. A água esparramou no fundo e junto aos lados do recipiente. Estava agitada e turbulenta. No início, a água agitou-se, fez um redemoinho em torno da parte interna da bacia; então, gradualmente começou a se acalmar, até que, no final, as pequenas e rápidas oscilações se tornaram ondas maiores que se moviam para frente e para trás. Depois de um tempo, a superfície se tornou tão lisa que o visitante pôde ver seu rosto refletido na água tranqüila. "É isso que acontece quando se vive constantemente em meio aos outros", disse o ermitão. "Você não se vê como realmente é por causa de toda a confusão e perturbação. Deixa de reconhecer a presença divina em sua vida, e a consciência de ser o amado lentamente desaparece."

Leva tempo para a água se acalmar. Atingir a tranquilidade interior exige espera. Qualquer tentativa de apressar o processo apenas agita, novamente, a água.

Sentimentos de culpa podem surgir de imediato. O eu obscurecido insinua que você é egoísta, que está desperdiçando tempo e que está fugindo das responsabilidades com a família, a carreira, o ministério e a comunidade. Você mal pode se dar ao luxo de ficar à toa. O teólogo Edward Schillebeeckx replicou:

Numa religião de revelação, o silêncio com Deus tem um valor em si mesmo e, assim, uma finalidade própria, simplesmente porque Deus é Deus. Deixar de reconhecer o valor de apenas estar com Deus, como o amado, sem fazer nada, é cinzelar o coração do cristianismo.⁴³

A solidude silenciosa motiva o possível e pessoal discurso verdadeiro. Se eu não estiver em contato com o fato de ser o amado, não consigo tocar a sacralidade nos outros. Se eu sou estranho a mim mesmo, o sou para os outros. A experiência me ensinou que minha conexão com outros é melhor quando estou conectado ao que é essencial em mim. Quando permito que Deus me liberte da doentia dependência de pessoas, ouço mais atenciosamente, amo de forma mais desinteressada, e sou mais compassivo e brincalhão. Não me levo tão a sério, me conscientizar-se de que o sopro do Pai está sobre meu rosto e que meu semblante se ilumina com risos, em meio a uma aventura que desfruto integralmente.

⁴³ *The church and mankind*, p. 118.

"Gastar" tempo com Deus de forma consciente me capacita a falar e agir com mais força, perdoar em vez de alimentar a última ofensa ao meu ego ferido e agir com magnanimidade durante os momentos triviais da vida. Enche-me de força para que eu possa me perder de mim mesmo, pelo menos temporariamente, num contexto maior do que o pequeno quadro representativo de meus medos e inseguranças; aquietar-me, simplesmente, e saber que Deus é Deus. Anthony Padovano comentou:

Isso significa que não investigo nem analiso, simplesmente me perco no pensamento ou na experiência de estar vivo, de apenas estar numa comunidade de cristãos, tão-somente focalizando na essência ou na presença, em vez de no tipo de consequência prática decorrente. Simplesmente é bom estar ali, mesmo que não saiba onde é esse "ali", ou o porquê de ser bom estar ali. Já alcancei o silêncio contemplativo em meu ser.⁴⁴

Como benefício secundário, a prática da solitude solitária nos capacita a dormir menos e a nos sentir com mais energia. A energia despendida pelo impostor na busca exaustiva pela felicidade agora está disponível para ser focalizada no que realmente conta: amor, amizade e intimidade com Deus.

Estar a sós com o Único nos leva a deixar o que John Henry Newman chamou de conhecimento racional ou nocional para abraçar o conhecimento real. O primeiro significa que conheço algo de forma distante e abstrata, que nunca invade minha consciência; o segundo significa que, embora possa não conhecê-lo, ainda assim, ajo com base nisso. T. S. Elliot escreveu num poema: "Esta é uma noite ruim, meus nervos estão abalados. Apenas, converse comigo. A noite ficará suportável". No silêncio solitário ouvimos com muita atenção a voz que nos chama de "os amados". Deus fala aos níveis mais profundos de nossa alma, a respeito de nossa vergonha e auto-aversão, nosso narcisismo, e nos leva noite adentro até a luz do dia oriunda de sua verdade:

Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. (...) Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei, (...) os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida.

Isaías 43:1,4; 54:10

Vamos fazer uma pausa aqui. É Deus quem nos chama pelo nome. O Deus, cuja beleza obscurece a beleza do Grand Canyon, nos chamou de "amados". O Deus, cujo poder anula a capacidade de destruição da bomba nuclear, tem sentimentos ternos por nós.

Estamos imersos no mistério — o que Abraham Heschel chamou de "assombro radical". Silentes e em tremor, somos criaturas na presença do Mistério inefável acima de todas as criaturas e além de qualquer descrição.

A hora da verdade chegou. Estamos a sós com o Único. A revelação dos sentimentos ternos de Deus por nós não é mero conhecimento estéril. Por longo

⁴⁴ *The ministerial crisis in today's church*. Excerto de seu discurso durante a convenção anual PCM, 18 de agosto, 1984. Chicago, Illinois.

período e com muita frequência ao longo de minha jornada, procurei refúgio na liturgia aplaudida e nos inteligentes estudos das Escrituras.

Recebi conhecimento sem apreciação, fatos sem entusiasmo. Entretanto, quando as investigações acadêmicas terminaram, fui impactado pela insignificância disso tudo. Simplesmente parecia não importar.

Quando a noite é ruim, no entanto, meus nervos são despedaçados e o Infinito fala; quando o Deus Todo-Poderoso compartilha, por meio de seu Filho, a profundidade de seus sentimentos por mim; quando seu amor lampeja dentro de minha alma e sou surpreendido pelo Mistério, é o **kairos** — sujeição total a Deus nesse momento de salvação em minha história pessoal. Ninguém pode falar por mim. Sozinho, tremendo de frio em meus esfarrapados sessenta e poucos anos, encaro uma grave decisão: ou me escondo no ceticismo e no intelectualismo ou, com assombro radical, me rendo à fé na verdade de que sou o amado.

A cada momento de nossa existência, Deus nos oferece essa boa nova. Infelizmente, muitos de nós continuamos a cultivar de tal modo a identidade artificial que a verdade libertadora de sermos os amados não consegue transpô-la. Dessa forma, nos tornamos carrancudos, temerosos e legalistas. Escondemos nossa trivialidade e chafurdamos na culpa. Sopramos e bufamos para impressionar Deus; brigamos para "ficar bem na foto"; debatemo-nos tentando nos consertar e vivemos o evangelho de uma forma tão sem graça que desmotivamos os denominados "cristãos" e os incrédulos a buscarem a verdade.

Dos discípulos cães de caça e dos santos de cara amarrada, poupe-nos, ó Senhor! Frederick Buechner escreveu:

Arrependam-se e creiam no evangelho, diz Jesus. Mudem de atitude e creiam que a boa nova de que somos os amados é melhor do que aquilo que jamais ousamos imaginar. Crer nessa boa nova, viver a partir dela e para ela, apaixonar-se por ela é a mais alegre das alegrias deste mundo. Amém. Volte, Senhor Jesus.⁴⁵

O coro de vozes citado neste capítulo nos conclama a reivindicar a graça dada a John Eagan: defina-se radicalmente como o amado de Deus. Esse é o eu verdadeiro. Qualquer outra identidade é ilusão.

CAPÍTULO QUATRO

O FILHO DE ABA

Há muitos anos, conduzi um despertamento numa comunidade em Clearwater, na Flórida. Na manhã seguinte, após o encerramento, o pastor me convidou para um café-da-manhã em sua casa. Sobre meu prato estava um envelope contendo o breve recado de um membro da igreja, que me levou às lágrimas: "Querido Brennan. Em todos os meus 83 anos, nunca experimentei algo assim. Durante a sua semana de despertamento, aqui em Santa Cecília, você prometeu que se viéssemos todas as noites nossa vida seria transformada. A minha, foi. Na última semana, estava aterrorizado com a expectativa da morte; hoje à noite, estou ansiando pela casa de meu Pai".

⁴⁵ *The clown in the belfry*, p. 171.

Um tema nevrálgico na vida pessoal de Jesus Cristo, que reside no próprio âmago de sua revelação, é a intimidade, a confiança e o amor crescentes junto a seu Pai.

Jesus foi criado, em Nazaré, por Maria e José, de acordo com a rigorosa tradição monoteísta da comunidade judaica. Como todo judeu devoto, Jesus orava o "Shema": "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (v. Dt 6:4), três vezes ao dia. Jesus estava envolvido pelo Absoluto, dominado pelo Único, o Eterno, o "Eu sou o que sou".

Em sua jornada humana, ele experimentou Deus como nenhum profeta de Israel jamais tinha sonhado ou ousado sonhar. Jesus era habitado pelo Espírito do Pai e deu um nome a Deus que scandalizou os teólogos e a opinião pública de Israel, o nome que saiu da boca do carpinteiro nazareno foi: "**Aba**", **Paizinho**.

As crianças judias usavam essa forma coloquial e íntima com seus pais, e o próprio Jesus a empregou com seu pai de criação, José. Como termo para a divindade, no entanto, não tinha precedentes no judaísmo, nem em qualquer outra das grandes religiões do mundo. Joachim Jeremias escreveu: "Aba, como forma de se dirigir a Deus, é **ipsissima vox**, uma expressão original, autêntica de Jesus. Somos confrontados com algo novo e estarrecedor. Nesse ponto reside a grande novidade do evangelho".⁴⁶

Jesus, o filho amado, não reserva essa experiência para si mesmo. Ele nos convida, nos chama para compartilharmos da mesma intimidade e do mesmo relacionamento libertador. Paulo escreveu:

Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

Romanos 8:14-16

João, "o discípulo que Jesus amava", enxerga a intimidade com Aba como o principal efeito da encarnação: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1:12). João não tinha escutado Jesus começar seu discurso de despedida, no cenáculo, com esta palavra: "Filhinhos" (Jo 13:33)? Assim, João exclama: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus" (1Jo 3:1).

A maior dádiva que já recebi de Jesus Cristo foi a experiência com Aba. "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11:27). Minha dignidade como filho de Aba é meu conceito pessoal mais coerente. Quando procuro formar uma auto-imagem a partir da bajulação dos outros, e a voz interna sussurra: "você chegou, você tem um papel no empreendimento do Reino", não estou formando um autoconceito verdadeiro. Quando me afogo no desalento, e a voz interna segreda: "você não tem nada de bom, é uma fraude, um hipócrita, um diletante", tampouco se trata de uma imagem verdadeira. Como Gerald May observou:

É importante reconhecer um truque da mente nesses comentários a nosso respeito. Não têm nada a ver com nossa real

⁴⁶ Joachim JEREMIAS, *The parables of Jesus*, p. 128.

dignidade. Como nos vemos, num momento qualquer pode ter bem pouco a ver com o que realmente somos.⁴⁷



Durante um retiro silencioso, registrei em meu diário:

Wernersville, Pensilvânia, 2 de janeiro de 1977: Lá fora está escuro e a temperatura abaixo de zero. Isso descreve bem como estou por dentro. A primeira noite de um retiro de oito dias, e estou tomado por um sentimento de intranquilidade, de inquietude, até mesmo de terror. Desgastado até os ossos e solitário. Não consigo ligar dois pensamentos a respeito de Deus. Abandonei qualquer tentativa de orar; parece artificial demais. As poucas palavras dirigidas a Deus são forçadas e ecoam dentro da minha alma vazia. Não há nenhum contentamento em sua presença. Um vago, mas opressivo sentimento de culpa se agita dentro de mim. De uma forma ou de outra, falhei com ele. Talvez o orgulho e a vaidade tenham me cegado; talvez a insensibilidade à dor tenha-me endurecido o coração. Minha vida é uma decepção para você? Causa-lhe pesar a superficialidade da minha alma? Seja o que for, eu perdi você, Senhor, por minha própria culpa e sou impotente para reverter essa situação...

Assim teve início meu retiro anual. O cansaço físico passou logo, mas a aridez espiritual permaneceu. Gemia durante duas horas de oração desconsolada todas as manhãs, outras duas à tarde e mais duas à noite. Sempre avoado, desorientado, navegando com apenas um remo na água. Lia a Escritura. Sequidão. Andava de um lado para o outro. Tédio. Tentei um comentário bíblico. Nada.

Na tarde do quinto dia, fui à capela, às quatro da tarde, e me ajeitei numa cadeira de encosto bem reto para começar "a grande contemplação" — meditação.

Durante as treze horas seguintes permaneci bem acordado, imóvel, completamente alerta. As cinco e dez da manhã seguinte, deixei a capela com uma frase ressoando-me na cabeça e pesando no coração: viva **na sabedoria de quem aceita a ternura**.

A ternura é despertada pela segurança de sabermos que somos queridos completa e sinceramente por alguém. A simples presença desse alguém especial numa sala abarrotada causa um suspiro interior de alívio e uma forte sensação de segurança. Experimentar uma presença calorosa, cuidadosa e afetiva faz nossos medos desaparecerem. Os mecanismos de defesa do impostor — sarcasmo, citação dos nomes das pessoas famosas que conhece, hipocrisia, necessidade de impressionar os outros — caem por terra. Nós nos tornamos mais abertos, verdadeiros, vulneráveis e afetuosos. A ternura cresce em nós.

Anos atrás, contei uma história sobre um padre de Detroit, chamado Edward Farrell, que tirou duas semanas de férias de verão na Irlanda. Seu único

⁴⁷ *Addiction and grace*, p. 168.

tio, que ainda estava vivo, comemoraria, em breve, seu aniversário de 80 anos. Chegado o grande dia, o padre e seu tio levantaram-se de madrugada e vestiram-se silenciosamente. Andaram ao longo das margens do lago Killarney e pararam para assistir ao nascer do sol. Estavam lado a lado, sem trocar uma palavra e mirando fixamente o sol nascente. De repente, seu tio virou-se e saiu saltitando pela estrada. Estava radiante, resplandecente, com um sorriso de uma orelha a outra.

O sobrinho disse: — Tio Seamus, você parece estar feliz mesmo.

— Estou, rapaz.

— Pode me dizer por quê?

Seu tio de oitenta anos respondeu: — Sim, como vê, sou profundamente querido por meu Aba.

Como você responderia se eu lhe fizesse esta pergunta: "Você acredita honestamente que Deus gosta de você e que não o ama apenas porque teologicamente ele **tem** de amá-lo?". Se você pudesse responder com uma honestidade visceral: "Ah, sim, sou profundamente querido por meu Aba", você experimentaria, por si mesmo, uma compaixão serena, que se aproxima do significado da ternura.

Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho de seu ventre? Mas ainda que essa viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti.

Isaías 49:15

A Escritura Sagrada sugere que a essência da natureza divina é a **compaixão** e que o coração de Deus é definido pela **ternura**. "Graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho dapaz"(Lc 1:78,79).

Richard Foster escreveu:

Seu coração é o mais sensível e terno. Nenhum ato passa despercebido, não importa quão insignificante ou pequeno. Um copo de água fresca é suficiente para fazer brotar lágrimas nos olhos de Deus. Como a mãe orgulhosa, que vibra ao receber de seu filho um buquê de dentes-de-leão murcho, assim Deus celebra nossas débeis expressões de gratidão.⁴⁸

Jesus entende de forma singular a ternura e a compaixão do coração do Pai, pois "nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Cl 2:9). Gerado na eternidade do Pai, ele é o Filho de Aba. Por que Jesus amou pecadores, esfarrapados e turbas que não sabiam nada da Lei? Porque seu Pai os amou. Ele não fez nada a partir de si mesmo, mas somente o que seu Aba determinou. Por meio de refeições compartilhadas, pregação, ensino e cura, Jesus representou o entendimento que tinha do amor, que não faz distinção, do Pai — um amor que faz o sol nascer sobre homens bons e ruins, e a chuva cair sobre homens honestos e desonestos (Mt 5:45).

Com estes atos de amor, Jesus provocou um escândalo entre os devotos e religiosos judeus da Palestina:

⁴⁸ Prayer, *finding the heart's true home*, p. 85.

A coisa absolutamente imperdoável não foi sua preocupação com doentes, aleijados, leprosos, possessos... nem mesmo sua parceria com as pessoas pobres e humildes. O problema real foi que ele se envolveu com **falhas** morais, com pessoas obviamente irreligiosas e imorais; pessoas política e moralmente suspeitas, inúmeros tipos duvidosos, obscuros, abandonados e desesperançados, existindo como um mal que não pode ser erradicado na periferia da sociedade. Esse foi o escândalo verdadeiro. Ele tinha mesmo que ir tão longe?... Que tipo de amor perigoso e ingênuo é esse, que não conhece seus limites: as fronteiras entre os colegas conterrâneos e estrangeiros, membros e não-membros do partido, entre vizinhos e pessoas distantes, entre chamados honrados e desonrados, entre pessoas morais e imorais, boas e ruins? Como se a distinção não fosse absolutamente necessária aqui. Como se não devêssemos julgar nesses casos. Como se pudéssemos sempre perdoar nessas circunstâncias.⁴⁹

Porque a luz do sol que brilha e a chuva que cai são oferecidas tanto aos que amam a Deus quanto aos que o rejeitam, a compaixão do Filho acolhe aqueles que ainda estão vivendo no pecado. O sorrateiro fariseu dentro de todos nós se esquia dos pecadores. Jesus se vira para eles com gentil graciosidade. Ele se mantém atento, do início ao fim, à vida deles, em favor de sua conversão "que é sempre possível, até o último momento".⁵⁰



O Espírito Santo é o vínculo de ternura entre o Pai e o Filho. Assim, o Espírito que nos habita, testifica o selo indelével da compaixão de Deus, e o coração da pessoa cheia do Espírito transborda de ternura. O "amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5:5). Como participantes da natureza divina, a aspiração mais nobre, a tarefa mais exigente de nossa vida é nos tornarmos como Cristo.

Nesse contexto, Irineu escreveu que Deus assumiu nossa forma humana para que possamos nos tornar como ele. Ao longo dos

séculos, isso tem significado muitas coisas diferentes para pessoas diferentes. Se Deus for considerado fundamentalmente em sua onisciência, desenvolver-se na sabedoria e no conhecimento torna-se a prioridade da existência humana. Se em Deus enxergamos a onipotência, buscar autoridade a fim de influenciar os outros é o caminho para nos tornar como ele. Se percebermos em Deus sua imutabilidade e invulnerabilidade, uma consistência de granito e um alto limiar de dor são os caminhos para a santidade.

A vida de Jesus sugere que ser como o Pai é mostrar compaixão. Donald Gray se expressa assim: "Jesus revela, numa vida excepcionalmente humana, o que é viver uma vida divina, uma vida compassiva".⁵¹

⁴⁹ Hans KUNG, *On being a Christian*, p. 32.

⁵⁰ *Idem*, p. 33.

⁵¹ *Jesus — the way to freedom*, p. 70.

A Escritura Sagrada aponta para a íntima ligação entre compaixão e perdão. De acordo com Jesus, o sinal característico do filho do Pai é a disposição de perdoar os inimigos: "Amai, porém os vossos inimigos, fazei o bem [...] e sereis filhos do altíssimo. Pois ele é benigno até com os ingratos e maus" (Lc 6:35). Na oração do Pai Nosso reconhecemos a característica principal dos filhos de Deus ao dizermos: "Perdoa nossas transgressões assim como perdoamos os que transgrediram contra nós". Jesus apresenta seu Pai como modelo para o perdão: o rei de Mateus 18 que perdoa uma soma fantástica, um débito impagável, o Deus que perdoa de forma ilimitada (que é o significado de setenta vezes sete).

Deus chama seus filhos a um estilo de vida que contraria a cultura, um estilo perdoador, num mundo que exige olho por olho — ou pior. Mas, se amar a Deus é o primeiro mandamento e amar o próximo prova nosso amor por Deus, e se é fácil amar os que nos amam, então amar nossos inimigos deve ser o braço que nos identifica como filhos de Deus.

O convite para vivermos como filhos perdoados e perdoadores é radicalmente inclusivo. Dirige-se não apenas à esposa cujo marido esqueceu o aniversário de casamento, mas também aos pais da criança que foi assassinada por um motorista bêbado; à vítima de acusações caluniosas e ao pobre vivendo em caixas imundas que vê o rico passar num Mercedes; aos violentados sexualmente e aos cônjuges envergonhados pela infidelidade de seus companheiros; aos cristãos que foram aterrorizados com imagens blasfemas de uma divindade não bíblica; à mãe que recebeu o corpo de sua filha horivelmente deformado; aos casais idosos que perderam suas economias porque os banqueiros eram desonestos; à mulher cujo marido alcoólatra desperdiçou sua herança, e aos que são objetos de zombaria, discriminação e preconceito.

As exigências do perdão são tão intimidadoras que parecem humanamente impossíveis. Estão simplesmente além da capacidade da vontade humana carente de graça. Apenas a confiança despreocupada numa Fonte maior do que nós mesmos pode nos dar força para perdoarmos as feridas causadas pelos outros. Em momentos extremos como esses, há apenas um lugar aonde ir — o Calvário.

Fique ali por um longo tempo e observe como o único Filho de Deus morre completamente sozinho numa sangrenta desonra. Observe como ele sopra perdão sobre seus torturadores no momento de sua maior crueldade e impiedade. Naquele monte solitário, fora dos muros da velha Jerusalém, você experimentará o poder curador do Senhor que está morrendo.

Por experiência, a cura íntima do coração raramente é uma catarse repentina ou a libertação instantânea da amargura, da raiva, do ressentimento e do ódio. É em geral um suave crescimento na unidade com o Crucificado, que conquistou nossa paz por meio de seu sangue na cruz. Isso pode levar um tempo considerável, porque as memórias ainda estão tão vívidas e a ferida, muito profunda. Mas vai acontecer. O Cristo crucificado não é apenas um exemplo heróico para a igreja: ele é o poder e a sabedoria de Deus, uma força viva de sua presente ressurreição, transformando nossa vida e nos capacitando a estender a mão reconciliadora aos inimigos.

O entendimento dá início à compaixão, que possibilita o perdão. Stephen Covey lembrou-se de um incidente enquanto andava no metrô de Nova York, num domingo de manhã. Os poucos passageiros a bordo estavam lendo jornal ou cochilando. Era uma viagem silenciosa, quase sonolenta. Covey estava absorto em sua leitura quando um homem, acompanhado de vários filhos pequenos, entrou na estação seguinte. Em menos de um minuto irrompeu-se um tumulto. As crianças corriam para cima e para baixo no corredor, gritando, berrando e brigando entre si no chão. O pai deles não fez nenhuma tentativa de intervenção.

Os passageiros mais idosos, irritados, mudavam de lugar. O estresse se transformou em angústia. Certamente o pai faria algo para restabelecer a ordem: uma gentil palavra de correção, uma ordem severa, alguma expressão de autoridade paterna—qualquer coisa. Nada disso aconteceu. A frustração aumentava. Depois de uma pausa apropriada e generosamente longa, Covey se virou para o pai e disse gentilmente:

Senhor, seria possível restabelecer a ordem aqui dizendo a seus filhos que voltem e se sentem.

Eu sei que deveria fazer alguma coisa —, respondeu o homem. — Nós acabamos de sair do hospital. A mãe deles morreu há uma hora. Simplesmente não sei o que fazer.⁵²

A compaixão sincera que provoca o perdão amadurece quando descobrimos onde nosso inimigo chora.



Em 1944, a revista **Life** publicou o ensaio fotográfico de uma caça às raposas em Holmes County, Ohio. As raposas viviam nos bosques e comiam principalmente camundongos e grilos, mas às vezes também galinhas e codornas. Isso, a reportagem explicou, "enfureceu os valentes homens de Holmes County, porque eles mesmos queriam matar as codornas".

Assim, num sábado cerca de seiscentos homens, mulheres e seus filhos se juntaram, um ao lado do outro, formando um grande círculo com, aproximadamente, oito quilômetros de diâmetro. Todos carregavam bastões e começaram a andar por dentro do bosque e dos campos, gritando e fechando o cerco para assustar as raposas, jovens e velhas, e tirá-las das tocas. Dentro desse círculo, que ficava cada vez menor, as raposas corriam de um lado para outro, cansadas e amedrontadas. As vezes, uma raposa, por raiva, ousava rosnar e mostrar os dentes, e era imediatamente morta por tamanho atrevimento. Outras vezes, se continha em sua angústia e tentava lamber a mão de seu torturador. Também era morta. Em outros momentos, mostrava a foto, algumas raposas paravam, ficavam com os feridos e agonizantes. Finalmente, enquanto o círculo se fechava, com apenas alguns metros, as raposas restantes foram para o centro e, agrupadas, deitaram-se sem saber mais o que fazer. Acertaram as raposas feridas e agonizantes com os bastões até que estivessem mortas ou mostravam aos filhos como fazê-lo.

Trata-se de uma história real. A revista **Life** fez a reportagem e tirou fotos. Aconteceu durante anos, em Holmes County, todo fim de semana.

Hoje, sentimo-nos aviltados com tal crueldade, mas temos nossa própria caça às raposas... é só perguntar aos que estão afligidos pela AIDS. Infelizmente um enorme número de aidéticos pergunta-se se têm outra alternativa que não a de ir ao centro do círculo, deitar-se e morrer.

Onde estamos nesse círculo? Onde você está? Onde Cristo estaria?⁵³

Nosso coração de pedra se transforma em coração de carne quando descobrimos onde os proscritos choram.

⁵² Stephen COVEY, *The seven habits of highly effective people*, seminário gravado em cassette. Provo, UT.

⁵³ Walter J. BURGHARDT, *To Christ I look*, p. 78,9. Descobri as histórias de Canon Barcus nessa série de homilias para libertação das sombras de Burghardt em diversas partes do país e agrupei num livro.

Sempre que o evangelho é invocado para diminuir a dignidade de qualquer um dos filhos de Deus, então, é hora de se livrar deste assim chamado "evangelho", a fim de experimentarmos o evangelho. Sempre que Deus é invocado para justificar o preconceito, o desdém e a hostilidade dentro do Corpo de Cristo, é hora de observar cuidadosamente as palavras de Meister Eckhart: "Oro para livra-me de Deus a fim de encontrar Deus". Os estreitos conceitos humanos que temos sobre Deus e o evangelho podem nos impedir de experimentá-los plenamente.

Num encontro Nacional de Jovens Obreiros, em São Francisco, falei a um grupo de jovens pastores a respeito de meu ministério, em tempo parcial, junto ao RAIN (Regional AIDS Interfaith Network), em Nova Orleans. Nossa equipe interdenominacional provê cuidados práticos e pastorais aos portadores de AIDS e também a seus familiares e amigos. Damos assistência de transporte, visitação, tarefas domésticas leves e lavanderia, encontros sociais e outros serviços. O comentário de um homem diz tudo: "Meu melhor amigo, há doze anos, me disse: 'Não consigo estar com você nisso. A aflição é insuportável. Realmente estou com medo'. Para ele, eu não era mais o Geraldo. Não era mais o seu melhor amigo. Eu era o Geraldo que pegou AIDS". Disse mais: "Vocês nem me conhecem, mas ainda assim querem ficar à minha volta. Gosto muito disso".

Mas qual deveria ser a postura cristã em relação à comunidade **gay**? — um evangélico me perguntou de forma inquisitiva.

Em uma de suas parábolas — respondi —, Jesus recomendou que deixássemos o trigo e o joio crescerem juntos. Paulo compreendeu isso ao escrever em 1Coríntios 4:5: "Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor". Os filhos e as filhas do Pai são as pessoas que mais se absterem de julgamentos. Sua fama é a de aproximar-se de pecadores. Lembre-se da passagem, em Mateus, em que Jesus diz "sejam perfeitos assim como é perfeito nosso Pai que está nos céus"? Em Lucas, o mesmo versículo está traduzido por "sejam compassivos assim como nosso Pai que está nos céus é compassivo". Os estudiosos da Bíblia dizem que estas duas palavras: **perfeito** e **compassivo** podem ser reduzidas à mesma realidade. Conclusão: seguir Jesus em seu ministério de compaixão define, com precisão, o significado de sermos perfeitos como é perfeito nosso Pai que está nos céus.

— Além disso — continuei — eu resisto a tirar Deus de seu lugar de juiz, para assumi-lo e julgar os outros, pois não tenho autoridade nem conhecimento para fazê-lo. Ninguém nesta mesa jamais poderá ver um motivo. Portanto, não podemos levantar suspeitas sobre o que inspirou a ação do outro. Lembre-se das palavras de Paulo depois de seu discurso sobre a homossexualidade em Romanos, capítulo 1. Ele começa o capítulo 2 com "és indesculpável, ó homem, quando julgas quem quer que sejas, porque no que julgas a outro a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas". Sou relembrado da frase do romancista russo Leon Tolstói: "Se as fantasias sexuais da pessoa comum **fossem** expostas o mundo ficaria horrorizado".

A homofobia está entre os escândalos mais vergonhosos de meu tempo. Na última década do século xx, foi atemorizante ver a intolerância, o absolutismo moral e o dogmatismo rígido que prevaleceu quando as pessoas insistiram em exaltar a religiosidade. Alan Jones percebeu que "é precisamente entre os que levam sua vida espiritual a sério que residem os maiores perigos".⁵⁴ As pessoas piedosas são tão facilmente vitimadas pela tirania homofóbica quanto qualquer pessoa.

Minha identidade como filho de Deus não é uma sublimação ou um sapateado na religiosidade. É a verdade central da minha existência. Conhecer a

⁵⁴ *Exploring spiritual direction*, p. 17. Este livro e outro de Jones, *Saul making, The desert way of spirituality*, têm sido fontes de profundo discernimento e contínua meditação.

existência da ternura acolhedora afeta profundamente a percepção que tenho da realidade, a forma como reajo às pessoas e às situações em que se encontram. Como trato meus irmãos e irmãs no dia-a-dia, sejam brancos, africanos, asiáticos ou hispânicos; como reajo às cicatrizes de um bêbado, na rua; como reajo às interrupções de pessoas das quais não gosto; como lido com pessoas comuns, em sua descrença comum, num dia comum mostrará quem sou de fato, de forma mais pungente do que o adesivo "Sou a favor da vida", colado no pára-choque do meu carro.

Não somos a favor da vida simplesmente porque estamos adiando a morte. Somos filhos e filhas do Altíssimo e amadurecemos na ternura à medida que somos a favor dos outros — todos os outros; à medida que nenhum ser humano nos é estranho, que conseguimos tocar a mão do outro com amor e que para nós não existem os "outros".

Essa é a incessante luta de uma vida inteira. É o longo e doloroso processo de se tornar como Cristo em como escolho pensar, falar e viver a cada dia. As palavras de Henri Nouwen são incisivas aqui:

O que se exige é que nos tornemos como o Amado nos lugares comuns da existência diária e, pouco a pouco, diminuir a distância existente entre o que reconhecemos ser nós mesmos e as inúmeras realidades específicas da vida cotidiana. Tornar-nos o Amado é trazer a mim a verdade do alto revelada, até àquilo que ordinariamente somos, de fato, nos pensamentos, nas palavras e nas ações a cada momento.⁵⁵

Minhas traições e infidelidades são numerosas demais para ser contadas. Ainda me prendo à ilusão de que preciso ser moralmente impecável, que as pessoas precisam ser impecáveis e aquele a quem amo não pode ter fraquezas humanas. Entretanto, sempre que permito que algo não seja a ternura e a compaixão dizem minhas reações à vida — seja a raiva, a moralização e a posição defensiva dos fariseus, a necessidade premente de mudar os outros, a crítica ácida, a frustração com a cegueira dos outros, o senso de superioridade espiritual, uma fome corrosiva por satisfação — alieno-me do eu verdadeiro. Minha identidade como filho do Pai se torna ambígua, experimentar e confusa.

Nosso jeito de ser no mundo reflete a ternura. Tudo o mais é ilusão, má percepção, falsidade.

A vida compassiva não é uma boa vontade negligente com o mundo nem a praga que Robert Wicks chama de "gentileza crônica". Não insiste com a viúva para que seja amigável com o assassino de seu marido. Não exige que gostemos de todo o mundo. Nem faz vista grossa ao pecado e à injustiça. Não aceita, indiscriminadamente, a realidade — amor e concupiscência, cristianismo e ateísmo, marxismo e capitalismo.

O caminho da ternura evita o fanatismo cego. Em lugar disso, procura enxergar com clareza penetrante. A compaixão de Deus em nosso coração abre-nos os olhos para o valor singular de cada pessoa. "Os outros somos 'nós mesmos'; e devemos amá-los em seu pecado assim como somos amados em nosso pecado".⁵⁶

⁵⁵ *Life of the beloved*, p. 34.

⁵⁶ Robert J. WICKS, *Touching the Holy*, p. 87. O tema deste precioso livro é que o que se costuma fazer com veracidade é santidade tangível. Retratando pais e mães a partir de experiências de cristãos contemporâneos e da sabedoria do deserto, Wicks diz: "O espírito consuetudinário convida cada um de nós a descobrir nossas motivações interiores e nossos talentos, e a expressá-los sem reserva ou autoconstrangimento".



Cresci numa comunidade branca como lírios, no Brooklyn, Nova York, na qual o vocabulário de nossa cultura cristã incluía, rotineiramente, "preto, latino, judeu, carcamano, bicha e efeminado". Em 1947, quando Branch Rickey, presidente do nosso adorado Brooklyn Dodgers, rompeu a fronteira da cor ao convidar Jackie Robinson para jogar na liga profissional, sumariamente o rotulamos de "amante de preto", e muitos de nós passamos a torcer pelo New York Yankees.

Particularmente ofensivo era o negro instruído e truculento, como Malcolm X, que não sabia seu lugar e cuja voz insurgiu contra aquilo que eu achava ser uma raiva injustificável em relação ao que ele chamava de supremacia branca em oposição à beleza, à necessidade e à excelência negra. Para os católicos irlandeses, era a linguagem convencional, o estilo estenográfico americano ainda em fúria atualmente — Willie Horton, lei e ordem, fraudes na previdência — que reaviva o medo e a ignorância, propõe e reprime o debate, o diálogo e restringe as minorias.

Desde minha infância, o preconceito, o fanatismo, as crenças falsas, os sentimentos e atitudes racistas e homofóbicas foram programados no computador do meu cérebro, junto com as crenças cristãs ortodoxas. Todas essas coisas são mecanismos de defesa contrários ao amor.

As feridas do racismo e da homofobia que me vêm da infância não desapareceram com a iluminação intelectual e a maturidade espiritual. Ainda estão dentro de mim. São tão intrínsecas e profundas em minha carne, quanto sangue e nervos. Eu as tenho carregado toda a minha vida com diferentes níveis de consciência, mas sempre cuidadosamente, com a mais delicada consideração pela dor que sentiria se eu fosse, de alguma forma, forçado a reconhecê-las. Agora, porém, estou cada vez mais atento à compulsão contrária. Quero saber tão plena e exatamente quanto possível quais são as feridas, e quanto estou sofrendo por causa delas. Quero ser curado. Preciso livrar-me das próprias feridas de modo que não sejam transmitidas meus filhos.⁵⁷

Tenho tentado negar, ignorar ou reprimir os preconceitos racistas e homofóbicos, considerando-os inteiramente indignos de um ministro do evangelho. Além disso, achava que reconhecer sua existência poderia dar-lhes força. Ironicamente, a negação e a repressão são, na verdade, o que lhes dá força.

O impostor começa a se encolher apenas quando é reconhecido, acolhido e aceito. A auto-aceitação, que flui do acolhimento da identidade essencial como filho de Deus, me habilita a enfrentar toda minha transgressão com uma honestidade inflexível, e completo abandono à misericórdia de Deus. Como disse minha amiga, a freira Barbara Fiand: "Integridade é reconhecer a transgressão e ser curado por meio dela".

⁵⁷ Adaptado de Wendell BARRY, *The hidden wound*, p. 4. Apropriei-me dos conceitos e das palavras de Barry em seu trabalho sobre racismo e o expandi ao incluir a homossexualidade.



A homofobia e o racismo estão entre as questões morais mais sérias e inquietantes desta geração, e tanto a igreja quanto a sociedade parecem nos limitar a opções antagônicas.

A moralidade "vale-tudo" de religiosos e políticos de esquerda é equivalente ao moralismo santarrão da direita. A aceitação não crítica de qualquer uma das linhas partidárias é uma abdicação idólatra à essência da identidade como filho de Deus. Nem o pó mágico liberal nem o jogo pesado dos conservadores se referem à dignidade humana, que sempre está vestida com farrapos.

Os filhos de Aba encontram uma terceira opção. São guiados pela Palavra de Deus e apenas por ela. Todos os sistemas religiosos e políticos, tanto de direita quanto de esquerda, são obras de seres humanos. Os filhos de Deus não venderão seus direitos à primogenitura por nenhum prato de ensopado, seja conservador ou liberal. Eles se apegam à liberdade em Cristo para viver o evangelho — não contaminados pela má qualidade cultural, pelos destroços de naufrágio político e pelas hipocrisias filigranadas das bravatas religiosas.

Os que estão inclinados a entregar os **gays** aos torturadores não podem reivindicar nenhuma autoridade moral sobre os filhos de Aba. Jesus enxergava essas figuras obscurecidas como os corruptores da natureza essencial da religião de seu tempo. Tal religião restrita e separatista é um lugar perdido, um Éden coberto de mato, uma igreja em que as pessoas experimentam, solitariamente, uma alienação espiritual que as distancia de seus melhores talentos humanos.

Buechner escreveu:

Sempre soubemos o que estava errado dentro de nós. A malícia, até mesmo no mais civilizado entre nós. Nossa insinceridade, as máscaras atrás das quais mantemos os reais interesses. A inveja, forma pela qual a sorte das outras pessoas pode nos aferroar como vespas. Toda a difamação, ridicularizamos uns aos outros para nos tratarmos como caricaturas, mesmo quando nos amamos. E toda essa infantilização sem sentido e indignidade. "Largue isso", diz Pedro. "Cresça na salvação. Pelo amor de Cristo, cresça".⁵⁸

A ordem de Jesus para nos amarmos uns aos outros nunca está circunscrita à nacionalidade, ao **status**, à origem étnica, à preferência sexual ou à amabilidade inerente ao "outro". O outro, aquele que reclama meu amor, é qualquer um a quem estou apto a reagir, como ilustra claramente a parábola do bom samaritano. "Qual destes três, em sua opinião, foi prestativo ao homem atacado pelos ladrões?", perguntou Jesus. A resposta foi: "Aquele que o tratou com compaixão". Jesus disse a eles: "Vão, e façam o mesmo".

A insistência na natureza absolutamente indiscriminada da compaixão dentro do Reino é a perspectiva dominante de quase todo o ensinamento de Jesus. Que é compaixão indiscriminada?

⁵⁸ *The clown in the belfry*, p. 146.

Dê uma olhada na rosa. Ela pode dizer "vou oferecer minha fragrância às pessoas boas e negá-la às más"? Ou você conseguiria imaginar uma lâmpada que retém seus raios para a pessoa ímpia que busca andar em sua luz? Só poderia fazer isso se deixasse de ser lâmpada. Observe quão inevitável e indiscriminadamente a árvore dá sua sombra a todos, bons e ruins, jovens e velhos, grandes e humildes; para os animais, para os humanos e toda criatura vivente — mesmo para aquele que procura cortá-la. Essa é a primeira qualidade da compaixão — seu caráter indiscriminado.⁵⁹

Há algum tempo, Roslyn e eu tiramos um dia de folga e decidimos nos divertir no French Quarter, aqui em Nova Orleans. Perambulamos pela Jackson Square escolhendo quiabos, sentindo o cheiro de jambalaya com uma parada final no santuário da Häagen-Dasz para a **pièce de résistance** — um **sundae** de nozes e avelãs confeitadas com calda de chocolate quente que provocou uma curta convulsão de prazer.

Quando viramos a esquina da Bourbon Street, uma garota com um sorriso radiante e cerca de 21 anos de idade aproximou-se de nós, colocou-nos uma flor na jaqueta e perguntou se gostaríamos de fazer uma doação para ajudar a missão da qual fazia parte. Quando perguntei a que missão pertencia, respondeu "à Igreja da Unificação".

O fundador é o doutor Sun Myung Moon, então acho que isso significa que você é uma Moonie?

Sim — respondeu ela.

Obviamente, ela tinha dois pontos contra. Em primeiro lugar, era uma pagã que não reconhecia Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em segundo lugar, era uma garota desmiolada, desajuizada, ingênua que tinha sofrido uma lavagem cerebral feita por um guru e estava hipnotizada por uma seita.

— Sabe de uma coisa, Susan? — disse eu. — Admiro profundamente sua integridade e fidelidade à sua consciência. Você está aqui fora, circulando pelas ruas, fazendo o que realmente acredita. Você é um desafio para qualquer um que afirme ser "cristão".

Roslyn estendeu a mão e a abraçou, e eu abracei as duas.

— Vocês são cristãos? — perguntou ela. Roslyn disse: — Sim.

Ela abaixou a cabeça e vimos lágrimas caindo na calçada. Um minuto depois ela disse: — Tenho estado em missão aqui no Quarter já há oito dias. Vocês foram os primeiros cristãos gentis comigo. Os outros me olhavam com desdém ou gritavam, dizendo-me que estava possuída por um demônio. Uma mulher me bateu com sua Bíblia.

"Venha o teu Reino?" O que faz o Reino vir é a sincera compaixão: um caminho de ternura que não conhece fronteiras, rótulos, compartimentagem nem divisões sectárias. Jesus, a face humana de Deus, nos convida a uma reflexão aprofundada sobre a natureza do discipulado verdadeiro e do estilo de vida radical de um filho de Deus.

CAPÍTULO CINCO

O FARISEU E A CRIANÇA

⁵⁹ Anthony DeMello, *The way to love*, p. 77.

Em seu livro ***Porque não sou cristão***, o filósofo Bertrand Russell escreveu: "A intolerância que se espalhou pelo mundo com o advento do cristianismo é uma de suas características mais curiosas".

A história atesta que a religião e as pessoas religiosas tendem a ser tacanhas. Em vez de aumentar nossa capacidade para desfrutar a vida, a alegria e o mistério, a religião freqüentemente a diminui. A medida que a teologia sistemática progride, o senso de maravilhamento declina. Os paradoxos, as contradições e as ambigüidades da vida são codificados, e o próprio Deus é encaixotado, engaiolado, confinado dentro das páginas de um

livro com capa de couro. Em vez de uma história de amor, a Bíblia é vista como um manual de instruções.

As maquinacões da religião manipuladora afloram a cada encontro entre Jesus Cristo e os fariseus. Um destes confrontos é particularmente intenso. A fim de absorvermos plenamente seu impacto, precisamos retomar a compreensão judaica sobre o sábado.

No princípio, o sábado era essencial e primeiramente um memorial da criação. Gênesis 1:31; 2:2,3 declara:

Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. (...) E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.

O sétimo dia celebra a conclusão da obra da criação e é santo para o Senhor. O sábado é um dia sagrado, reservado para Deus, um período específico de tempo consagrado a ele. É um dia memorial judaico, dedicado ao Único que disse: "Eu sou o Senhor seu Deus, seu Criador". O sábado era um reconhecimento solene de que Deus tem direitos soberanos, um ato público de apropriação no qual a comunidade que crê reconhecia ser devedora, ao Outro, por sua vida e existência. Como um dia memorial da criação, o sábado significava louvor de adoração e ação de graças pela bondade de Deus, por aquilo que os judeus eram e tinham. Descansar do trabalho era secundário.

O descanso da preocupação com dinheiro, prazer e conforto da criatura significava alcançar a perspectiva apropriada em relação ao Criador. No sábado, os judeus refletiam sobre eventos da semana anterior e os colocavam num contexto mais amplo, dizendo a Deus: "Tu és o verdadeiro Governante, não passo de teu mordomo". O sábado era um dia de honestidade rigorosa e contemplação cuidadosa, um dia de avaliação, examinando o direcionamento da vida e enraizando-se mais uma vez em Deus. Os judeus aprenderam a orar dessa forma no sábado: "Nossos corações estão agitados durante a semana inteira, até que hoje descansa novamente em ti". Como memorial da criação, o sábado judaico prenunciava o domingo do Novo Testamento — o memorial de nossa recriação em Cristo Jesus.

Secundariamente, o sábado também era um memorial da aliança. No monte Sinai, quando Deus entregou as duas tábuas a Moisés, ele instruiu o povo dizendo: "Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre" (Êx 31:16,17).

Assim, todo sábado era uma renovação solene da aliança entre Deus e o povo escolhido. As pessoas renovavam sua dedicação em servi-lo. A cada sábado se regozijavam novamente com a promessa de Deus: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade particular dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa" (Ex 19:5,6).

Novamente, descansar do trabalho não era o foco principal na observância do sábado. Era não só um complemento à adoração como uma forma de adoração em si mesma. Apenas a adoração permanecia como elemento essencial da celebração do sábado.

Anos depois, o profeta Isaías falava sobre o sábado como "um dia de deleite". O jejum e a lamentação eram proibidos. Deviam ser usadas vestes brancas, especiais para festas, e uma música alegre deveria permear a celebração do sábado. Além disso, a festividade não estava restrita ao templo. O sábado foi e ainda é a grande festa do Jar judaico ortodoxo, de tal maneira que é considerado o principal fundamento da vida familiar notavelmente estável e completa o espírito de intimidade familiar que tem caracterizado os judeus ortodoxos ao longo dos séculos. Todos os membros da família deveriam estar presentes junto aos hóspedes convidados, especialmente os pobres, estrangeiros ou viajantes.

(Em Lucas 7, vemos Jesus, o pregador itinerante, jantar num sábado na casa de Simão, o fariseu.)

A celebração do sábado começava no pôr-do-sol da sexta, com a mãe da família acendendo cerimonialmente as velas. Então, o pai, depois de dar graças sobre um cálice de vinho, colocava a mão na cabeça de cada um de seus filhos e os abençoava solenemente com uma oração pessoal. Esse e muitos outros gestos paralitúrgicos não somente consagravam o sábado, mas também santificavam o lar judeu, fazendo dele um **mikdash me-at**, um pequeno santuário no qual os pais eram os sacerdotes, e a mesa da família, o altar.

Infelizmente, após o exílio babilônico, o principal significado espiritual do sábado ficou obscurecido. Sob uma liderança espiritualmente falida, um sutil deslocamento de foco tomou lugar. Os fariseus, que carregavam a religião como um escudo de autojustificação e uma espada de julgamento, instalaram as frias exigências de um perfeccionismo baseado em regras porque este enfoque dava-lhes **status** e controle, enquanto assegurava aos fiéis que estavam marchando na estrada da salvação.

Os fariseus falsificaram a imagem de Deus, transformando-o num eterno e tacanho contador que registra tudo num livro-caixa, cujo favor podia se ganhar somente através da observância escrupulosa de leis e regulamentos. A religião se tornou um instrumento para intimidar e escravizar em vez de libertar e fortalecer. Os judeus fiéis eram instruídos a focalizar sua atenção no aspecto secundário do sábado — a abstenção do trabalho.

A alegre celebração da criação e da aliança, enfatizada pelos profetas, desapareceu. O sábado se tornou um dia de legalismos. Os meios se tornaram os fins. (Neste ponto reside a genialidade da religião legalista — tornar secundárias as coisas primárias, e primárias, as secundárias.) Conseqüentemente, o que emergiu foi uma miscelânea de proibições e prescrições que transformaram o sábado num fardo pesado que conduzia à escrupulosidade exaltada

— o tipo de sábado contra o qual Jesus de Nazaré fez denúncias tão veementes.

Dezessete séculos depois, essa interpretação farisaica do sábado, que se perde em minúcias, tomou conta da Nova Inglaterra. No Código de Connecticut pode-se ler:

No dia de Sábado, ninguém deve correr, andar pelo jardim ou por qualquer outro lugar, exceto ao, reverentemente, dirigir-se ou voltar da reunião. Ninguém deve viajar, cozinhar, arrumar camas, varrer a casa, cortar o cabelo ou fazer a barba no Sábado. Se algum marido beijar sua esposa, ou a esposa, seu marido, no Dia do Senhor, a parte em pecado deve ser punida de acordo com o arbítrio da corte dos magistrados.

Paradoxalmente, o que se intromete entre Deus e o ser humano é a nossa moralidade melindrosa e a pseudopiedade. Não são as prostitutas e os cobradores de impostos que acham do arrependimento a coisa mais difícil: é o devoto, que sente não ter nenhuma necessidade de se arrepender, seguro por não ter transgredido as leis do sábado.

Os fariseus investem, de forma pesada, nos gestos religiosos extrínsecos, nos rituais, nos métodos e nas técnicas, gerando, supostamente, pessoas santas intelectualmente censuradas, mecânicas, sem vida e tão intolerantes com outros quanto consigo

— pessoas violentas, totalmente opostas à santidade e ao amor, "o tipo de pessoa espiritual que, consciente de sua espiritualidade, continua a crucificar o Messias".⁶⁰ Jesus não morreu nas mãos de assaltantes, estupradores ou assassinos. Ele caiu nas mãos bem-lavadas de pessoas profundamente religiosas, dos membros mais respeitadas da sociedade.



Naquele tempo, embora fosse sábado, passeava Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, começaram a colher espigas de milho e a comê-las. Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado. Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entraram na casa de Deus e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo. Mas se vós soubésseis o que significa: Misericórdia, **quero e não holocaustos**, não teríeis condenado inocentes. Porque o Filho do Homem é senhor do sábado.

Mateus 12:1-8; grifo do autor

Não é pouca coisa que está em jogo aqui. Os fariseus insistem na insuperável importância da prescrição dos mandamentos. A dignidade básica e as necessidades genuínas dos seres humanos são irrelevantes. Jesus, entretanto,

⁶⁰ Anthony DeMello, *The way to love*, p. 54.

insistia que a lei não era um fim em si mesma, mas o meio para um fim: a obediência era a expressão do amor a Deus e ao próximo, portanto qualquer forma de religiosidade que se coloca no caminho do amor também se coloca no caminho do próprio Deus. Tal liberdade desafiava o sistema judaico. Jesus, porém, disse que tinha vindo não para destruir a lei, mas para cumpri-la. O que ele ofereceu não foi uma nova lei, e sim uma nova atitude em relação à lei, baseada na vida eterna.

O espírito farisaico viceja, hoje, naqueles que usam a autoridade da religião para controlar pessoas, enredando-as em intermináveis listas de regras, observando-as no conflito e se recusando a dar-lhes assistência. Eugene Kennedy afirmou: "O poder dos fariseus surge dos fardos que se amontoam sobre as costas dos judeus sinceros; sua recompensa resulta da tosca manipulação do medo que as pessoas têm de desagradar seu Deus".⁶¹ O cartaz do lado de fora de uma igreja declarando que "homossexuais não são bem-vindos" é tão ofensivo e aviltante quando o cartaz de um modesto armazém no sul, nos anos 40: "Proibida a entrada de cães e pretos!".

As palavras de Jesus "misericórdia quero e não holocaustos" são endereçadas a homens e mulheres de fé, cruzando as fronteiras do tempo. Kennedy comentou: "Qualquer um na história, que tenha colocado a lei, as regras e a tradição à frente do sofrimento das pessoas são farinha do mesmo saco [como os fariseus], presunçosamente fazendo a mesma acusação contra o inocente".⁶²

Quantas vidas foram arruinadas em nome da religiosidade tacanha e intolerante!

Os pontos fortes do fariseu da minha época são censurar, acusar e jogar com a culpa de outros. Seu dom é perceber o cisco nos olhos alheios e não notar a viga no próprio olho. Cegado pela própria ambição, o fariseu não consegue perceber sua sombra e a projeta nos outros. Este é seu dom, sua assinatura, sua reação mais previsível e infalível.

Há muitos anos, a caminho do funeral da irmã de um amigo, passei de carro sobre uma ponte respeitando o limite de noventa quilômetros por hora. Logo à frente, vi uma placa indicando que o limite voltava a ser de cem quilômetros por hora. Rapidamente acelerei para 110 e então fui flagrado por um policial. O policial era negro. Expliquei a ele que estava correndo para um funeral. Ele me ouviu com indiferença, verificou minha habilitação e me multou de forma inflexível por excesso de velocidade. De imediato acusei-o mentalmente de racismo, vingança e responsabilizei-o pelo provável atraso na igreja. Meu dormiente fariseu interior anunciou que estava vivo e passando bem.

Sempre que transferimos a culpa, estamos procurando um bode expiatório para nos mudar do real lugar em que estamos implicados. A transferência da culpa é uma defesa que substitui o exame honesto da vida, que busca crescimento pessoal nas falhas e autoconhecimento nos erros. A esse respeito, Thomas Moore afirmou: "É essencialmente uma forma de desviar-se da consciência do erro".⁶³



⁶¹ *The choice to be human*, p. 211.

⁶² *Idem*, p. 128.

⁶³ *The core of the soul*, p. 166.

O farisaísmo judaico consiste num grupo relativamente pequeno, de "separados" que, quase dois séculos antes de Cristo, a fim de preservar a fé judaica a salvo da mistura com estrangeiros, se entregou à vida de observância vigilante da lei mosaica. "Suas vidas eram um longo ensaio, uma orquestra sinfônica se afinando, interminavelmente, ao executar variações torturantes da lei".⁶⁴

Antes do exílio dos judeus, quando o espírito da aliança estava vibrantemente vivo, as pessoas se sentiam seguras à sombra do amor de Deus. No período farisaico, à medida que a compreensão das escrituras hebraicas se deteriorava, os judeus se sentiam seguros à sombra da lei. Obviamente, o evangelho da graça apresentado pelo carpinteiro nazareno era ultrajante.

O propósito do fariseu está em seguir a lei para que Deus enleve-se por ele. A aceitação divina é subalterna e condicionada pelo comportamento do fariseu. Para Jesus, a situação é diametralmente oposta. Ser aceito, cativado e amado por Deus vem em primeiro lugar, motivando o discípulo a viver a lei do amor. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4:19).

Suponha que uma criança nunca tenha experimentado nada do amor de seus pais. Num certo dia, ela encontra uma garotinha cujos pais a cobrem de afeição. A primeira diz para si mesma: "Também quero ser amada desse jeito. Nunca experimentei isso, mas vou conquistar o amor de minha mãe e de meu pai pelo meu bom comportamento". Assim, para ganhar a afeição de seus pais, ela escova os dentes, arruma a cama, sorri, se esmera nos pontos e nas vírgulas, nunca fica amuada nem chora, nunca exprime uma necessidade e encobre os sentimentos negativos.

Esse é o caminho dos fariseus. Seguem a lei de forma implacável, a fim de induzir o amor de Deus. A iniciativa é deles. A imagem que fazem de Deus necessariamente os acorrenta numa teologia de obras. Se Deus é como a insuportável enfermeira Ratched, do filme *Um estranho no ninho*, ávida por encontrar as falhas em toda e qualquer pessoa, o fariseu precisa perseguir um estilo de vida que minimiza os erros. Então, no Dia do Julgamento, ele pode presentear Deus com uma aparência imaculada, e a Divindade relutante terá de aceitá-la. A psicologia dos fariseus torna muito atraente a religião de lavar copos e pratos, de jejuar duas vezes na semana, de dar o dízimo da menta, do endro e do cominho.

Que fardo insuportável! A luta para se tornar apresentável a um Deus distante e perfeccionista é exaustiva. Os legalistas nunca conseguem viver de acordo com as expectativas que projetam em Deus, "pois sempre haverá uma nova lei e com ela, uma nova interpretação, um novo fio de cabelo para ser repartido pela mais aguçada navalha religiosa".⁶⁵

O fariseu em mim é a face religiosa do impostor. O eu idealista, perfeccionista e neurótico é oprimido por aquilo que Alan Jones chama de "espiritualidade terrorista". Uma vaga inquietude a respeito de jamais estar correto no relacionamento com Deus assombra a consciência do fariseu. A compulsão por se sentir seguro em relação a Deus é o combustível desse desejo neurótico de perfeição. Essa auto-avaliação compulsiva, infundável e moralista torna impossível o sentimento de aceitação diante de Deus. A percepção de sua falha pessoal conduz à perda abrupta da autoestima e dispara a ansiedade, o medo e a depressão.

O fariseu em mim usurpa meu eu verdadeiro sempre que prefiro as aparências à realidade, que tenho medo de Deus, que entrego o controle da alma às regras em lugar de me arriscar a viver em união com Jesus, quando escolho

⁶⁴ Eugene KENNEDY, op. cit., p. 211.

⁶⁵ Eugene KENNEDY, op. cit., p. 211.

parecer bom e não ser bom, quando prefiro as aparências à realidade. Relembro as palavras de Merton: "Se tenho uma mensagem para meus contemporâneos, certamente é esta: sejam o que quiserem, sejam loucos, bêbados... Mas evitem, a todo custo, uma coisa: 'sucesso'".⁶⁶

Evidentemente, Merton se refere ao culto ao sucesso, à fascinação farisaica por honra e poder, o impulso implacável de realçar a imagem do impostor aos olhos dos admiradores. Quando, porém, minha falsa humildade desdenha do prazer da conquista e escarnece os elogios e louvores, fico orgulhoso dela, alienado e isolado das pessoas reais, de modo que o impostor domina novamente!

Meu fariseu interior nunca está tão proeminente como quando assumo uma postura de superioridade moral em relação aos racistas, fanáticos e homofóbicos. Meneio a cabeça como sinal de aprovação enquanto o pregador aplica uma surra verbal em incrédulos, liberais, adeptos da Nova Era e outros estranhos ao redil. Nenhuma palavra seria cáustica o suficiente para condenar, com vigor, Hollywood, comerciais de televisão, roupas provocativas e **rock'n roll**.

No entanto, minha biblioteca está repleta de comentários bíblicos e de livros teológicos. Frequento a igreja regularmente e oro todos os dias. Tenho um crucifixo em minha casa e uma cruz no bolso. Minha vida é completamente formada e permeada pela religião. Eu me abstenho de carne às sextas-feiras. Dou apoio financeiro a organizações cristãs. Sou um evangelista devotado a Deus e à igreja.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé (...). Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim também sois vós, exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Mateus 23:23,24,27,28

Na parábola sobre o fariseu e o publicano, o fariseu se levanta no templo e ora: "O Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho" (Lc 18:11,12).

Essa oração revela as duas falhas que denunciam o fariseu. Em primeiro lugar, ele é muito cioso de sua religiosidade e santidade. Quando ora, é somente em agradecimento por aquilo que tem. Não é um pedido por aquilo que não tem ou não é. Seu erro é acreditar em sua irrepreensibilidade. Adora a si mesmo. O segundo defeito se relaciona com o primeiro: ele despreza os outros. Julga e condena os demais porque está convencido de que se encontra acima deles. Ele é um homem justo por si mesmo, aquele que injustamente condena os outros.

O fariseu que perdoa a si mesmo está condenado. O cobrador de impostos que condena a si mesmo é inocentado. Negar o fariseu interior é letal. É imperativo que demos as boas-vindas a ele, dialoguemos, perguntemos sobre a razão de precisar buscar, fora do Reino, fontes de paz e felicidade.

⁶⁶ James FINLEY, *Merton's palace of nowhere*, p. 54.

Em uma reunião de oração da qual participei, um homem, perto dos seus sessenta anos, foi o primeiro a falar: "Quero apenas agradecer a Deus por não ter nada do que me arrepender hoje". Sua esposa suspirou. O que ele queria dizer era que não tinha fraudado, blasfemado, fornicado ou quebrado um dos Dez Mandamentos. Tinha se distanciado da idolatria, da bebedeira, da irresponsabilidade sexual e de coisas semelhantes; ainda assim, não tinha adentrado totalmente naquilo que Paulo chama de liberdade interior dos filhos de Deus.

Se continuarmos a focalizar exclusivamente a dualidade pecador/santo em nossa pessoa e conduta, enquanto ignorarmos a oposição feroz entre o fariseu e a criança, o crescimento espiritual atingirá uma brusca estagnação.



Em claro contraste com a percepção que os fariseus têm de Deus e da religião, a percepção bíblica do evangelho da graça é a da criança que nunca experimentou nada além do amor e que tenta dar o melhor de si porque é amada. Quando comete erros, sabe que não corre perigo de perder o amor de seus pais. A possibilidade de que eles possam deixar de amá-la se não arrumar seu quarto jamais lhe passa pela mente. Eles podem desaprovar seu comportamento, mas o amor deles não é determinado a partir de seu desempenho.

Para o fariseu, a ênfase está sempre no esforço e na conquista pessoal. O evangelho da graça enfatiza a primazia do amor de Deus. O fariseu saboreia a conduta impecável; a criança se delicia na ternura implacável de Deus.

Em resposta à pergunta de sua irmã sobre o que ela queria dizer com "permanecer uma criancinha perante o bom Deus", Teresa de Lisieux disse:

É reconhecer a própria insignificância, esperando tudo do bom Deus, exatamente como a criancinha espera tudo de seu pai; é não ficar ansioso por nada, não tentar ficar rico... Ser pequeno é, também, não atribuir a si mesmo as virtudes praticadas, como se alguém pudesse acreditar-se capaz de conquistar algo, mas reconhecendo que o bom Deus coloca esse tesouro nas mãos de seus pequeninos para que façam uso dele sempre que precisarem; entretanto, é sempre o tesouro do bom Deus. Finalmente, é nunca ficar desalentado com as próprias falhas, porque as crianças sempre caem, porém, são pequenas demais para causarem grandes danos a si mesmas.⁶⁷

Os pais amam um pequenino antes que a criança ponha sua marca no mundo. Uma mãe nunca mostra seu filho ao vizinho que a visita com as palavras: "Esta é a minha filha, ela será advogada". Portanto, mais tarde as realizações seguras da criança, não serão o esforço para obter a aceitação e a aprovação,

⁶⁷ Simon TUGWELL. *The beatitudes: soundings in Christian tradition*, p. 138. Cheguei aqui através da indicação de Therese of Lisieux.

mas o abundante transbordar da sensação de ser amada. Se o fariseu é a face religiosa do impostor, a criança interior é a face religiosa do eu verdadeiro. A criança representa o eu autêntico, e o fariseu, o eu forjado. Aqui deparamos com um atraente casamento da psicologia profunda com a espiritualidade. A psicanálise pretende expor as neuroses dos clientes a fim de levá-los da falsidade, falta de autenticidade e pseudo-sofisticação para a receptividade infantil da realidade e para o que Jesus nos ordena ser: "a menos que se tornem como um destes pequeninos".

A criança interior está atenta aos sentimentos e desinibida para expressá-los; o fariseu edita os sentimentos e prepara uma resposta estereotipada para as circunstâncias da vida. Na primeira visita de Jacqueline Kennedy ao Vaticano, o papa João ^{xxiii} perguntou a seu secretário de Estado, Giuseppi Cardinal Montini, qual seria a forma adequada de cumprimentar a nobre visitante, a esposa do presidente dos Estados Unidos. Montini respondeu: "Seria adequado dizer 'madame' ou senhora Kennedy". O secretário saiu e, minutos depois, a primeira dama encontrava-se à porta. Os olhos do papa brilharam. Ele se aproximou lentamente, lançou os braços em torno dela e exclamou: "Jacqueline!".

A criança expressa espontaneamente suas emoções; o fariseu cuidadosamente as reprime. A questão não é se sou introvertido ou extrovertido, de sangue quente ou de personalidade submissa. A questão é se expresso ou reprimo meus sentimentos genuínos. John Powell disse certa vez com tristeza que, como epitáfio para a lápide de seus pais, seria compelido a escrever: "Aqui jazem duas pessoas que nunca se conheceram". Seu pai nunca conseguiu compartilhar os sentimentos e, por isso, sua mãe nunca chegou a conhecê-lo.

Abrir-se para outra pessoa, parar de mentir sobre sua solidão e seus medos, ser honesto a respeito de seus afetos e dizer aos outros quanto são importantes para você — esta receptividade é o triunfo da criança sobre o fariseu e um sinal da presença ativa do Espírito Santo. "Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2Co3:17).

Ignorar, reprimir ou dispensar nossos sentimentos é deixar de atender às inspirações do Espírito no íntimo de nossa vida emocional.⁶⁸ Jesus atendia. No evangelho de João, somos informados de que Jesus era movido por emoções intensas (11:33). No livro de Mateus vemos sua ira irromper: "Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram" (15:7-9).

Jesus pediu pelas multidões em oração intercessora, pois "compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor" (9:36). Quando viu a viúva de Naim, "o Senhor se compadeceu dela e lhe disse: Não chores!" (Lc 7:13). O filho dela teria sido ressuscitado se Jesus tivesse reprimido seus sentimentos?

O pesar e a frustração irromperam espontaneamente: "Quando ia chegando, vendo a cidade, chorava e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz!" (Lc 19:41,42). Jesus abandonou todo o comedimento emocional ao vociferar: "Vós sois do Diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos" (v. Jo 8:44,55). Percebemos mais do que uma ponta de irritação quando, jantando na casa de Simão, em Betânia, Jesus disse: "Deixai-a; por que a molestais?" (Mc 14:6). Percebemos frustração total nas palavras: "Até quando vós sofrereis?" (Mt 17:17); fúria consumada em: "Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço" (16:23); sensibilidade extraordinária em: "Alguém me tocou, porque senti que de mim saiu poder" (Lc 8:46) e ira ardente em: "Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio" (Jo 2:16).

⁶⁸ Brennan MANNING, *A stranger to self-hatred*, p. 97.

Espalhamos tanta cinza em cima do Jesus histórico que raramente sentimos a calor de sua presença. Ele é um tipo de homem do qual temos esquecido que os homens podem ser: verdadeiro, brusco, emotivo, não manipulador, sensível, compassivo — com sua criança interior tão liberta, que não se sente covarde ao chorar. Ele se encontrava com as pessoas frente a frente e recusou-se a negociar sua dignidade.

A descrição do evangelho sobre o amado Filho de Deus é a de um homem perfeitamente sintonizado com suas emoções e desinibido ao expressá-las. O Filho do Homem não desprezou ou rejeitou os sentimentos como se fossem volúveis e inseguros. Eram sensíveis antenas emocionais que ouvia atentamente e, por meio delas, percebia a vontade de seu Pai para agir e falar de forma coerente.



Antes de sair para jantar, minha esposa Roslyn freqüentemente diz: "Preciso de uns minutinhos para dar um jeito no rosto". O fariseu precisa usar a máscara religiosa o tempo todo. O apetite voraz do fariseu por atenção e admiração o obriga a apresentar uma imagem edificante e evitar, com muito cuidado, os erros e as falhas. Não censurar as emoções pode render grandes problemas.

No entanto, as emoções são nossas reações mais diretas à percepção que temos de nós e do mundo que nos cerca. Sejam positivos ou negativos, os sentimentos nos colocam em contato com o eu verdadeiro. Não são bons nem ruins: são simplesmente a verdade do que se passa dentro de nós. O que fazemos com nossos sentimentos determinará se viveremos vidas honestas ou enganosas. Quando submetidas ao arbítrio de um intelecto formado pela fé, nossas emoções servem como indicadores seguros para uma ação apropriada ou para nenhuma ação. Negação, privação e repressão dos sentimentos impedem a intimidade conosco.

O fariseu que vive dentro de mim inventou um jeito de desentranhar meu eu verdadeiro, negar minha humanidade e camuflar minhas emoções por meio de uma manobra mental fraudulenta chamada "espiritualização". Minha mente é esperta, caminha na direção da religiosidade, protegendo-me de meus sentimentos. Em geral, aqueles que mais me atemorizam são raiva, medo e culpa. Deixo para trás as emoções, intuições e percepções negativas com um pé e, com o outro, pulando amarelinha, adentro as racionalizações cheias de rococó.

Certa vez, quis dizer a um fanático: "Se você não esfriar a cabeça, vou esganá-lo e pendurá-lo como decoração em minha árvore de Natal"; em vez disso, pensei comigo: "Deus conduziu para minha vida este irmão pouco esclarecido. Suas maneiras detestáveis sem dúvida são decorrentes de traumas na infância. Preciso amá-lo, a despeito de tudo". (Quem pode argumentar contra isso? Se os intolerantes odeiam os negros, e eu odeio os intolerantes, qual é a diferença?)

Entretanto, a verdade mesmo é que abandonei meus sentimentos, envernizei-os com uma piedosa conversa furada, reagi como um espírito desincorporado e me alienei do eu verdadeiro. Quando um amigo diz: "Na verdade, não gosto mais de você. Você nunca me ouve e sempre me faz sentir

inferior", não me aflijo. Afastando-me rapidamente do pesar, da tristeza e da rejeição que sinto, concluo: "Esse é o jeito de Deus me testar".

Quando o dinheiro falta e a ansiedade aparece, lembro a mim mesmo: "Jesus disse que não ficássemos ansiosos pelo amanhã, então, esse pequeno revés é apenas seu jeito de descobrir do que sou feito". Quando optamos por nosso eu mascarado e negamos nossos sentimentos reais, deixamos de reconhecer nossas limitações humanas. Os sentimentos enrijecem a ponto da insensibilidade. As interações com pessoas e circunstâncias da vida são inibidas, convencionais e artificiais. Essa espiritualização tem mil faces, nenhuma delas justificável ou saudável, apenas disfarces que sufocam a criança interior.



Quando Roslyn era garotinha, crescendo numa pequena vila com novecentos habitantes, sua companheira de brincadeiras aos sábados era outra garotinha chamada Bertha Bee, filha da empregada doméstica negra, Ollie. Brincavam de boneca na varanda, faziam bolinhos de barro perto da margem do lago, comiam biscoitos, compartilhavam suas vidas e erguiam castelos no ar. Num sábado, Bertha Bee não apareceu. Nunca mais voltou. Roslyn sabia que ela não estava doente, machucada ou morta, porque Ollie teria lhe contado. Então, Roslyn, com nove anos de idade, perguntou a seu pai por que Bertha Bee não vinha mais brincar. Ela nunca esqueceu a resposta: "Não é conveniente".

A face que uma criança usa é sua mesmo, e seus olhos perscrutam o mundo sem olhar de soslaio, procurando rótulos: negro-branco, católico-protestante, asiático-latino, gay-heterossexual, capitalista-socialista. Rótulos criam impressões. Esta pessoa é rica, a outra está bem de vida. Este homem é brilhante, o outro não é tão inteligente. Uma mulher é bela, a outra é desleixada.

As impressões formam imagens, que se tornam idéias fixas e geram preconceitos. Anthony DeMello disse:

Se você é preconceituoso, enxergará qualquer pessoa sob a perspectiva de seu preconceito. Noutras palavras, você deixará de ver essa pessoa como uma pessoa.⁶⁹

O fariseu dentro de nós gasta boa parte de seu tempo reagindo aos rótulos, seus e de outros.

Conta-se a história de um homem que foi a um sacerdote e disse: — Padre, quero que reze uma missa para meu cachorro.

O sacerdote ficou indignado:

Como assim? Uma missa para seu cachorro?

É meu cachorro de estimação — disse o homem. — Eu amava aquele cachorro, e gostaria que o senhor rezasse um missa por ele.

Não rezamos missas para cachorros aqui — disse o sacerdote. — Você pode tentar na igreja da esquina. Pergunte a eles se podem fazer um culto para você.

Enquanto ia saindo, o homem disse ao sacerdote:

⁶⁹ *Awareness: a spirituality conference in his own words*, p. 28.

Eu realmente amava aquele cachorro. Estava planejando dar uma oferta de um milhão de dólares pela missa.

Espere um pouco — exclamou o sacerdote. — o Você não disse que seu cachorro era católico.



Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.

Mateus 18:1-4

No competitivo jogo de levar vantagem sobre o outro, os discípulos são direcionados pela necessidade de ser importantes e significativos. Eles precisam ser alguém. De acordo com John Shea: "Toda a vez que essa ambição vem à tona, Jesus coloca, entre eles, uma criança, ou fala a respeito de uma criança".⁷⁰

A resposta perspicaz de Jesus em Mateus 18 nem sempre tem sido percebida. Jesus diz que não há "primeiro" no Reino. Se quiser ser o primeiro, torne-se servo de todos; retorne à infância e então você estará apto para o primeiro lugar. Jesus deixa pouco espaço para a ambição, e deixa o mesmo espaço para o exercício do poder. "Servos e crianças não são detentores de poder".⁷¹

Os jogos de poder dos fariseus, grosseiros ou sutis, são direcionados para dominar pessoas e situações e, assim, aumentar o prestígio, a influência e a reputação. As inúmeras formas de manipulação, controle e agressão passiva têm origem centrada no poder. A vida é uma série de manobras sagazes de ataque e defesa. O fariseu dentro de nós desenvolveu um sistema de radar sofisticado, ajustado para detectar as vibrações de qualquer pessoa ou situação que, mesmo remotamente, ameaça sua posição de autoridade.

Aquilo que um amigo meu chama de "síndrome do reizinho" – a programação emocional que procura compensar a deficiência de poder que experimentamos na infância e na adolescência – pode levar à preocupação com símbolos de **status**, sejam eles bens materiais ou relacionamentos com pessoas detentoras de influência econômica ou política. Isso pode motivar uma pessoa a acumular dinheiro como uma fonte de poder, ou adquirir conhecimento como uma forma de alcançar reconhecimento como um indivíduo "interessante".

O fariseu sabe que o conhecimento pode representar poder no meio religioso. O especialista deve ser consultado antes que qualquer julgamento definitivo possa ser feito. Esse jogo de levar vantagem sobre o outro impede a troca de idéias e introduz um espírito de rivalidade e competição que é a antítese da falta de autoconsciência da criança. Anthony DeMello explicou: "A primeira

⁷⁰ *Starlight*, p. 92. Um pensador profuso que tocou profundamente minha vida e aprofundou meu entendimento do evangelho, o último livro de Shea desenvolve a idéia de que o Natal não é um dia de ingenuidade e idealismo num ano de realismo impiedoso. E o dia da realidade num ano de ilusão. Se acordarmos na manhã de Natal, podemos perceber que temos sido sonâmbulos durante todo o resto do ano.

⁷¹ John McKENZIE, *The power and the wisdom*, p. 208.

qualidade que impressiona alguém que olha nos olhos de uma criança é sua inocência; essa amável incapacidade de mentir, de usar máscaras ou de fingir ser algo diferente do que é".⁷²

As manobras de poder do fariseu são previsíveis. No entanto, o desejo pelo poder é sutil. Pode passar sem ser detectado e, portanto, sem ser contestado. O fariseu onívoro que consegue amearhar poder, colecionar discípulos, adquirir conhecimento, alcançar **status** e prestígio, além de controlar seu mundo, está distanciado da criança interior. Ele se torna horrendo quando um subalterno rouba a cena, cínico quando os comentários sobre ele são negativos, paranóico quando ameaçado, preocupado quando ansioso, vacilante quando desafiado e perturbado quando derrotado.

O impostor enredado no jogo de poder vive uma vida irreal com consideráveis evidências exteriores de sucesso, embora interiormente seja solitário, ríspido e tomado pela ansiedade. O reizinho busca dominar Deus em vez de ser dominado por ele.⁷³

O eu verdadeiro é capaz de preservar a inocência infantil por meio da consciência inabalável da essência de sua identidade e da firme recusa em ser intimidado e contaminado pelos semelhantes, "cujas vidas são gastas não em viver, mas em cortejar o aplauso e a admiração; não no deleite de ser quem são mas na comparação e na competição neurótica, lutando por coisas vazias chamadas sucesso e fama, mesmo se só puderem ser alcançadas às custas de derrotar, humilhar e destruir o próximo".⁷⁴



John Bradshaw, entre outros, ofereceu uma percepção incisiva sobre a importância de entrar em contato com a criança interior. Neste período histórico de enorme sofisticação, inúmeras conquistas e sensibilidades embotadas, a redescoberta da infância é um conceito maravilhoso e, como William McNamara enfatizou, "somente pode ser desfrutada por crianças não mimadas, por santos não canonizados, sábios indistintos e palhaços desempregados".⁷⁵

A menos que recuperemos nossa criança, não teremos nenhuma percepção do eu interior e, gradualmente, o impostor se tornará quem nós realmente pensamos ser. Tanto os psicólogos como os que escrevem sobre espiritualidade enfatizam a

CAPÍTULO SEIS

PRESENÇA DO RESSURRETO

⁷² *The way to love*, p. 73.

⁷³ Brennan MANNING, *The gentle revolutionaries*, p. 39.

⁷⁴ Citado por Anthony DeMELLO, *The way to love*, p. 76.

⁷⁵ *Mystical passion*, p. 57.

Parado, na esquina de uma rua em Londres, **G. K. Chesterton** foi abordado por um repórter de jornal:

Senhor, sei que recentemente se tornou cristão. Posso fazer uma pergunta?

Certamente — replicou Chesterton.

Se o Cristo ressurreto aparecesse repentinamente, e nesse mesmo instante estivesse em pé atrás do Senhor, o que faria?

Chesterton olhou bem nos olhos do repórter e disse: — Ele está.

Isso é apenas uma figura de linguagem, um desejo, um pedaço de retórica piedosa? Não, esta verdade é o fato mais real acerca da vida; é a nossa vida. O Jesus que andava pelas estradas da Judeia e da **Galileia** é o Único que permanece ao nosso lado. O Cristo da história é o Cristo da fé.

A preocupação da teologia bíblica com a ressurreição não é simplesmente apologética — isto é, não é mais considerada a prova **par excellence** da veracidade do cristianismo. Fé significa receber a mensagem do evangelho com **dynamis**, amoldando-nos à imagem e semelhança de Deus. O evangelho amolda o ouvinte por meio da poderosa vitória de Jesus sobre a morte. O evangelho proclama um poder misterioso no mundo — a presença viva do Cristo ressurreto. Libertando homens e mulheres da escravidão que obscurece neles a imagem e a semelhança de Deus.

O que dá ao ensino de Jesus esse poder? O que o distingue do Alcorão, dos ensinamentos de Buda, da sabedoria de Confúcio? A **ressurreição de Cristo o faz**. Por exemplo, se Jesus não ressuscitou, podemos, seguramente, elogiar o Sermão da Montanha na qualidade de uma ética magnífica. Se ele ressuscitou, o elogio não importa. O sermão se torna um relato de nosso destino último. A força transformadora da Palavra reside no Senhor ressurreto, que lhe dá suporte e, por meio disso, atribui seu significado definitivo e atual.

Direi novamente: o poder ativo do evangelho flui a partir da ressurreição. Os autores do Novo Testamento repetiram isto: "para o conhecer, e o poder de sua ressurreição" (Fl 3:10).

Quando, por meio da fé, aceitamos plenamente que Jesus é quem ele afirma ser, experimentamos o Cristo ressurreto.

Deus levantou Jesus dos mortos. Esse é o testemunho apostólico, o coração da pregação apostólica. As Escrituras nos apresentam apenas duas alternativas: crer na ressurreição e em Jesus de Nazaré, ou não crer na ressurreição e em Jesus de Nazaré.



PARA MIM, A EXIGÊNCIA mais radical da fé cristã consiste em reunir a coragem necessária para dizer "sim" à atualidade da ressurreição de Jesus Cristo. Sou cristão há quase cinquenta anos, e vi meu fervor inicial enfraquecer aos poucos na longa e monótona rotina da vida. Vivi o suficiente para perceber que o cristianismo é vivido por mais tempo no vale do que no topo da montanha, que a fé nunca está livre da dúvida e que, embora Deus tenha se revelado na criação e na história, a forma mais segura de conhecê-lo é, nas palavras de Tomás de Aquino, como *tamquam ignotum*, ou seja, impossível de ser completamente conhecido (incognoscível). Nenhum pensamento pode contê-lo, nenhuma palavra

pode expressa-los; ele está além de qualquer exercício de raciocínio ou imaginação. Dizer "sim" à plenitude da divindade encarnada na atualidade pessoal. Na hora da desolação e do desamparo, na morte de meu pai, na solidão e no medo, na consciência do fariseu que vive em mim e nos artifícios usados pelo impostor, "sim" é uma palavra ousada, que não deve ser empregada de modo irresponsável ou superficial. Esse «sim» é um ato de fé, uma reação decisiva e sincera de todo o ser ao Jesus ressurreto que está ao meu lado, diante de mim, ao meu redor e dentro de mim; uma declaração de confiança no fato de que minha fé em Jesus me dá segurança não apenas diante da morte, mas em face de ameaça ainda pior, imposta por minha maldade; uma palavra que precisa ser dita não somente uma vez, mas repetida continuamente a cada variação do cenário da vida.

A consciência do Cristo ressurreto anula a falta de sentido (a sensação terrível de que todas as nossas experiências são desconexas e inúteis), nos ajuda a ver a vida como peça única e revela um propósito nunca antes percebido. Será que enxergamos essas pistas da atualidade da ressurreição de Jesus?

A RESSURREIÇÃO DE JESUS deve ser vivida como algo maior do que um evento histórico. Caso contrário, "é despojada de seu impacto no tempo presente". No livro *True Resurrection*, o teólogo anglicano H. A. Williams escreveu: "É por isso que, na maior parte do tempo, a ressurreição significa pouco para nós. É algo remoto e isolado. E é esse o motivo pelo qual ela nada significa para a maioria das pessoas [...] Elas fazem bem em ser céticas quanto a crenças não apoiadas na experiência".⁷⁶

No entanto, se o ato central de salvação da fé cristã é relegado ao futuro na esperança ardorosa de que a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição e de que, algum dia, reinaremos com ele em glória, então o Único ressurreto é empurrado, sem problemas, para fora do presente. Limitar a ressurreição ao passado ou futuro torna a presença ressurreta de Jesus extremamente irrelevante, nos salvaguarda da inferência nos acontecimentos comuns e na rotina diária de nossa vida, e vivência **agora** a comunhão futura com o Jesus vivo.

Em outras palavras, a ressurreição tem de ser sentida como presença do ressurreto. Se levarmos a sério a palavra do Cristo ressurreto: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mt 28:20), devemos ter a expectativa de que ele estará ativamente presente em nossas vidas. Se nossa fé for viva e luminosa, estaremos alerta para os momentos, eventos e ocasiões em que o poder da ressurreição se manifesta em nossa vida. Absortos e desatentos, deixamos de notar as maneiras sutis pelas quais Jesus nos chama a atenção.

William Barry escreveu: "Devemos nos disciplinar a prestar atenção a nossa experiência de vida, a fim de distinguirmos o toque de Deus, ou aquilo que Peter Berger chama de **rumor de anjos**, de todas as outras influências em nossa experiência".⁷⁷ Quero oferecer um exemplo concreto.

Voltei para casa tarde da noite, num sábado, por causa do trabalho ministerial. O recado na secretária eletrônica foi breve e direto: "Frances Brennan está morrendo e quer ver você".

No dia seguinte, peguei um avião para Chicago, tomei um táxi para San Pierre, Indiana, e cheguei à casa de saúde por volta de nove horas da noite. Fui ao quarto andar e perguntei à enfermeira de plantão se a senhora Brennan ainda estava em seu antigo quarto. "Sim", ela respondeu, "quarto 422, no final corredor".

⁷⁶

P.5.

⁷⁷ William Barry, *God's passionate desire and our response*, p. 109. (grifo do autor)

Essa mulher de 91 anos de idade, que tinha sido uma segunda mãe para mim nos últimos quarenta anos e cujo sobrenome adotei em 1960, quando mudei legalmente meu sobrenome, estava deitada na cama, com uma freira sentada ao seu lado e orando baixinho. "Ela estava esperando por você", disse a irmã.

Inclinei-me sobre a cama, beijei-a na testa e disse "eu te amo, mãe". Ela estendeu a mão direita e apontou para os lábios. Depois de alguns momentos de incerteza, percebi o que ela queria. Com o pouco de energia que sobrara em seu frágil corpo pesando 28 quilos, ela fez um biquinho e nos beijamos, no rosto, três vezes. Deu um sorriso depois disso. Ela morreu poucas horas depois.

Com o coração pesado dirigi até Chicago, com uns amigos, para cuidar dos detalhes do sepultamento. Decidi hospedar-me próximo à casa funerária. Depois de registrar-me, tomei o elevador até o quarto andar, andei pelo corredor, dei uma rápida olhada na chave e a coloquei na fechadura. Quarto 422.

Atordado, joguei minha mala no chão e me afundei numa cadeira macia. Havia 161 quartos naquele hotel. Pura coincidência? Então, como um sino ressoando no fundo da minha alma, estas palavras surgiram dentro de mim: "Por que procuras o vivo entre os mortos?" Lá fora, uma nuvem se afastava e o brilho do sol irrompeu através da janela. "Você está viva, mãe!" Minha face se abriu num sorriso largo e satisfeito. "Parabéns, você chegou em casa!".

Talvez, como sugere John Shea, a fronteira entre esta e a próxima vida seja mais permeável do que muitos imaginam.

Há sinais. As pessoas os encontram no ordinário e no extraordinário. Estão abertos para a argumentação e a refutação, mas o impacto sobre aqueles que os recebem pode ser apenas agradável. Eles confirmam nossa profunda, porém frágil esperança de que o amor que temos uns pelos outros, que diz "assim, tu não morrerás", não é infundado.⁷⁸

O cético que está dentro de mim sussurra: "Brennan, seu pão vai cair com a manteiga para baixo". Minha fé na ressurreição ouve o rumor de anjos, e meus olhos vêem um comunicado ensolarado do Único ressurreto, sobre quem Santo Agostinho afirmou ser mais íntimo de mim do que eu mesmo.

Frederick Buechner escreveu sobre duas experiências que podem ser grandes coincidências ou não. Ele deixa a decisão para o leitor.

Uma delas aconteceu quando estava no bar de um aeroporto, numa hora nada auspiciosa. Fui até lá porque odeio viajar de avião, e um drinque ajuda a subir na aeronave. Somente eu estava ali, e havia uma enorme quantidade de banquetas vazias no balcão desse bar comprido. Sentei-me em uma que tinha, como as outras, um pequeno cardápio sobre o balcão, com o drinque do dia. Sobre esse cardápio havia um objeto — era um prendedor de gravata, contendo as iniciais C.F.B., que são as minhas iniciais. Fiquei realmente atordado com aquilo. Somente o B. já seria um tanto interessante, F.B., fascinante, e C.F.B., na ordem certa — as probabilidades de ser acaso, devo pensar, seriam realmente enormes. O que aquilo significou para mim, o significado que escolhi acreditar foi: neste momento você está no lugar certo, na

⁷⁸ *Starlight*, p. 165. As palavras: "Assim, tu não morrerás" foram extraídas de Gabriel MARCEL, *The mystery of being it: faith and reality*, p. 171.

missão certa e na estrada certa. Tão ridículo e tão trivial, mas é muito confortante dizer isso.

Então, a outra experiência foi apenas um sonho que tive com um amigo que havia morrido recentemente, um sonho real como jamais havia sonhado. Estava em pé na sala e eu disse:

- Que bom ver você, tenho sentido sua falta.
- Sim, eu sei disso — ele respondeu.
- Você está aí mesmo? — perguntei.
- Pode apostar que estou aqui, sim.
- Você pode provar?

Ele respondeu: — Claro que posso provar —, e jogou para mim um pedacinho de fio azul, e eu o peguei. Foi tão real que acordei. Conte o sonho, no café da manhã, para minha esposa e para a viúva do homem no sonho, e minha esposa disse: "Meu Deus, eu vi isso no tapete nesta manhã". Eu sabia que o fio não estava lá na noite anterior, corri e, sem dúvida, lá estava um pedaço do fio azul. Bem, novamente, ou isso não é nada — coincidência — ou é apenas um pequeno vislumbre do fato de que, talvez, quando falamos sobre a ressurreição do corpo, exista alguma coisa nisso!⁷⁹

Ao ler o ***Celtic Chronicles [Crônicas célticas]*** há alguns anos, fiquei perplexo com a visão clara de fé na igreja da Irlanda durante o período medieval. Quando um jovem monge irlandês viu seu gato pegar um salmão que nadava nas águas rasas, ele exclamou: "O poder do Senhor está na pata do gato". As crônicas falam sobre os monges que perambulavam, como marinheiros pelo Atlântico, vendo os anjos de Deus e ouvindo seus cânticos enquanto voavam e pousavam sobre as ilhas ocidentais. Para a pessoa instruída, eram apenas gaivotas, mergulhões, papagaios-do-mar e cormorões.

Os monges, porém, viviam num mundo em que para eles tudo era uma palavra de Deus, no qual o amor divino era manifesto a qualquer um com a menor capacidade criativa.⁸⁰

Se o Pai de Jesus monitora cada pardal que cai do céu e cada fio de cabelo que nos cai da cabeça, talvez não seja indigno que seu Filho ressurreto tenha participação em chaves de quartos, prendedores de gravatas com monogramas e chistes de fios.



A FÉ NA ATUALIDADE da ressurreição de Jesus traz consigo mudanças de vida com implicações sobre a difícil rotina diária. Em nome da clareza e da coesão, devemos analisar, antes de tudo, o significado do Pentecostes. O

⁷⁹ *A conversation with Frederick Buechner*, Front Royal: Image: A journal of the arts and religion, primavera de 1989, p. 56,7.

⁸⁰ Brennan MANNING, *O evangelho maltrapilho*, p. 91.

Pentecostes não é uma festa em homenagem ao Espírito Santo. É uma celebração de Cristo. Tem a ver com o Judeu, com Jesus de Nazaré.⁸¹ O Pentecostes é a celebração da Páscoa junto com a Igreja, a celebração do poder da ressurreição e da glória de Jesus Cristo divulgados a todos.

João afirmou que, enquanto Jesus ainda estava na terra, "o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado" (cf 7:39). Em outro ponto de seu evangelho lemos: "... convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" (cf. 16:7). Assim Paulo escreveu: "O último Adão, porém, é espírito vivificante" (1Co 15:45).

O quarto evangelho não localiza a cena do dom do Espírito no quinquagésimo dia após a Páscoa, mas no próprio dia da Páscoa: o Espírito é a dádiva de Páscoa de Jesus, o Cristo.⁸² "Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, [...] veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! [...] E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos" (Jo 20.19,22-23).

Nos textos mais antigos de 2Coríntios 3:17, o próprio Jesus ressurreto é chamado de *pneuma*, Espírito: "Ora, o SENHOR É O ESPÍRITO; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade".

Lembre-se de que a fé de Paulo na ressurreição se baseava não apenas no testemunho apostólico, mas também na própria experiência da realidade da ressurreição de Jesus (At 9). O cristianismo não é simplesmente uma mensagem, mas uma experiência de fé que se torna uma mensagem, oferecendo, de maneira explícita, a esperança, a libertação da escravidão e um novo reino de possibilidades. Como comentou, certa vez, o famoso filósofo comunista Roger Garaudy a respeito do Nazareno: "Não sei muito a respeito deste homem, mas sei que toda a sua vida transmite esta mensagem: qualquer um, a qualquer momento, pode dar início a um novo futuro".⁸³

A presença de Jesus ressurreto como "Espírito vivificante" significa que posso lidar com qualquer coisa. Não dependo unicamente de mim. "Oro para que vocês percebam... como são vastos os recursos que o Espírito coloca à nossa disposição" (v. Ef 1:17-19). Confiando não apenas em minhas reservas limitadas, mas também no poder ilimitado do Cristo ressurreto, posso encarar não somente o impostor e o fariseu, mas até mesmo a perspectiva da minha morte iminente. "Porque convém que ele [Cristo] reine até que [Deus] haja posto todos os inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte" (1Co 15:25,26).

Nossa esperança está indissociavelmente relacionada com a consciente atenção a respeito da presença do ressurreto. Enquanto escrevia no início de uma manhã, uma sensação cortante de melancolia alojou-se em minha alma, sem razão aparente. Parei de escrever e me sentei para ler os capítulos anteriores do manuscrito. Fiquei tão desencorajado que pensei em abandonar todo o projeto. Saí de casa para trocar os freios do carro reformado. A oficina estava fechada. Decidi que precisava de exercício.

Depois de correr três quilômetros na represa, uma tempestade com trovoadas lançava rajadas de chuva, e um vento uivante quase me jogou no rio Mississippi. Sentei-me na grama alta, hesitante em agarrar-me à mão cravejada de Cristo. Voltei para o escritório gelado e ensopado, somente para atender a um telefonema de Roslyn, que acabou em discussão. Meus sentimentos estavam desenfreados — frustração, raiva, ressentimento, medo, autopiedade, depressão.

⁸¹ Edward Schillebeeckx, *For the Sake of the Gospel*, p. 73

⁸² Ibid.

⁸³ Peter G. VAN BREEMAN, *Certain as the Dawn*, p. 83. Aqui encontrei **essa** declaração surpreendente de Garaudy.

Repetia a mim mesmo: "eu não sou meus sentimentos". Nenhum alívio. Tentei: "isso também passará". Não passou.

Às seis da tarde, emocionalmente exaurido e fisicamente esgotado, joguei-me pesadamente numa cadeira macia. Comecei a orar a Jesus: "Senhor Jesus Cristo, tenha misericórdia de mim, um pecador"; buscando o Espírito doador de vida. Lenta, mas perceptivelmente, despertei-me para sua presença sagrada. A solidão permaneceu, embora mais suave, a tristeza persistiu, ainda que mais leve. A raiva e o ressentimento desapareceram.

Um dia difícil? Sim. Chacoalhado e desconjuntado? Sim. Impossível de se lidar? Não.

Como o Espírito doador de vida do Senhor ressurreto se manifesta em dias como esses? Em nossa disposição de não ceder, em nossa recusa de correr para longe e escapar para um comportamento autodestrutivo. O poder da ressurreição nos capacita a entrar no confronto selvagem com as emoções indomadas, a aceitar a dor, recebê-la, trazê-la a bordo, não importa quão aguda seja. E no processo, descobrimos que não estamos sozinhos, que podemos resistir pela consciência de presença do ressurreto e, assim, nos tornarmos discípulos mais plenos, profundos e ricos. Sabemos ser mais do que imaginávamos anteriormente. No processo, não somente persistimos, mas somos forçados a alargar as fronteiras de quem pensamos ser.

"A riqueza da glória deste mistério [...], isto é, Cristo em vós, a esperança da glória" (Cl 1:27). A esperança sabe que se as grandes provações forem evitadas, as grandes realizações não serão alcançadas e a possibilidade de crescimento da alma será nula. O pessimismo e o derrotismo nunca são fruto do Espírito doador da vida; antes, eles revelam nossa ignorância a respeito da atualidade da ressurreição.

Um simples telefonema pode alterar, de uma hora para outra, o ritmo tranqüilo da vida. "Sua esposa se envolveu num acidente grave na estrada. Está em situação crítica no CTI do hospital". Ou então: "Detesto ser o portador de más notícias, mas seu filho foi preso por tráfico de *crack*". Ou ainda: "Sua filha de três anos estava brincando com a minha perto da piscina. Deixei-as sozinhas apenas por um minuto, e sua filha..."

Quando a tragédia acontece e não conseguimos ouvir nada além do som da agonia, quando a coragem foge pela janela e o mundo parece ser um lugar hostil e ameaçador, é hora de passar pelo *nosso* Getsêmani pessoal. Nenhuma palavra, por mais sincera que seja, é suficiente para proporcionar qualquer conforto ou consolo. A noite é ruim. A mente se entorpece, o coração se esvazia, os nervos ficam abalados. Como será possível suportar a noite? O Deus de nossa jornada solitária está em silêncio.

Mesmo assim, pode ser que, nas provações mais desesperadoras da existência, além de qualquer explicação racional, sintamos que a mão marcada pelo cravo nos segura com firmeza. Somos capazes de, como escreveu Etty Hillesun, a holandesa judia que morreu em Auschwitz, em 30 de novembro de 1943, "proteger aquela pequena porção de Deus dentro de nós"⁸⁴ e não dar lugar ao desespero. Suportamos a noite, e a escuridão dá lugar à luz da manhã. A tragédia altera radicalmente a direção da vida, mas, em nossa vulnerabilidade e incapacidade de nos defendermos, experimentamos o poder da presença de Jesus na realidade de sua ressurreição.

A ATUALIDADE DA RESSURREIÇÃO decifra o enigma da vida. No romance *Saint Maybe*, de Anne Tyler, a mãe de Ian Bedloe é uma mulher que vê tudo pelo

⁸⁴ William BARRY, *God's Passionate...*, p. 87. No capítulo intitulado "Mysticism in Hell" ["Misticismo no inferno"]. Barry relata a surpreendente história de uma judia holandesa que registrou em seu diário a convicção de que Deus não estava ausente do campo de concentração.

lado positivo e vive num mundo cor-de-rosa. Sempre com um sorriso forçado no rosto, ela vai de um lado para outro, tal como o cavalo de Lancelote, em quatro direções ao mesmo tempo. Mas, depois da morte do filho mais velho, ela passa por um momento de profunda reflexão. Voltando da Igreja da Segunda Chance para casa com o marido numa manhã de domingo, ela lhe diz:

— Nossa vida se tornou tão efêmera e inferior, tão irrisória e irrelevante, tudo se perdeu. Não é impressionante o fato de seguirmos adiante? Que continuemos comprando roupas, sentindo fome e rindo das piadas na TV? Mesmo sabendo que nosso filho mais velho está morto, se foi, que nunca mais o veremos novamente, e nossa vida está arruinada!

Vamos lá, querida! — ele disse.

Tivemos problemas tão extraordinários — ela continuou — e, de algum modo, eles nos tornaram pessoas comuns. Isso é tão difícil de entender. Não somos mais uma família especial

Por que, querida? É claro que somos especiais.

Nós nos tornamos pessoas inconstantes, preocupadas. —Bee, querida.

Não é impressionante?⁸⁵

Após esse diálogo, Bee se recompõe e retoma seu jeito doce e leve de viver. Tratar a vida como uma série de episódios desconexos é um hábito profundamente enraizado em muitos de nós. Não discernimos nenhum padrão nas experiências e acontecimentos que vêm de fora. A vida parece tão confusa quanto o jornal da manhã, que nos informa sobre a queda do mercado de ações, o aumento das enchentes no meio-oeste, uma conspiração terrorista desbaratada em Nova York, o mais novo modo de diminuir o risco de câncer, o guarda-roupa das modelos e assim por diante.

A variedade de informações, eventos, emoções e experiências nos atordoa, levando-nos à passividade. Parece que nos contentamos em levar a vida como se fosse uma série de acontecimentos desordenados. Os hóspedes estão só de passagem, idéias e sentimentos vêm e vão, comemoramos aniversários e efemérides, a doença e a perda chegam sem ser anunciadas e nada parece estar relacionado.

Isso é particularmente verdade conforme o tempo passa. Naquilo que Shakespeare chamou de "o auge do sangue", a vida parecia ser mais ardente, os acontecimentos pareciam ter mais significado, e a louca trama de cada dia parecia conduzir a um propósito.

Agora nos abalamos menos, somos mais "filosóficos", é o que gostamos de dizer. Nós nos orgulhamos de ter aprendido, na dura escola da vida, a "eliminar as perdas" e a olhar para nosso passado com certa piedade indulgente. Como as coisas parecia simples naquela época! Como era fácil solucionar o enigma da vida! Agora somos mais sábios, mais maduros; finalmente passamos a ver as coisas como elas realmente são.

Sem a noção de realidade da ressurreição de Jesus, a vida não faz sentido, todas as atividades são inúteis todos os relacionamentos são vãos. Separados do Cristo ressurreto, vivemos num mundo de mistério impenetrável e de completa obscuridade — um mundo sem significado, inconstante; um mundo de morte, perigo e escuridão. Um mundo de futilidade inexplicável. Nada está ligado. Nada vale a pena, pois nada dura. Nada é visto além das aparências. Nada se ouve,

⁸⁵ Anne TYLER, *Saini Maybe*, p. 199-200.

senão os ecos morrendo no vento. Nenhum amor sobrevive à emoção que o produziu. Tudo é som e fúria, sem nenhum significado definitivo.⁸⁶

O sombrio enigma da vida é iluminado em Jesus; o significado, o propósito e o objetivo de tudo que nos acontece e a forma de tornar tudo isso relevante só podem ser aprendidos com o Caminho, a Verdade e a Vida.

Viver consciente do Cristo ressurreto não é uma aspiração natural para o entediado e o solitário nem é um mecanismo de defesa que nos capacita a enfrentar o estresse e as tristezas da vida. É a chave que destranca a porta da compreensão do significado da vida. Todos os dias, e o dia inteiro, somos transformados à imagem de Cristo. Tudo o que nos acontece tem esse propósito. Nada pode existir além dos limites de sua presença ("Tudo foi criado por meio dele e para ele" — Cl 1:16); nada é irrelevante para ela, nada fica sem significado nela.

Tudo o que existe é vivificado no Cristo ressurreto — que, como nos lembra Chesterton, está em pé atrás de nós. Cada coisa — grande, pequena, importante, irrelevante, distante ou próxima — tem seu lugar, seu significado e seu valor. Por meio da união com ele (como disse Santo Agostinho, ele tem mais intimidade conosco do que nós mesmos), nada é desperdiçado, nada falta. Não há um só momento que não carregue um significado eterno — nenhuma ação estéril, nenhum amor sem realização e nenhuma oração não ouvida. "Sabemos que **todas as coisas** cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8:28; grifo do autor).

As aparentes frustrações em situações, previstas ou imprevistas, de doença, de desentendimentos, mesmo de nossos pecados, não frustram a realização última de nossas vidas escondidas com Cristo em Deus.

A consciência da presença do ressurreto tem como efeito a integração da intuição com a vontade, da emoção com a razão. Não tão preocupados com as aparências, estamos menos inclinados a mudar de fantasia para angariar a aprovação em cada mudança de companhia e de circunstância. Não somos uma pessoa em casa e outra no escritório; uma pessoa na igreja e outra no trânsito. Não passamos desgovernados de um episódio a outro, buscando, em vão, alguma distração para passar o tempo, permanecendo estóicos a cada nova emoção, dando de ombros para suportar algo que nos irrita ou aborrece. Agora, as circunstâncias nos alimentam, e não nós a elas; nós as usamos, não elas a nós. Gradualmente nos tornamos pessoas inteiras e maduras, cujas habilidades e energias estão harmonizadas e integradas.



Quando Jesus disse que qualquer que o visse veria o Pai, os que o ouviram ficaram incrivelmente chocados. Para aqueles dentre nós que temos ouvido tais palavras, com tanta frequência, elas perderam sua capacidade de chocar. Essas palavras, no entanto, têm o poder de chacoalhar todas as projeções e imagens falsas de Deus. Jesus afirmou que era a encarnação de todos os sentimentos e atitudes de Deus em relação à humanidade. Deus não é outro senão o que se vê na pessoa de Jesus — assim, temos a frase de Karl Rahner: "Jesus é a face humana de Deus".

O milagre central do evangelho não é a ressurreição de Lázaro, a multiplicação dos pães ou todas as dramáticas histórias de cura juntas. O milagre

⁸⁶ Don Aebed WATKIN, *The Heart of the World* p. 94.

do evangelho é Cristo, ressurreto e glorificado, que neste exato momento segue nosso rastro, nos persegue, habita em nós e se oferece como companhia para nossa jornada! Deus **pazzo d'amore** e **ebro d'amore** ("louco de amor" e "embriagado de amor" — Catherine de Siena) está corporificado em Jesus que habita dentro de nós.⁸⁷

Paulo escreveu: "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3:18). A Bíblia de Jerusalém oferece quatro notas úteis aqui: 1) Desvendado — como Moisés fora. 2) Refletindo ou contemplando. 3) O brilho do Senhor é a glória do Jesus ressurreto, estando a glória sobre a face de Cristo (4:6). 4) Contemplar Deus em Cristo concede ao cristão uma semelhança com Deus (Rm 8:29 e 1Jo 3:2).

Paulo teve a audácia de se vangloriar por ter a mente de Cristo (1Co 2:16). Tal vanglória foi validada por sua vida. Desde o momento da conversão, toda a sua atenção estava fixada no Cristo Ressurreto. O próprio Jesus representa uma força cuja energia estava constantemente em movimento diante dos olhos de Paulo (Fl 3:21). Jesus era uma pessoa cuja voz ele conseguia identificar (2Co 13:3), que o fortaleceu em seus momentos de fraqueza (12:9), que o iluminou e o consolou (2Co 1:4,5). Levado ao desespero pelas acusações caluniosas dos falsos apóstolos, Paulo admitiu as visões e revelações do Senhor Jesus Cristo (2Co 12:1). A pessoa de Jesus revelou o significado da vida e da morte (Cl 3:3).

Atticus Finch disse: "Você nunca entenderá um homem enquanto não calçar seus sapatos e olhar o mundo através de seus olhos". Paulo olhava de forma tão resoluta para si mesmo, para outros e para o mundo, através dos olhos de Jesus, que Cristo se tornou o ego do apóstolo — "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20). Dídimo de Alexandria disse que "Paulo estava pleno de Cristo".

Contemplar é olhar fixamente para a glória desvendada de Deus no Cristo ressurreto e glorificado. "A oração contemplativa é, acima de tudo, olhar para a pessoa de Jesus".⁸⁸ A oração da consciência simples significa que não temos de chegar a lugar algum porque já estamos lá. Estamos apenas nos conscientizando de que possuímos o que procuramos. A contemplação, definida como olhar para Jesus enquanto o amamos, leva não somente à intimidade, mas também à transformação da pessoa que o contempla.

No famoso conto de Nathaniel Hawthorne, ***The great stone face***, um garotinho olha fixamente para a face esculpida no granito e sempre pergunta aos turistas, na cidade, se sabem a identidade da face na montanha. Ninguém sabe. Na vida adulta, na meia-idade e na idade avançada, ele continua olhando fixamente para a face na montanha, até que, num dia, um turista que ia passando exclama àquele garotinho, que agora é um homem velho, desgastado pelo tempo: "E sua a face na montanha!" A consciência contemplativa do Jesus ressurreto forma nossa semelhança com ele, e nos torna as pessoas que Deus pretendia que fôssemos.



⁸⁷ William BARRY, op. cit., p. 115.

⁸⁸ Peter G. VAN BREEMAN, *Certain as the dawn*, p. 125. Baseei-me no trabalho de um jesuíta holandês, com doutorado em física atômica, para esquematizar os quatro pontos principais, ao mesmo tempo em que os desenvolvi de maneira consideravelmente diferente.

A presença do ressurreto é o impulso para o ministério. "Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor" (Mt 9:36). Essa passagem, de delicada ternura, oferece um extraordinário vislumbre da alma humana de Jesus. Conta como ele se sente em relação aos seres humanos e revela a perspectiva pela qual ele olha para o mundo, sua atitude sem cobranças em relação às pessoas que estavam procurando amor nos lugares errados e procurando enganosamente a felicidade. É uma revelação simples de que o coração de Jesus bate da mesma forma ontem, hoje e para sempre.

Sempre que os evangelhos mencionam que Jesus se sentiu profundamente comovido com as pessoas, mostram que isso o levou a fazer algo — cura física ou interior, libertação ou exorcismo, alimentar multidões famintas ou interceder em oração. Acima de tudo, o levou a dissipar as imagens distorcidas de quem ele é e de quem Deus é, a fim de conduzir as pessoas das trevas para a luz. A profecia messiânica de Isaías 40:11 me vem à mente:

Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente.

A compaixão de Jesus o levou a contar a história do amor de Deus. Num momento de descanso, tento visualizar como seria minha vida se ninguém tivesse me contado a história da salvação nem gastado tempo para me apresentar Jesus. Se já não estivesse morto por causa do alcoolismo, o impostor estaria desenfreado. Como afirma o Grande Livro dos Alcoólicos Anônimos: "a obstinação leva ao excesso".

Deparei com uma história tocante de Herman Wouk, narrada em seu romance **inside, outside**. O herói acabara de se tornar **B'nai brith**, filho da aliança, por meio do **bar mitzvah**, aos treze anos. Então ele relata:

Na manhã seguinte ao meu **bar mitzvah**, voltei com papai para a sinagoga. Que contraste! Melancólica, silenciosa, praticamente vazia; no fundo, à minha frente, Morris Elfenbein e alguns anciãos vestiam, em oração, os xales e os filactérios...

Não fosse o esforço de papai, eu não teria entendido nada. Qualquer um pode encenar um grande **bar mitzvah**, entregando um pacote de dinheiro e um rapaz disposto a suportar as disciplinas para que a repercussão nos bastidores seja favorável. A espinha dorsal de nossa religião — quem sabe, talvez, de todas as religiões nesta geração distraída — é um punhado de obstinados numa casa de adoração quase vazia, suportando mais um dia de trabalho; motivados por hábito, lealdade, inércia, superstição, sentimentalismo ou, possivelmente, té verdadeira; quem pode estar certo sobre qual? Meu pai me ensinou essa verdade sombria que permaneceu comigo, de forma que, ainda hoje, me arrasto para as sinagogas durante a semana, particularmente quando chove ou neva, e atingir o **mynian** parece improvável.⁸⁹

⁸⁹ John McKENZIE, Source: *what the Bible says about the problems of contemporary life*, p. 206.

O mito do Sinai, a chave para interpretar a história hebraica e entender a identidade judaica, mantém-se vivo e é transmitido por um **mynian** de anciãos obstinados, em cada sinagoga quase deserta. Não importa quão enlameadas sejam suas motivações, ou quão frustrados possam se tornar pela apatia e indiferença da multidão, eles continuam contando a história em qualquer época.

O impulso de contar a história da salvação surge quando escutamos o coração do Jesus ressurreto pulsar dentro de nós. Contar a história não requer que nos tornemos ministros ordenados ou pregadores empolados nas esquinas, nem exige que tentemos converter as pessoas pela concussão de uma marretada após outra com a Bíblia. Significa apenas que compartilhamos com os outros como era a nossa vida, o que aconteceu quando conhecemos Jesus, e como é nossa vida agora.

O impostor retrocede com a possibilidade de contar a história porque teme a rejeição. Fica tenso e ansioso porque precisa confiar em si mesmo; sua força está limitada por seus recursos minguados. Ele se aterroriza com o fracasso.

O eu verdadeiro não se acovarda na timidez. Recebendo a confiança e a resistência de um poder maior do que o seu próprio, o eu verdadeiro encontra a segurança fundamental na consciência da presença de Jesus Cristo ressurreto. Em vez do eu, Jesus é sempre a essência indispensável do ministério. "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5). No momento em que reconhecemos que somos impotentes, entramos na esfera libertadora do Ressurreto e nos livramos da ansiedade a respeito dos resultados. Contamos a história simplesmente porque é a coisa certa a se fazer. Como disse certa vez o classicista de Cambridge, F. M. Cornford: "A única razão para fazer a coisa certa é que essa é a coisa certa a fazer; todas as outras razões são razões para fazer alguma outra coisa."⁹⁰

Frank Capra, um antigo diretor de filmes em Hollywood, é lembrado principalmente por um filme de 1946, **A felicidade não se compra**. O filme é "uma fantasia sobre um homem que cai num desespero suicida porque pensa não ter realizado nada de valor. Ele é resgatado por um anjo da guarda que lhe mostra, numa seqüência de sonhos gloriosamente realizada, como teriam sido infelizes as vidas de sua cidade, de seus amigos e de sua família se ele nunca tivesse existido para tocá-los com sua bondade".⁹¹

Talvez, quando a cortinas do fim se fecharem, você terá contado a história a apenas uma pessoa. Deus promete que um cálice de água viva tirada da Fonte e entregue para outro não deixará de ser recompensado.



Sócrates disse: "Viver desatentamente é viver indignamente". Sustentar-nos na consciência da presença do Jesus ressurreto é uma decisão custosa que requer mais coragem do que inteligência. Percebo em mim uma tendência a cair em desatenção, a desfrutar, sozinho, de algumas coisas, a excluir Cristo, a estreitar experiências e relacionamentos para mim mesmo. Exacerbado por aquilo que já se chamou de "agnosticismo da desatenção", a falta de disciplina pessoal contra o bombardeio da mídia, a leitura superficial, as conversas estéreis, a oração negligente e a subjugação dos sentidos, a consciência do Cristo ressurreto se atenua. Assim como a falha em dar atenção debilita o amor, a confiança e a comunhão num relacionamento humano, a desatenção ao eu

⁹⁰ Peter G. VAN BREEMAN, *Called by name*, p. 38.

⁹¹ Richard SCHINCKEL, *More than a heart warmer: Frank Capra: 1897-1991*, *Revista Time*, 138, n° 11, 16 de setembro de 1991, p. 77. Extraído de Walter RURCHARDT, *When Christ meets Christ*, p. 77.

verdadeiro, escondido com Cristo em Deus, obscurece a consciência do relacionamento divino. Como diz o velho ditado: "Espinheiros e cardos obstruem o caminho não trilhado". Um coração outrora verdejante torna-se uma vinha devastada.

Quando desconecto Jesus da minha consciência por olhar para outro caminho, meu coração é tocado pelo dedo gélido do agnosticismo. Meu agnosticismo não consiste em negar um Deus pessoal; é a descrença que se desenvolve como líquen, por causa da desatenção à presença sagrada. A maneira como uso meu tempo e dinheiro, e como interajo com outros testemunha rotineiramente sobre o grau de minha consciência ou de sua ausência.

Em A **trilha menos percorrida**, Scott Peck escreveu: "Sem disciplina não conseguimos resolver nada. Com alguma disciplina conseguimos resolver alguns problemas. Com total disciplina conseguimos resolver todos os problemas".

Com o passar dos anos me convenço, cada vez mais, de que a disciplina da consciência da presença do Jesus ressurreto está intimamente ligada à recuperação da paixão.

CAPÍTULO SETE

O RESGATE DA PAIXÃO

A palavra **paixão** significa basicamente "ser afetado por" e é a energia essencial da alma.⁹² Quase nunca nos damos conta de que a capacidade de ser afetado por qualquer coisa é uma fonte de energia. Contudo, encontramos uma ilustração brilhante dessa verdade no evangelho de Mateus (13:44).

Parece ser apenas outro longo dia de duro trabalho braçal no cansativo ritmo do tempo. Mas, repentinamente, o boi pára e começa a dar puxões teimosos. O camponês manobra o arado para ir mais fundo na terra do que costuma fazer. Ele revolve sulco após sulco até que ouve um ruído irritante de metal. O boi pára de arar a terra. O homem empurra o arado primitivo para o lado. Com as próprias mãos cava furiosamente a terra, que voa para todos os lados. Por fim, o camponês percebe uma alça e tira um grande baú do chão. Tremendo, ele puxa com força a alça do baú. Fica atordoado. Solta um grito — "Aaaaahhh" — que faz o boi piscar.

O baú pesado está cheio até a tampa de moedas e jóias, prata e ouro. Ele remexe o tesouro, deixando escorrer entre os dedos as moedas preciosas, brincos raros e diamantes cintilantes. Furtivamente, o camponês olha em volta para ver se alguém o estava observando. Satisfeito por estar sozinho, amontoa a terra sobre o baú enterrado e faz um sulco raso na superfície; com o arado, coloca uma pedra grande no local como marcador e continua arando o campo.

Ele está profundamente afetado pela esplêndida descoberta. Um único pensamento o absorve; na verdade, isso o controla de tal forma que não consegue trabalhar de dia sem se distrair, nem dormir sem se perturbar à noite. O campo precisa se tornar sua propriedade!

Como diarista, é impossível para ele se apossar do tesouro enterrado. Onde pode conseguir o dinheiro para comprar o campo? A cautela e a discrição são atiradas pela janela. Ele vende tudo o que possui. Consegue um preço justo por sua cabana e pelas poucas ovelhas que havia adquirido. Volta-se para

⁹² Thomas MOORE, *The care of the soul*, p. 200.

parentes, amigos e conhecidos, e toma emprestado somas significativas. O proprietário do campo está deliciado com o preço extravagante oferecido pelo comprador e o vende ao camponês sem pensar duas vezes.

A esposa do novo proprietário está furiosa. Seus filhos estão inconsoláveis. Seus amigos o censuram. Seus vizinhos meneiam a cabeça: "Ele ficou tempo demais debaixo do sol". Entretanto, estão confusos com sua excessiva firmeza.

O camponês permanece sereno, até mesmo alegre, em face da oposição disseminada. Ele sabe ter tropeçado numa transação extraordinariamente lucrativa e se regozija ao pensar nos resultados. O tesouro, que aparentemente tinha sido enterrado no campo por segurança antes da última guerra e cujo dono não tinha sobrevivido, equivale a mais de cem vezes o preço pago. Ele quita todas as suas dívidas e constrói o equivalente a uma mansão em Malibu. O humilde camponês agora é um homem de fortuna feita, invejado por seus inimigos, parabenizado por seus amigos e assegurado pelo resto de sua vida.

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.

Mateus 13:44

Essa parábola focaliza a alegre descoberta do Reino. O estudioso da Bíblia Joachim Jeremias comentou:

Quando essa grande alegria **toma conta** de um homem, ela o arrebatava, penetra-lhe no íntimo e subjuga-lhe a mente. Tudo o mais parece inútil se comparado àquele valor extraordinário. A entrega sem reservas daquilo que é mais valioso torna-se o caminho natural. A idéia clara na parábola não é que o homem abre mão, mas a razão para assim fazê-lo — a esmagadora experiência de sua descoberta. Assim é com o Reino de Deus. O efeito da boa nova é irresistível; enche o coração de felicidade; muda completamente a direção da vida de uma pessoa e produz o mais sincero sacrifício próprio.⁹³

Vamos transpor a parábola do tesouro para um tom moderno. Em 10 de julho de 1993, Leslie Robins, um professor de colégio de trinta anos, ganhou 111 milhões de dólares (isso mesmo, 111 milhões de dólares), o maior prêmio de loteria pago a um único apostador na história dos Estados Unidos. Imediatamente pegou um avião de Wisconsin para Lakeland, Flórida, para reatar com a noiva Colleen DeVries. Em entrevista ao jornal, Robins disse: "Nos dois primeiros dias estávamos talvez mais temerosos e intimidados do que exultantes. De forma geral, as coisas estão começando a se tranquilizar; estamos contentes".

Seria presunçoso dizer que Leslie e Colleen foram "afetados por" seu destino, e que ganhar o prêmio da Loteria despertou-lhes a paixão na alma? Uma paixão idêntica à do camponês na parábola?

Robins tinha 180 dias, após o sorteio, para requerer o prêmio. Entretanto, vamos supor que sejam fãs alucinados de esportes. Ficam tão extasiados com seus times em busca do título da Liga Americana de beisebol e com a disputa da

⁹³ *The parables of Jesus*, p. 84.

grande final do campeonato de futebol americano, que se esquecem de requerer o prêmio. Os 180 dias expiram, e eles perdem 3,5 milhões de dólares (com desconto de impostos) anualmente, pelos próximos vinte anos.

Qual seria seu veredicto para o jovem casal? Imbecis?

Minha resposta seria a mesma, embora temperada com compreensão e compaixão. Fiz exatamente isso. A servidão cega deles era para os esportes; a minha, para o álcool. Consigo me identificar com a imbecilidade deles. Privaram-se de uma fortuna por causa de seus times; privei-me do tesouro por causa de **bourbon** e vodka. Durante aqueles dias de vinho fermentado e rosas ressecadas, quando escondia garrafas de uísque no gabinete do banheiro, no porta-luvas e no vaso de gerânio, escondi-me de Deus em meio às lágrimas e sob risos vazios. O tempo todo eu sabia o paradeiro do tesouro.

Uma coisa é descobrir o tesouro e outra, bem diferente, é requerê-lo como propriedade, por meio de determinação implacável e de esforço tenaz.

A mesquinhez de nossa vida é devida, em grande parte, à fascinação com as quinquilharias e troféus do mundo irreal que é extremamente distante. Sexo, drogas, bebidas alcoólicas, busca desenfreada por dinheiro, prazer e poder, mesmo uma religiãozinha, suprimem a consciência da presença do ressurreto. O diletantismo religioso, o prestígio mundano ou a inconsciência temporária não conseguem dissimular a ausência aterrorizante de significado na igreja e na sociedade, nem o fazem o fanatismo, o cinismo ou a indiferença.

Qualquer que seja o vício — um relacionamento sufocante, uma dependência disfuncional ou a mera preguiça — nossa capacidade de ser afetados por Cristo fica entorpecida. A preguiça é a recusa de continuar a jornada interior, uma paralisia que resulta da escolha de nos proteger da paixão.⁹⁴

Quando não somos profundamente afetados pelo tesouro ao nosso alcance, a apatia e a mediocridade são inevitáveis. Para que a paixão não se degenere em nostalgia ou sentimentalismo, ela, como fonte, precisa ser renovada. O tesouro é Jesus Cristo, ele é o Reino dentro de nós.



CONTA-SE A HISTÓRIA de um casal de judeus muito piedosos. Havia se casado com grande amor, um amor que nunca morreu. A maior esperança deles era ter um filho; assim, o amor poderia caminhar sobre a terra com alegria.

No entanto, enfrentaram dificuldades. Por serem muito religiosos, oravam com perseverança. Como resultado de outros grandes esforços, imagine só, a esposa concebeu. Quando soube que estava grávida, riu mais alto do que Sara ao conceber Isaque. A criança agitava-se em seu ventre mais alegremente do que João no de Isabel quando Maria a visitou. Nove meses depois, um garotinho encantador veio ao mundo.

Deram-lhe o nome de Mardoqueu. Era impetuoso, espirituoso. Devorava cada dia da vida e sonhava durante a noite. O sol e a lua eram seus brinquedos. Cresceu em idade, sabedoria e graça, até chegar a hora de ir à sinagoga e aprender a Palavra de Deus.

Na noite anterior ao início dos estudos, os pais disseram a Mardoqueu quão importante era a Palavra de Deus. Enfatizaram que, sem ela, Mardoqueu

⁹⁴ Jeffrey D. IMBACH, *The recovery of love*, p. 134.

seria como uma folha solta ao sabor do vento. Ele ouviu com grande atenção. No entanto, no dia seguinte, não foi à sinagoga. Em vez disso, foi para a floresta, nadou no lago e subiu nas árvores.

Quando chegou em casa, naquela noite, a notícia havia se espalhado por todo o vilarejo. Todos tinham tomado conhecimento de sua atitude vergonhosa, e os pais concordavam com aqueles que o criticavam. Não sabiam o que fazer.

Assim, chamaram os disciplinadores para mudar o *jeito* de ser de Mardoqueu até que não houvesse nenhum comportamento nele que não tivesse sido modificado. Mesmo assim, no dia seguinte, ele foi para a floresta, nadou no lago e subiu nas árvores. Então, recorreram aos psicólogos, que derrubaram os bloqueios mentais de Mardoqueu. Mesmo assim, no dia seguinte, ele foi para a floresta, nadou no lago e subiu nas árvores.

Os pais ficaram *aflitos* pela *situação* daquele filho amado. Parecia não haver nenhuma esperança. Nessa mesma época, o Grande Rabino visitou a vila. Os pais disseram: "Ah! Talvez o Rabino". Então levaram Mardoqueu ao Rabino e contaram sua história dolorosa. O Rabino disse, com firmeza: "Deixe o garoto comigo, terei uma conversa com ele".

Já era muito ruim o fato de Mardoqueu não ir à sinagoga. Mas deixar o filho amado com aquela fera de homem era aterrorizante. Contudo, tendo chegado a esse ponto, resolveram deixá-lo. Agora Mardoqueu estava no corredor e o Grande Rabino, em seu gabinete. Ele o chamou, acenando: "Garoto, venha aqui". Tremendo, Mardoqueu se aproximou. Então, o Grande Rabino o pegou e abraçou junto ao coração, em silêncio.

Os pais foram buscar Mardoqueu e o levaram para casa. No dia seguinte, ele foi à sinagoga para aprender a Palavra de Deus. Quando acabou, foi para a floresta— A Palavra de Deus se uniu às palavras da floresta, que se uniram às palavras de Mardoqueu. Ele nadou no lago. A Palavra de Deus se uniu às palavras do lago, que se uniram às palavras de Mardoqueu. Ele subiu nas árvores. A Palavra de Deus se uniu às palavras das árvores, que uniram às palavras de Mardoqueu.

Assim. Mardoqueu cresceu e se tornou um grande homem. Pessoas tomadas pelo pânico vinham a ele e encontravam paz. As solitárias vinham a ele e encontravam comunhão. Gente sem esperança vinha a ele e encontrava uma saída. E quando alguém o procurava, ele dizia: "Aprendi pela primeira vez a Palavra de Deus quando o Grande Rabino me abraçou em silêncio perto de seu coração".⁹⁵

O coração é tradicionalmente considerado o centro das emoções, a partir do qual surgem os sentimentos mais fortes, como o amor e o ódio. Entretanto, essa descrição simplista do coração como base das afeições o limita a apenas uma dimensão do "eu" integral. E claro que isso não é tudo o que temos em mente quando oramos: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (Sl 51:10); nem o que Deus quis dizer quando falou pela boca de Jeremias: "Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei" (Jr 31:33); ou o que Jesus quis dizer quando falou: "Bem-aventurados os limpos de coração" (Mt 5:8).

O coração é o símbolo que empregamos para captar a essência mais profunda da personalidade. Simboliza aquilo que reside no centro de nosso ser, define, de modo irreduzível, quem somos de fato. Só podemos conhecer e ser conhecidos quando revelamos o que está no coração.

Quando Mardoqueu ouviu o pulsar do coração do Grande Rabino, ouviu mais do que a sístole e a diástole de um órgão humano palpitante. Ele penetrou

⁹⁵ John SHEA, Scarlight, p. 115-117- Shea fez uma releitura dessa história, cortesia de Reuben Gold e da tradição hassídica. Os primeiros trabalhos de sua fase posterior, *Stories of Faith* e *Stories of God*, constituem um tesouro de parábolas modernas acompanhadas de uma análise brilhante do poder da narração de histórias.

na consciência do Rabino, adentrou sua subjetividade e veio a conhecê-lo de uma forma que abarcou intelecto e moção — e os transcendeu. Um coração falou ao outro. Pense nesta afirmação provocativa de Blaise Pascal: "O coração tem razões que a própria razão desconhece".

CERTA VEZ, num retiro silencioso de cinco dias, dediquei o tempo inteiro ao Evangelho de João. Sempre que uma frase fazia meu coração se agitar, eu a escrevia de próprio punho num diário. O primeiro de muitos registros também foi o último: Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava [...] reclinando-se sobre o peito de Jesus..." (Jo 13:23,25).

Não devemos nos afobar, passando direto por essa cena em busca de uma revelação mais profunda, sob o risco de deixar de aprender uma lição magnífica. João deita sua cabeça no coração de Deus, no peito do Homem que o concílio de Nicéia definiu como "co-igual e consubstancial com o Pai [...] Deus em Deus, Luz na Luz, o verdadeiro Deus no verdadeiro Deus".

Essa passagem não deve ser reduzida a uma lembrança histórica. Pode se tornar um encontro pessoal, afetando radicalmente nosso entendimento sobre quem Deus é e como deve ser nosso relacionamento com Jesus. Deus consente que um jovem judeu, na insignificância de seus vinte e poucos anos, recline e ouça o pulsar do coração do Criador!

Será que já vimos o Jesus humano mais de perto? Evidentemente, João não estava intimidado pelo fato de estar com Jesus. Não sentia medo de seu Senhor e Mestre. O Jesus que João conhecia não era um místico usando capuz, preocupado com visões celestiais; nem era aquela figura meio fantasmagórica de cabelos longos e roupas esvoaçantes. João foi profundamente afetado por aquele Homem Santo.

Temendo perder de vista a divindade de Jesus, distanciei-me de sua humanidade, como um dos antigos adoradores que protegiam os olhos do Santo dos Santos. Minha inquietação denuncia uma estranha hesitação de minha crença, uma apreensão incerta a respeito de uma Divindade remota, em vez da confiança íntima num salvador pessoal. Quando João reclina no peito de Jesus e ouve o pulsar do coração do Grande Rabino, passa a conhecê-lo de uma forma que ultrapassa o mero conhecimento cognitivo.

Que diferença enorme há entre saber que alguém existe e conhecer Jesus! Podemos saber tudo sobre uma pessoa — nome, local de nascimento, família de origem, formação acadêmica, hábitos aparência —, mas todas essas informações vitais nada dizem a respeito da pessoa que ama a Deus, que vive e anda com ele.

Num lampejo de compreensão intuitiva, João sente Jesus como a face humana do Deus que é amor. E ao descobrir quem é o Grande Rabino, João se descobre como o discípulo que Jesus amava. Anos depois, o evangelista escreveria: "No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor" (1Jo 4:18).

Beatrice Bruteau escreveu: "Para conhecer determinada coisa é preciso adentrá-la, entrar em sua consciência, ou seja, assimilar aquela mesma consciência na própria subjetividade: Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus' (Fp 2:5)".⁹⁶

Sinto que foi isso que aconteceu no cenáculo. O discípulo amado não apenas passou a conhecer Jesus, mas tudo quanto o Mestre havia ensinado passou a fazer sentido de repente, como se uma estrela tivesse acabado de

⁹⁶ *Radical Optimism*, p. 99. Ela é fundadora de uma escola de oração em Pfafftown, na Carolina do Norte, e uma guia confiável para consciência contemplativa.

explodir. "Aprendi pela primeira vez a Palavra de Deus quando o Grande Rabino me abraçou em silêncio perto de seu coração". Para João, o cerne do cristianismo não era uma doutrina hereditária, mas uma mensagem nascida da própria experiência. Tal mensagem está contida nesta declaração: "Deus é amor" (1Jo4:16).

Certa vez, o filósofo Bernard Lonergan comentou: "Toda a experiência religiosa é, em suas raízes, uma experiência de paixão incondicional e irrestrita".⁹⁷ O resgate da paixão começa com o resgate do "eu" verdadeiro na condição de amado. Se encontro Cristo, me encontro; e se encontro o "eu" verdadeiro, encontro Cristo. Esse é o alvo e o propósito de nossa vida. João não acreditava que Jesus era a coisa mais importante que existia; ele cria que Jesus era a única coisa que existia. Para o "discípulo a quem Jesus amava", qualquer coisa menor não era fé genuína.

Creio que aquela noite, no cenáculo, foi um momento definitivo na vida de João. Cerca de sessenta anos após a ressurreição de Cristo, o apóstolo — como um garimpeiro que explora o ribeiro de sua memória — lembra de tudo o que acontecera durante os três anos de amizade com Jesus. Faz uma referência especial àquela noite sagrada, quando todas as coisas passaram a fazer sentido, e afirma a essência de sua identidade com estas palavras: "Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus" (Jo 21:20).

Se fizéssemos a seguinte pergunta a João: "Qual é sua identidade primordial, sua percepção mais coerente a respeito de si?", ele não responderia: "Sou discípulo, apóstolo, evangelista", mas: "Sou aquele a quem Jesus ama".

O encontro íntimo do discípulo amado com Jesus naquela noite de quinta-feira não passou despercebido pela Igreja primitiva. Oferecendo testemunho explícito da autoria de João para o quarto Evangelho, Irineu (cerca de 180 d.C.) escreveu: "Por fim, também João, o discípulo do Senhor que se reclinou sobre seu peito, ele mesmo produziu um evangelho enquanto esteve em Éfeso".⁹⁸

Ler João 13:23-25 sem fé é lê-lo sem ganho. Para nos arriscarmos numa vida apaixonada, precisamos ser "afetados por" Jesus como João o era; precisamos nos comprometer em experimentá-lo com nossa vida em vez de com a memória. Até que recline minha cabeça sobre o peito de Jesus, ouça as batidas de seu coração e me aproprie pessoalmente da experiência com Cristo, da qual João foi testemunha ocular, terei apenas uma espiritualidade não original. Meu astucioso impostor tomará emprestado o momento íntimo de João e tentará transferi-lo como se fosse o meu.

Relatei certa vez a história de um homem idoso que estava morrendo por causa do câncer.⁹⁹ A filha desse homem pedira ao sacerdote da região para visitá-los e orar com o pai. Quando o sacerdote chegou, encontrou-o deitado na cama, com a cabeça apoiada em dois travesseiros e uma cadeira vazia ao lado da cama. Supôs que o velhinho tivesse sido informado da visita.

Acho que você estava me esperando — disse o sacerdote.

Não, quem é você? — perguntou o idoso.

Sou o novo membro de sua paróquia. Quando vi a cadeira vazia, achei que você sabia que eu estava para aparecer.

Ah, sim, a cadeira. Você se importaria de fechar a porta? Intrigado, o sacerdote fechou a porta.

⁹⁷ Robert J. WICKS, *Touching the Holy*, p. 14. Wicks cita essas palavras de Lonergan, o qual afirma categoricamente que toda experiência religiosa genuína é um encontro com o Amor infinito.

⁹⁸ *The Jerusalem Bible — Introduction to Saint John*, p. 144.

⁹⁹ Brennan MANNING, *Lion and Lamb: The Relentless Tenderness of Jesus*, p. 129-130.

Nunca contei isso a ninguém, nem mesmo à minha filha — disse o homem sobre a cama —, mas por toda a minha vida nunca aprendi a orar. Aos domingos, na igreja, costumava ouvir o sacerdote falar sobre oração, mas aquilo tudo entrava por um ouvido e saía por outro. Por fim, absolutamente frustrado, eu disse a ele: "Não entendo nada do que você fala sobre oração". Então ele abriu a última gaveta da mesa e falou: "Aqui está. Leia este livro de Hans Urs von Balthasar. É um teólogo suíço. É o melhor livro sobre oração contemplativa do século XX". Levei o livro para casa e tentei ler, mas logo nas primeiras três páginas tive de procurar doze palavras no dicionário. Devolvi o livro ao sacerdote, falei "obrigado" e, em voz baixa, completei: "Por nada".

Aquele homem idoso continuou seu relato.

— Abandonei todos os esforços para aprender a orar, até que, um dia, há mais ou menos quatro anos, meu melhor amigo me disse: "Joe, orar é uma simples questão de ter uma conversa com Jesus. Minha sugestão é a seguinte: sente-se numa cadeira, coloque uma cadeira vazia na sua frente e, pela fé, veja Jesus nessa cadeira. Não há nada de fantasmagórico nisso porque ele prometeu: 'Estou convosco todos os dias'. Portanto, apenas fale com ele e ouça da mesma forma que está me ouvindo bem agora". A partir daí, experimentei e gostei tanto que faço isso duas horas por dia. Apesar disso, sou muito cuidadoso. Se minha filha me visse conversando com uma cadeira vazia, teria um ataque de nervos ou me mandaria para um hospício.

O sacerdote ficou profundamente comovido com a história e incentivou aquele senhor a continuar sua jornada. Em seguida, orou com ele, o ungiu e voltou para a residência paroquial. Duas noites depois, a filha ligou para contar ao sacerdote que seu pai havia morrido naquela tarde.

Pareceu a você que ele morreu em paz? — perguntou o sacerdote.

Sim. Quando eu saí de casa, por volta das duas da tarde, ele pediu que me aproximasse da cama, contou uma de suas velhas piadas e me deu um beijo no rosto. Quando voltei da loja, uma hora depois, encontrei-o morto. Mas aconteceu uma coisa estranha. Aparentemente, um pouco antes de papai morrer, ele se inclinou e repousou a cabeça sobre a cadeira ao lado da cama.

O Cristo da fé não é menos acessível a nós, na realidade de sua ressurreição, do que era o Cristo da história, encarnado, a seu discípulo amado. João enfatiza essa verdade quando cita o Mestre: "Eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá" (Cf. 16:7). Por quê? De que maneira a partida de Jesus poderia beneficiar a comunidade dos fiéis?

Em primeiro lugar, "se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei". Segundo, porque enquanto Jesus ainda era fisicamente visível, havia o perigo de os apóstolos ficarem tão apegados à visão de seu corpo humano que poderiam trocar a certeza da fé pela evidência tangível dos sentidos. Ver Jesus encarnado era um privilégio extraordinário, mas os que não o viram e, ainda assim, creram são mais bem-aventurados (Jo 20:29).

A LUZ DA EXPERIÊNCIA pessoal de João, não chega a surpreender o fato de ele levantar uma questão central para quem lê seu Evangelho: "Você conhece e ama Jesus, o Messias e Filho de Deus?".

O sentido e a plenitude da vida brotam disso. Tudo o mais some no crepúsculo. Como Edgar Bruns escreve em seu ensaio "The Art and Thought of John", "o leitor é, por assim dizer, cegado pelo esplendor de sua imagem e sai dessa experiência como o homem que olhou demoradamente para o sol, incapaz de ver qualquer coisa além da luz".

A amizade com Jesus emerge como tema dominante em João. Por meio da imagem da videira com seus ramos, Cristo nos convoca para habitar um novo

espaço, no qual podemos viver sem ansiedade ou medo. "Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós" (Jo 15:4). "Quem permanece em mim, eu, nele, esse dá muito fruto" (15:5). "Como o Pai me amou, também eu vos amei; permanecei no meu amor" (15:9). O poeta John Donne clama por todos nós:

Toma-me, aprisiona-me, pois,
A não ser que me subjugues, jamais serei livre,
Nem mesmo virtuoso, a não ser que me catives.¹⁰⁰

Olhar para Jesus pelo prisma dos valores joaninos nos oferece uma percepção singular das prioridades do discipulado. O relacionamento pessoal de alguém com Cristo está acima de qualquer outra consideração. O que estabelece a preeminência na comunidade cristã não é o apostolado ou o ofício eclesiástico, nem títulos ou territórios, nem os dons carismáticos de línguas, cura, profecia ou a pregação inspirada, mas somente nossa resposta à pergunta de Jesus: "você me ama?"

O evangelho de João envia uma palavra profética à igreja contemporânea, acostumada a tratar as pessoas carismáticas com deferência excessiva: somente o amor de Jesus Cristo estabelece o **status** e confere dignidade. Antes de Pedro ser vestido com o manto da autoridade, Jesus lhe perguntou (não uma, mas três vezes): "você me ama?" A pergunta não é apenas pungente, mas, reveladora: "Se a autoridade é dada, precisa estar fundamentada no amor de Jesus".¹⁰¹

A liderança na igreja não é confiada a bem-sucedidos levantadores de fundos, a brilhantes estudiosos da Bíblia, a gênios administrativos ou pregadores eloqüentes (apesar destes recursos serem úteis), mas àqueles que tenham sido assolados por uma paixão consumidora por Cristo — homens e mulheres apaixonados, para quem o privilégio e o poder são triviais se comparados a conhecer e amar Jesus. Henri Nouwen reflete sobre essas qualificações para a liderança:

Líderes cristãos não podem ser apenas pessoas que têm opinião bem formada sobre polêmicas importantes de nosso tempo. Sua liderança deve estar arraigada no relacionamento permanente e íntimo com a Palavra encarnada, Jesus. Os líderes precisam encontrar aí a fonte de suas palavras, orientações e conselhos... Lidar com questões abrasadoras contribui facilmente para o separatismo, porque, antes que o saibamos, nossa percepção pessoal é capturada pela opinião que temos sobre um determinado assunto. Mas, quando estamos firmemente enraizados numa intimidade pessoal com a fonte da vida, será possível permanecer flexível, mas não relativista, persuadido sem ser rígido, disposto a confrontar sem ser ofensivo, honrado, perdoador sem ser superficial, e testemunhas verdadeiras sem ser manipuladores.¹⁰²

Precisamos apenas examinar as rachaduras e cismas na história da igreja, as ásperas épocas de ódio e rivalidade para enxergar as conseqüências desastrosas que surgem quando o critério de João para a liderança é ignorado.

¹⁰⁰ William BARRY, *God's Passionate Desire and Our Response*, p. 33. Extraído de *Holy Sonnets*, de John DONNE, p. 14 (publicado no Brasil sob o título *Sonetos de meditação*, Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985).

¹⁰¹ Raymond BROWN, *The churches the apostles left behind*, p. 93. Um genuíno livro pastoral com forte sabor ecumênico que considera a firmeza e a fragilidade de muitas igrejas neotestamentárias. Suas análises cuidadosas têm compreensão clara e vital relevância para a vida da igreja contemporânea.

¹⁰² In *Ihe nome of Jesus*, p. 42. Um estudo iluminador e inspirador sobre a liderança na igreja, baseado em critérios bíblicos.

Podemos apenas estremecer pela dor causada pelos cavaleiros das cruzadas cristãs ao longo dos séculos era nome da ortodoxia.



Durante todo meu retiro, tendo João como companhia e guia, fiquei impactado pela escolha que fez de verbos e advérbios ao narrar a percepção pessoal que teve de Jesus e dos outros.

Ao ser avisada, por sua irmã Marta, que Jesus tinha chegado a Betânia e queria vê-la, Maria levantou-se **depressa** e foi ter com ele (11:29).

Maria Madalena está chorosa, com o coração despedaçado, quando encontra o túmulo vazio. No instante do reconhecimento, quando Jesus a chama pelo nome, ela o **deteve**: "Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai" (20:17).

Tão logo Pedro e João recebem a palavra do túmulo vazio, **correm** juntos para o jardim, mas o outro discípulo, correndo mais rápido que Pedro, chegou ao túmulo antes (20:3-4).

Pedro, que negou a Jesus, que falhou como amigo na hora da crise, uma alma covarde diante da criada no alpendre, **lançou-se** às águas, quase nu, assim que João lhe contou que Jesus estava na praia. "Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: E o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar" (21:7). João observa que o barco estava cerca de noventa metros de distância da praia.

Esses personagens bíblicos, não importa quão claras ou espalhafatosas suas histórias pessoais possam ser, não apresentam reações apáticas em relação a Jesus. Deixando de lado o constrangimento, elas correram, detiveram, lançaram-se e se apressaram em direção a ele. Pedro o negou e o abandonou, mas não tinha medo dele.

Considere, por um instante, que num lampejo de discernimento, você descobrisse que todas as suas motivações para o ministério fossem essencialmente egocêntricas, ou suponha que na noite passada você se embebedou e cometeu adultério, ou, então, que

deixou de atender a uma súplica por ajuda e a pessoa cometeu suicídio. O que você faria?

A culpa, a autocondenação e o detestar-se o consumiriam, ou você se lançaria nas águas e nadaria noventa metros, a toda velocidade, na direção de Jesus? Assombrado por sentimentos de indignidade, você permitiria que a escuridão o dominasse, ou deixaria Jesus ser quem ele é — o Salvador de compaixão ilimitada e de paciência infinita, um Amante que não registra os pontos negativos de nossos pecados?

João parece estar dizendo que os discípulos de Jesus correram para ele porque eram loucos por ele; ou, nas palavras mais comedida de Raymond Brown: "Jesus foi lembrado como aquele que exibiu amor naquilo que fez e que foi profundamente amado por aqueles que o seguiram".

O discípulo amado envia um recado tanto para o pecador coberto de vergonha quanto para a igreja local hesitante e lenta em perdoar por medo de parecer fraca ou liberal. O número de pessoas que fugiram da igreja por ela ser

paciente ou compassiva demais é desprezível; o número dos que fugiram por achá-la demasiadamente implacável é trágico.



Quando Roslyn e eu estávamos namorando, aproveitava cada oportunidade para visitá-la em Nova Orleans. Na primavera de 1978, depois de conduzir um retiro de dez dias em Assis, na Itália, para setenta clérigos americanos e canadenses, peguei o avião de volta com o grupo, chegando às três da manhã.

Desgastado pelo fuso horário e compromissado para falar, na manhã seguinte, noutra conferência, em São Francisco, a coisa óbvia e prudente a fazer seria pegar o avião direto para Bay City. Em vez disso, fiquei em Minneapolis até as seis da manhã, peguei um voo para Nova Orleans e compartilhei de um delicioso piquenique com minha amada às margens do lago Pontchartrain, antes de viajar para São Francisco. Pousei à meia-noite.

Na manhã seguinte, estava radiante, alerta e enérgico, inflamado pelos anseios urgentes do amor. Estava apaixonado pelo amor.

O significado básico da paixão passageira é derivado do latim *in-fatuus*, que significa "tornar-se tolo".¹⁰³ A experiência nos diz que a vida nem sempre é vivida com tal lirismo. A excitação e o entusiasmo devem, no fim, dar lugar à quietude, à contemplação. A paixão passageira deve resistir à separação, à solidão, ao conflito, à tensão e aos fragmentos de tédio que desafiam a capacidade de persistir. Para que sobreviva, a intimidade ilusória da primeira fascinação precisa amadurecer para se tornar intimidade genuína, caracterizada por sacrifício pessoal, apreço e comunhão com o amado.

Muitos de nós podemos lembrar de algum momento imprevisível no qual fomos profundamente afetados por um encontro com Jesus Cristo — uma experiência fora do comum que proporcionou imenso consolo e alegria sincera. Fomos envolvidos em enlevo e amor. De forma bem simples, estávamos apaixonados por Jesus, apaixonados pelo amor. Para mim, a experiência durou nove anos.

Então, logo após a ordenação, fiquei entorpecido com o sucesso. O aplauso e a aclamação no ministério abafaram a voz do Amado. Eu estava em evidência. Que sentimento embriagante era ser tão admirado requisitado! Como minha disponibilidade incondicional aumentava e a intimidade com Cristo diminuía, eu raciocinava da seguinte forma: aquele era o preço a ser pago por servir de modo irrestrito ao empreendimento do reino de Deus.

Anos depois, a fama se esvaneceu e minha popularidade declinou. Quando a rejeição e o fracasso fizeram sua primeira aparição indesejável, eu estava espiritualmente despreparado para a devastação interior. A solidão e a tristeza invadiram minha alma. Em busca de alguma experiência que mudasse meu humor, bebia demais.

Com minha predisposição ao alcoolismo, tornei-me um bêbado contumaz num período de dezoito meses.

¹⁰³ Thomas J TYRELL, *Urgent Longings: Reflections on the Experience of Infatuation, Human Intimacy, and Contemplative Love*, p. 17.

Abandonei o tesouro e voei para longe da sacralidade simples da minha vida. Por fim, procurei me tratar em Hazelden.¹⁰⁴ Quando a neblina alcoólica se dissipou, sabia que havia apenas um lugar aonde ir. Mergulhei no íntimo de minha alma, aquietei-me e ouvi o coração do Rabino pulsando.

Os anos subseqüentes não foram marcados por uma consciência permanente da realidade da ressurreição; minha vida não chega a ser nenhuma espiral ininterrupta na direção da santidade. Corneto deslizes e tenho recaídas, tenho ataques de ressentimento e frustrações, passo por períodos de alta ansiedade e baixa auto-estima. A boa notícia é que esses períodos duram cada vez menos.

Qual é o objetivo de me expor assim? Para aqueles que foram tomados pela opressão de pensar que Deus trabalha apenas por meio de santos, é uma palavra de encorajamento. Para os que cumpriram a palavra profética de Jesus a Pedro — "Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes" —, é uma palavra de libertação. Aos presos na armadilha do cinismo, da indiferença ou do desespero, é uma palavra de esperança.

Jesus é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13:8). O modo como se identificou com Pedro, João e Maria Madalena é o mesmo como se identifica conosco. O resgate da paixão começa com a reavaliação do valor do tesouro, continua quando permitimos ao Grande Rabino nos segurar perto de seu coração e culmina numa transformação pessoal para a qual nem estamos preparados.

Não é de surpreender o fato de o impostor se encolher ao descobrir que, longe de Cristo, suas supostas virtudes não passam de vícios envernizados.

CAPÍTULO OITO

CORAGEM E FANTASIA

Anthony DeMello, em ***The way to love***, escreveu sem meias palavras:

Olhe para sua vida e veja como você tem preenchido seu vazio com pessoas. Como consequência, elas lhe deram uma "chave-de-braco". Veja como elas controlam seu comportamento com aprovação ou desaprovação. Detêm o poder de aliviar sua solidão com companhia, de enviar seu espírito para as alturas com elogios e de trazê-lo às profundezas com crítica e rejeição. Olhe para si mesmo, gastando quase todos seus momentos apaziguando e agradando pessoas, estejam elas vivas ou mortas. Você vive pelas normas delas, se conforma a seus padrões, busca sua companhia, deseja seu amor, morre de medo de ser ridicularizado, anseia por seu aplauso, submete-se mansamente à culpa que colocam sobre você; fica aterrorizado em contrariar a moda ao vestir-se, falar, agir e até mesmo pensar. Mesmo quando as controla, observe como você depende delas e é escravizado por elas. As pessoas se tornaram uma parte tão grande de sua existência que você nem sequer consegue imaginar uma vida que não seja afetada ou controlada por elas.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Uma fundação, em Center City, Minnesota, especializada em programas de tratamento e prevenção na área de dependência química e de álcool (N. do T.)

¹⁰⁵ Anthony DeMello, *The way to love*, p. 64.

No evangelho de João, diz-se que os judeus são incapazes de crer porque "aceitais glórias uns dos outros" (5:44). Parece haver uma incompatibilidade radical entre o respeito humano e a fé em Cristo. Os golpes ou o escárnio de nossos pares se tornam mais importantes do que a aprovação de Jesus.

Como escrevi anteriormente, o pecado dominante em minha vida adulta tem sido a recusa covarde de pensar, sentir, agir, reagir e viver a partir do eu autêntico, por medo de ser rejeitado. Não significa que não creio mais em Jesus. Ainda creio nele, mas a pressão dos pares limitou as fronteiras de minha fé. Nem significa que não amo mais a Jesus. Ainda o amo muito, mas às vezes amo mais outras coisas — especialmente, minha imagem cintilante. Qualquer limite auto-imposto à fé em Jesus e ao amor por ele inicia inevitavelmente algum tipo de traição. Marcho a passo cerrado com os apóstolos intimidados: "Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram" (Mt 26:56).

As opiniões alheias exercem uma pressão sutil, mas controladora, sobre as palavras que digo e engulo; a tirania de meus pares controla as decisões que tomo e as que me recuso a tomar. Tenho medo do que outros podem dizer. Peter G. van Breeman identificou este medo:

Esse medo de ser ridicularizado paralisa mais eficientemente do que o faria um ataque direto ou uma crítica ríspida e sem rodeios. Quantas coisas boas deixam de ser realizadas por causa de nosso medo da opinião alheia! Ficamos imobilizados pelo pensamento: o que os outros dirão? A ironia de tudo isso é que as opiniões que mais tememos não são as das pessoas que realmente respeitamos e, ainda assim, essas mesmas pessoas influenciam nossa vida mais do que gostaríamos de admitir. Esse medo enfraquecedor de nossos pares pode criar uma mediocridade estarrecedora.¹⁰⁶



Quando assentimos livremente ao mistério de sermos amados e aceitamos nossa identidade essencial como filhos de Deus, ganhamos lentamente autonomia dos relacionamentos controladores; somos direcionados pelo nosso interior, em vez de pelo nosso exterior. Os lampejos fugazes de prazer ou de dor, causados pela afirmação ou pela privação dos outros, nunca vão desaparecer inteiramente, mas seu poder de induzir à autotraição diminuirá.

A paixão não é uma emoção intensa mas uma determinação ferrenha, incendiada pelo amor, de permanecer centrado na consciência da presença do Cristo ressurreto, um impulso de se manter enraizado na verdade de quem sou e uma prontidão a pagar o preço da fidelidade. **Possuir** um eu singular num mundo cheio de vozes contrárias ao evangelho requer uma enorme bravura. Nesta década de tanta conversa religiosa vazia e de proliferação de estudos bíblicos, curiosidade intelectual ociosa e ambição por influência, inteligência sem coragem é falência. A verdade da fé tem pouco valor quando não é, também, a vida do coração. O teólogo do século XIII, Antonio de Pádua, começava todas as

¹⁰⁶ Peter G. VAN BREEMAN, *Called by name*, p. 88.

suas aulas com a frase: "De que vale o aprendizado que não se transforma em amor?"

Numa sátira mordaz, Sören Kierkegaard zombou da perseguição do conhecimento bíblico e teológico como um fim em si mesmo:

Nós, que nos esquivamos com arte, agimos como se não entendêssemos o Novo Testamento porque percebemos muito bem que deveríamos mudar, drasticamente, nosso jeito de viver. É por isso que inventamos a "educação religiosa" e a "doutrina cristã". Mais uma concordância, outro léxico, mais alguns comentários, três outras traduções, porque tudo isso é muito difícil de entender. Sim, claro, caro Deus, todos nós — capitalistas, oficiais, ministros, proprietários de casas, mendigos, a sociedade inteira — estaríamos perdidos se não fosse pela "doutrina erudita!"¹⁰⁷

A única grande paixão na vida de Jesus era seu Pai. Ele carregava um segredo no coração que fez dele grande e solitário.¹⁰⁸ Os quatro evangelistas não nos poupam dos detalhes brutais das perdas que Jesus suportou em nome da integridade, o preço que pagou por causa da fidelidade a sua paixão, identidade e missão. A própria família achou que deviam prendê-lo (Mc 3:21), foi chamado de glutão e beerrão (Lc 7:34), os líderes religiosos suspeitaram de uma possessão demoníaca (Mc 3:22), populares o xingaram. Foi rejeitado com desdém por aqueles que amava, considerado um perdedor, jogado para fora da cidade e morto como um criminoso.

As pressões da conformidade religiosa e o politicamente correto em nossa cultura nos põe frente-a-frente com aquilo que Johannes Metz chamou de "a pobreza da singularidade". Sobre a mesa do escritório em que escrevi este livro há uma foto de Thomas Merton com esta inscrição: "Se você esquecer tudo o mais que foi dito, sugiro que se lembre disso para o futuro: 'De agora em diante, todos devem ficar sobre os próprios pés'".

A pobreza de singularidade é o chamado de Jesus para permanecermos inteiramente sozinhos, quando a única alternativa é fazer um acordo a preço da própria dignidade. É um **sim** solitário para os sussurros do eu verdadeiro, o debruçar-se sobre nossa essencial identidade, quando o companheirismo e o apoio comunitário são negados. É uma determinação corajosa de tomar decisões impopulares que expressam a verdade de quem somos — não de quem achamos que devíamos ser ou quem os outros querem que sejamos. E confiar suficientemente em Jesus para cometer erro, e crer o bastante para que sua vida ainda pulse dentro de nós. É a submissão desarticulada e visceral do eu verdadeiro à pobreza de nossa personalidade singular e misteriosa.

Numa palavra, ficar sobre os próprios pés é, freqüentemente, um ato heróico de amor.

Outras vozes clamam: "Não crie tumulto; diga o que todo mundo está dizendo e faça o que todo mundo está fazendo. Adapte sua consciência para ficar na moda. Estando em Roma, taça como os romanos. Você não quer que as pessoas o rejeitem; nem deseja ser tratado como maluco. Acostume-se e se acomode. De um jeito ou de outro, passariam por cima de você".

Metz escreveu:

¹⁰⁷ Citado por van Breeman, op. cit., p. 88.

¹⁰⁸ Johannes B. METZ, *Poverty of spirit*, p. 39,40. Essas clássicas 53 páginas espirituais, em suas incontáveis edições, capturam em palavras de beleza constrangedora e discernimento a chave do evangelho: Nosso grande valor potencial é concebido apenas através de uma dependência radical de Deus, nossa pobreza de espírito.

Assim prossegue a argumentação, incitando todos a viver o meio-termo, a mediocridade irrefletida, encoberta e protegida pelos legalismos, pelas convenções e bajulações de uma sociedade que suplica pelo endosso de cada atividade, mas se refugia no anonimato público. Na verdade, com tal anonimato se arrisca tudo e nada! — exceto um compromisso genuíno, aberto e pessoal. Mas, sem pagar o preço da pobreza implicado em tais compromissos, ninguém jamais cumprirá sua missão como ser humano. Somente isso nos capacita a encontrar a verdadeira personalidade.¹⁰⁹

Qualquer pessoa que já tenha defendido a verdade da dignidade humana, não importando quão desfigurada, e testemunhado o recuo dos amigos que antes o apoiavam, inclusive censurando tal ousadia, sente a solidão da pobreza da singularidade. Isso acontece todos os dias aos que escolhem sofrer em nome da consciência, mesmo quando se trata de questões aparentemente menores. Eles se vêem sozinhos. Ainda estou por encontrar o homem ou a mulher que sinta prazer em tal responsabilidade.

A medida de nossa profunda consciência da atualidade da ressurreição de Cristo está em nossa capacidade de defender a verdade e suportar a censura de muita gente. A paixão crescente pela verdade evoca uma indiferença cada vez maior em relação à opinião pública e àquilo que as pessoas dizem ou pensam.

Não conseguimos mais nos deixar levar pela multidão ou fazer eco à opinião de outros. A voz interior, que diz: "Seja corajoso, sou eu, não tema", nos garante que nossa segurança reside no fato de não termos nenhuma segurança. Quando agimos com independência e assumimos a responsabilidade por nosso "eu" singular, crescemos em autonomia e determinação e nos libertamos da escravidão imposta pela aprovação humana.

Uma história contada com frequência em tavernas irlandesas capta esse espírito de libertação. Um turista estava trafegando por algumas estradas vicinais numa região remota da Irlanda. Em vez de correr o risco de se perder, decidiu ficar no carro e esperar a chegada de algum habitante local. Depois de um bom tempo, um homem da região se aproximou numa bicicleta. O turista o cumprimentou calorosamente e disse:

Ei, Paddy,¹¹⁰ estou feliz em vê-lo. Quero saber qual dessas estradas me leva de volta à vila.

Como você sabia que meu nome é Paddy? — perguntou o homem.

Ah, eu só adivinhei — respondeu o turista.

Bem, nesse caso, você também consegue adivinhar qual é a estrada certa! — disse, enquanto se distanciava com raiva.¹¹¹



NOS ÚLTIMOS VINTE ANOS, tanto a psicologia quanto a religião enfatizaram a primazia do ser sobre o *fazer*. O tempo todo somos lembrados pelo pastor, pelo

¹⁰⁹ Id., p.40

¹¹⁰ Apelido dado aos irlandeses, muitas vezes de maneira pejorativa, derivado da contração do nome Pacrick, muito comum no país. (N. do T.)

¹¹¹ Nicholas HARNAN, *The heart's journey home, a quest for wisdom*, p. 132,3.

terapeuta e pelo vizinho da casa ao lado: "O que importa não é o que você *faz*, mas quem você *é*". Há, certamente, um elemento verídico nessa afirmação: quem somos em Deus é fundamental. Quem *somos* transcende o que *fazemos*, *dizemos* ou as características e qualidades que *possuímos*.¹¹²

Nos círculos religiosos, temos reagido de maneira contundente contra a heresia das obras e o foco farisaico em rituais infundáveis, que é a anulação da religião autêntica. Somos alertados a não nos identificar com a carreira ou o ministério porque, quando chega a idade, a doença ou a aposentadoria, nos sentimos indignos e inúteis, sem nenhuma pista sobre quem somos. Rejeitamos a cultura cristã quando ela parece igualar santidade e ações. Sabemos que o processo de conferir ou negar honras em uma igreja local é, muitas vezes, fundamentado em realizações ambíguas.

Aqui temos, novamente, um caso de sabedoria inegável. A tendência de construir uma auto-imagem baseada na realização de atos religiosos conduz facilmente à ilusão farisaica. Quando a consciência que temos do "eu" está vinculada a uma tarefa específica qualquer — como ajudar numa cozinha, promover a consciência sobre o meio ambiente ou oferecer orientação espiritual —, assumimos uma abordagem funcional para a vida, e as obras se tornam o valor maior; perdemos contato com o "eu" verdadeiro e com a feliz combinação de dignidade misteriosa e pó magnífico que realmente somos.

Mas, ainda assim...

Mesmo reconhecendo a verdade contida nos parágrafos anteriores, quero afirmar que, mais do que qualquer outra coisa, o que *fazemos* pode ser bem mais decisivo e expressar de maneira mais efetiva a verdade maior de quem *somos* em Cristo. Não estou sugerindo acumular créditos para conseguir um lugar no banquete celestial por meio de grandes *esforços* para realizar boas obras. Porém, quem somos é difícil de determinar, mesmo para a investigação mais sofisticada e terapêutica da psique humana.

A fé nos diz que somos filhos amados de Deus. Ela nos convence da realidade da ressurreição de Jesus. Mas, como observou Sebastian Moore, "a religião oculta o medo de termos inventado a história do amor de Deus".¹¹³ A fé genuína nos leva a conhecer o amor de Deus, a confessar Jesus como Senhor e à transformação que esse conhecimento produz.

Uma mulher idosa está muito doente no hospital. Sua melhor amiga lê Isaías 25:6-9 em voz alta para ela. Precisando do conforto e do apoio da fé, a senhora enferma pede à amiga que segure sua mão. Do outro lado da cama, o marido, que se considera um homem profundamente religioso e se orgulha pela ousadia de ter um adesivo escrito: "Buzine se você é cristão" no pára-choque do carro, aproxima-se para pegar a outra mão. A esposa afasta o gesto, dizendo, com grande tristeza: "Herbert, você não é cristão. Sua crueldade e sua insensibilidade ao longo dos quarenta anos de nosso casamento me dizem que sua fé é uma ilusão".

Suponhamos que você sinta uma forte antipatia pelo vendedor de carros usados que lhe vendeu um carro horrível, mesmo sabendo do estado. Você descobre que ele está no hospital, recuperando-se de um ataque cardíaco. Liga para a esposa desse vendedor, garante a ela que está orando e, em seguida, o visita no hospital, deixando um cartão desejando-lhe melhoras, junto com um pacote de biscoitos caseiros.

Você continua não gostando dele e desaprovando as táticas que ele usa. Quando deita a cabeça no travesseiro à noite, por que dar mais importância a

¹¹² Beatrice BRUTEAU, *Radical Optimism*, p. 95.

¹¹³ *The Fire and the Rose Are One*, p. 14. Em três obras densas e brilhantes, incluindo *Let This Mind Be in You* e *The Crucified Jesus Is No Stranger*, Moore — monge da Abadia de Downside, na Inglaterra e conferencista muito requisitado nos Estados Unidos — desenvolve o tema da reconciliação de todas as coisas em Cristo.

essa antipatia e desaprovação do que ao fato de ter realizado um ato grandioso de gentileza que transcendeu seus sentimentos? Nesse caso, o que você *faz* importa mais do que quem você é. Simon Tugwell fez este comentário:

Aquilo que fazemos pode ter mais versatilidade e valor do que aquilo que acontece nos bastidores de nossa vida psicológica. E pode ter significado maior para nossa existência em Deus, pois revela o verdadeiro propósito da atitude, mesmo quando ela não corresponde claramente a algum tipo de propósito pessoal.¹¹⁴

Alguém pode protestar: "Mas visitar o vendedor no hospital é falsidade, é ter duas-caras e ser hipócrita". Insisto em que é o triunfo do **fazer** sobre o **ser**. Quando Jesus disse "ame seus inimigos, e faça bem aos que o odeiam", não creio que ele quis dizer que deveríamos brincar de "beijo-abraço-aperto-de-mão" com eles.

Substituir os atos de amor pelos conceitos teóricos mantém a vida a uma distância segura. Esse é o lado sombrio do colocar o **ser** acima do **fazer**. Não é essa a acusação que Jesus levantou contra a elite religiosa de seus dias?

O compromisso cristão não é abstração. É um jeito de ser concreto, visível, corajoso e formidável, num mundo forjado por escolha diárias consistentes com a verdade interior. O compromisso que não é visível no serviço humilde, no discipulado sacrificial e no amor criativo é uma ilusão. Jesus Cristo se impacienta com ilusões e o mundo não tem nenhum interesse em abstrações. "E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou sua casa sobre a areia" (Mt 7:26). Se nos esquivarmos destas palavras do Grande mestre, a vida espiritual não será nada mais do que **fantasia**.

Aquele que fala, em especial se fala com Deus, pode ter grande impacto, mas o que age, realmente põe a mão na massa, atrai mais nossa atenção. Se quiser saber em que uma pessoa acredita de fato, não ouça apenas o que ela diz, observe o que faz.¹¹⁵

Certo dia, Jesus anunciou que não tinha vindo para buscar os virtuosos, mas os pecadores. Então, prosseguiu partindo o pão com um pecador muito conhecido, Zaqueu. Por meio da comunhão à mesa, Jesus dramatizou sua paixão pelo Pai, cujo amor indiscriminado permite que a chuva caia igualmente sobre homens honestos e desonestos. Incluir pecadores no compartilhar da refeição é uma expressão dramática do amor misericordioso do Deus redentor.

Jesus reforçou suas palavras com ações. Ele não se intimidava com figuras de autoridade. Parecia imperturbável com as queixas da multidão por estar violando a lei, indo à casa de um pecador. Jesus quebrou a lei das tradições quando o amor às pessoas o exigiu.

A contragosto, os fariseus foram forçados a reconhecer a integridade de Jesus: "Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus" (Mc 12:14). Apesar de ser uma estratégia para pô-lo numa armadilha, tal admissão nos diz algo sobre o impacto que Jesus causava naqueles que o ouviam. A vida de integridade tem impacto profético mesmo sobre os cínicos. Sim, realmente, este homem era um Mestre diferente de todos os outros na Palestina. Pode nunca ter estudado com um grande rabino; não tinha nenhum título. Era leigo, um camponês galileu pouco instruído, mas sua

¹¹⁴ *The Beatitudes; Soundings in Christian Tradition*, p. 54-55.

¹¹⁵ James MACKAY, *Jesus: the man and the myth*, p. 148. Citado em um recente trabalho meu, *A stranger to self-hatred*.

palavra trovejava com autoridade; foi o Grande Mestre porque o que era e fazia, como sua humanidade e divindade, expressavam unidade.

Em outro momento de seu ministério terreno, Jesus disse: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir". Na noite de sua morte, Jesus tirou a vestimenta de cima, amarrou uma toalha em volta da cintura, colocou água numa bacia de cobre e lavou os pés de seus discípulos. A **Bíblia de Jerusalém** traz uma nota dizendo que eram "traje e função característicos de escravo".

O teólogo francês Yves Congar afirmou:

A revelação de Jesus não está contida apenas em seu ensino; está também, e talvez devamos dizer principalmente, contida em suas ações. A Palavra que se fez carne, Deus aceitando a posição do servo, a lavagem dos pés dos discípulos — tudo isso tem a força da revelação, e uma revelação de Deus.¹¹⁶

Um mistério profundo: Deus se torna escravo. Isso implica muito especificamente que Deus quer ser conhecido pela servidão. Tal é a auto-revelação de Deus. Assim, quando Jesus descreve seu retorno, em glória, no fim do mundo, ele diz: "Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, os encontre vigilantes; em verdade vos afirmo que **ele há de** cingir-se, **dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá**" (Lc 12:37; grifo do autor).

Jesus permanece Senhor ao ser **servo**.

O discípulo amado apresenta uma imagem estonteante de Deus, implodindo todos os conceitos prévios a respeito de quem é o Messias e da essência do discipulado. Que inversão escandalosa e sem precedentes dos valores do mundo! Preferir ser servo a ser o senhor de tudo na casa é o caminho descendente da mobilidade numa cultura de mobilidade ascendente. O discipulado autêntico implica atitudes como zombar dos ídolos do prestígio, da honra e do reconhecimento; recusar a levar-se muito a sério ou a levar muito a sério aqueles que se levam a sério; dançar a música num ritmo diferente e livremente abraçar o estilo de vida do servo.

O realismo rigoroso do retrato que João faz de Cristo não deixa nenhum espaço para o romantismo idealizado ou sentimentalismo piegas. A servidão não é emoção, disposição ou sentimento; é uma decisão de viver como Jesus. Não tem nenhuma relação com aquilo que sentimos, mas, sim, com o que **fazemos** — serviço humilde. Ouvir de forma obediente a Jesus — "Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros" — é ouvir o coração pulsante do Mestre que João amou e conheceu.

Quando o ser está divorciado do fazer, os pensamentos piedosos tornam-se um substituto adequado para a lavagem de pés sujos. O chamado para o estilo de vida do servo é tanto uma advertência para não sermos seduzidos pelo padrão secular de grandeza humana, quanto um convite para a fé corajosa. Enquanto participamos da experiência do lava-pés, Jesus se dirige a nós diretamente, atraindo nossa atenção por completo enquanto olha em nossos olhos e faz essa reivindicação colossal: "Se você quer saber como Deus é, olhe para mim. Se quiser aprender que seu Deus não vem para governar, mas para servir, me observe. Se quiser se assegurar de que você não inventou a história do amor de Deus, ouça meu coração pulsante".

¹¹⁶ Citado por Avery DUNES, *Models of revelation*, p. 161.

Essa afirmação surpreendente e implacável sobre si mesmo reitera o foco com o qual lidar.¹¹⁷ Ninguém pode falar por nós. A seriedade implicada na confissão "Jesus é Senhor" revela o custo do discipulado, a significância avassaladora da confiança e a insubstituível importância da coragem. Jesus também sabia disso. Nossa fé na encarnação — o enorme mistério de Deus abrindo as cortinas da eternidade e adentrando a história humana através do homem Jesus — é fantasia se nos debruçarmos sobre qualquer imagem da divindade que não a do Servo que se curvou no cenáculo.

Quando as tempestades da vida respingam em mim e vejo minha fé vacilar, minha coragem desvanecer, normalmente me volto para Mateus 14:22-33. Jesus vê os discípulos alcançados por uma rajada de vento, entre três e seis da madrugada. Ele se aproxima, andando sobre as águas em direção a eles, que estão aterrorizados. "E um fantasma", gritam tomados de medo. Jesus diz: "Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!"

Pedro, nada menos que impetuoso, decide testar a voz. "Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas". A fé empírica do "se" temeroso rapidamente se deteriora em puro terror à medida que Pedro começa a andar em direção a Jesus. Sinto-me confortado (talvez com um prazer perverso) por saber que a rocha sobre a qual Jesus construiria a igreja afundou como pedra.



OS DIAS QUE VIVEMOS são propícios ao pânico, pois os burocratas messiânicos uniram forças aos relações-públicas do apocalipse para lançar previsões sobre o iminente fim do mundo. Eles procuram interpretar catástrofes como a do genocídio na Bósnia, a grande enchente do meio-oeste norte-americano, em 1993, e o terrorismo em larga escala nos Estados Unidos e fora dele. Tentam combinar os símbolos do livro de Apocalipse com eventos históricos específicos, e aí profetizam que a aldeia global está balançando na beira do abismo, e logo a aventura humana chegará ao fim.

Os burocratas messiânicos e os relações-públicas do apocalipse podem estar certos quanto a seu ultimato tenebroso de que a história humana chegou ao fim e o extermínio das espécies está próximo. Os males da geração atual podem, de fato, ser interpretados como sinais definitivos da intervenção final de Deus para promover um apogeu furioso, com grande destruição e incrível triunfo. No entanto, já que Jesus renunciou a qualquer conhecimento sobre o dia e a hora (Mt 24:36), eles podem estar completamente enganados.

O apocalipse exerce uma certa fascinação mórbida sobre a mente humana. Sobrevive com facilidade às circunstâncias que o originaram. Sempre vemos grupos que predizem o fim do mundo sobre as cinzas de todas as predições anteriores. Os símbolos são sempre vulneráveis às mentes muito literais, e as imagens exageradas do apocalipse parecem mais propensas a ser tomadas literalmente do que quaisquer outras. Mas a tendência de tomar o apocalipse com gravidade exagerada se deve mais à doença da mente humana do que a qualquer falha que lhe seja inerente.

Os falsos profetas, que jogam com o medo inato das pessoas de desagradar a Deus, serão cada vez mais abundantes, levando-as a loucas peregrinações e gerando pânico. Mas quando ouvimos o pulsar do coração do

¹¹⁷ Eugene KENNEDY, *The choice to be human*, p. 117.

Rabino, recebemos uma palavra tranquilizadora: "Contei-lhes todas essas coisas de antemão. Psiu! Aquietem-se. Estou aqui. Está tudo bem".

Em lugar da agitação dos fins dos tempos e dos pensamentos de destruição, Jesus nos diz que estejamos alertas e vigilantes. Devemos evitar os profetas da destruição e o **talk-show** excêntrico quando transmitem sua solene reunião televisiva na ante-sala do apocalipse. Devemos agir justamente, amar ternamente e andar humildemente com nosso Deus (Mq 6:8). Devemos reivindicar o amor de cada dia e viver como servos, com a consciência da presença do ressurreto. Não atentamos aos charlatões ou aos videntes autoproclamados, que manipulam a lealdade dos outros com propósito de servirem a si mesmos.

Edward Schillebeeckx, ganhador do prêmio Erasmus como notável teólogo da Europa, disse:

A única resposta correta e adequada à pergunta que se espalhou no tempo de Jesus — e que, no Novo Testamento, os discípulos também colocaram para Jesus — "Quando virá o fim e quais serão os sinais?" é, portanto: não se confundam com tais coisas, mas vivam a vida comum de cristãos, de acordo com a prática do Reino de Deus; então nada nem ninguém lhes sobrevirá inesperadamente que não seja o governo libertador do próprio Deus... Não importa se agora você está trabalhando no campo ou moendo milho, se é sacerdote ou professor, cozinheiro ou porteiro, ou um aposentado de idade avançada. O que importa é como está sua vida ao apegar-se à luz do evangelho de Deus, cuja natureza é amar toda a humanidade.¹¹⁸



O filme *O jogador*, dirigido por Robert Altman, oferece um retrato arrepiante do mundo que canoniza a ganância, a negociação e o que é seguro. Satirizando a própria produção, o filme tolera a riqueza e o poder irresponsáveis, mostra desprezo pela originalidade que não dá lucro e santifica o interesse próprio: a linha que mostra o resultado financeiro final é a única linha. Altman sugere que Hollywood é um microcosmo de todos nós — uma sociedade marinando no interesse pessoal incestuoso.

Uma característica imponderável da psique humana é sua capacidade de fazer julgamentos irracionais acerca de investimentos humanos valiosos, junto com a recusa de ver a vida à luz da eternidade. Seja a grandiosidade do viciado, o elevado autoconceito do compulsivo pelo trabalho, o interesse próprio do magnata do cinema ou a compenetração da pessoa comum com seus planos e projetos — tudo colabora para tecer a fantasia da invencibilidade, ou aquilo que Ernest Becker chama de "negação da morte".

De todos os livros escritos e de todos os sermões pregados a respeito da morte, nenhum veio de uma experiência em primeira mão. Sim, nenhum de nós tem dúvidas intelectuais a respeito da inevitabilidade da morte. O testemunho silencioso de nossos antepassados nos diz que negar o advento da morte é literalmente **fantástico**. No entanto, entre os cristãos a profunda consciência da

¹¹⁸ Edward SCHILLEBEECKX, *For the sake of the gospel*, p. 28.

morte é uma raridade. Para alguns, o véu entre a realidade atual e a eternidade é a mortalha da ciência — a morte é apenas a última doença à espera de ser conquistada pela medicina.

Para outros, sua visão é representada por um médico num respeitado periódico sobre medicina: "Em minha opinião, a morte é um insulto; a coisa mais estúpida e feia que pode acontecer a um ser humano"¹¹⁹ e, portanto, uma interrupção cruel e indesejada que é melhor ser ignorada. Para muitos, separar-se de seus amados é doloroso demais para considerar. Talvez, para muitos de nós, o ritmo frenético da vida e os reclamos imediatos do momento não deixam nenhum tempo, com exceção da reflexão fugaz em funerais, para considerar seriamente nossa origem e destino.

Benedito, fundador do monasticismo ocidental, oferece o conselho sóbrio de "manter a morte diante dos olhos a cada dia". Não se trata de um conselho mórbido, mas um desafio à fé e à determinação. Até que cheguemos a um acordo com esse fato primário da vida, como observou Parker Palmer, não há nenhuma espiritualidade sobre a qual valha a pena falar.

Hesito entre o medo e a expectativa da morte. Tenho muito mais medo da morte quando estou com mais medo de viver. Quando tenho consciência do fato de ser amado e estou alerta à atualidade da ressurreição de Jesus, então consigo enfrentar a morte com coragem. O motivo de orgulho de Paulo — de que a vida, claro, é Cristo, e a morte, um prêmio a ser conquistado (Fp 1:21) — torna-se meu também.

Sem medo, consigo reconhecer que a verdadeira tensão cristã não está entre a vida e a morte, mas entre a vida e a vida. Com alegria, posso ratificar as palavras do Grande Rabino na véspera de sua morte: "Porque eu vivo vós também vivereis" (Jo 14:19). Mais que tudo, quando ele me abraça em silêncio perto de seu coração, consigo até aceitar o medo do abandono.

Mas quando a noite é mais escura, o impostor está furioso e fico pensando em como sou bom e necessário, como me sinto ao me afirmar diante das pessoas, como aprendi a jogar bem quando o assunto é religião, como mereço tirar férias num lugar exótico, como minha família se orgulha de mim e como o futuro parece ser glorioso...

Repentinamente, como neblina sobre os campos, sou envolvido por pensamentos de morte. Aí sinto medo. Sei que por trás de todos meus bordões cristãos e minhas conversas sobre ressurreição se esconde um sujeito apavorado. Arrebatado em meu devaneio, estou isolado e sozinho. Juntei-me ao elenco dos jogadores de Robert Altman. Como um interno fugindo de um asilo, refugiei-me na fantasia da invencibilidade.

SUPONHA QUE UM MÉDICO eminente, bem informado sobre seu histórico de saúde, diga que você tem 24 horas de vida. Você procura uma segunda opinião, que confirma a primeira. E um terceiro concorda com os outros dois.

Quando sentimos que a morte se aproxima, nossa percepção da realidade muda drasticamente. Com o tempo precioso escorrendo como areia numa ampulheta, dispensamos tudo o que é trivial e irrelevante, concentrando-nos apenas em questões de suprema importância. Como Samuel Johnson disse certa vez, "a perspectiva da força faz a mente do ser humano se concentrar muito bem". Mesmo que um ataque de pânico seja a reação inicial, logo se descobre que chorar é apenas desperdício de um tempo valioso.

Num de seus romances, Iris Murdoch retrata um homem numa situação extrema. O tempo está se esgotando para ele. Está preso numa caverna com

¹¹⁹ Walter J. BURGHARDT, *Tell the next generation*, p. 315.

água até a cintura Logo a maré inundará o local. Ele pensa: "Se eu conseguir sair daqui, nunca julgarei ninguém... não julgar, não ser superior, não exercer o poder, nada de buscar, buscar, buscar. Amar, reconciliar-se e perdoar, é tudo o que importa. Todo poder é pecado e toda lei é frágil. O amor é a única justiça. Perdão, reconciliação, não a lei".¹²⁰

A negação da morte não é uma opção saudável para o discípulo de Jesus. Nem o pessimismo diante dos problemas. A mudança significativa nas prioridades, como se vivêssemos apenas vinte e quatro horas de cada vez, não é simples resignação diante daquilo que sabemos ser imutável.

A vida, quando confrontada com tentações e tribulações, não consiste em passividade estóica. O "não" com que desafio a morte e o desespero de meus últimos dias e o "sim" com que afirmo a vida e enfrento problemas aparentemente intransponíveis, ambos são inspirados pela esperança no poder invencível do Jesus ressurreto e na "suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (Ef 1:19).

Não somos intimidados pela morte e pela vida. Se fôssemos forçados a confiar em nossos pobres recursos, seríamos, de fato, pessoas merecedoras de dó. Mas a consciência da realidade da ressurreição de Cristo nos convence de que recebemos alento e somos sustentados por uma vida maior do que a nossa.

Ter esperança significa que, quando confiamos a vida a Cristo, podemos enfrentar corajosamente o mal, aceitando a necessidade de uma conversão mais intensa, a falta de amor por parte dos outros e o legado integral do pecado no mundo ao nosso redor e em nossa própria herança. Podemos, então, enfrentar a morte do mesmo modo que enfrentamos a vida, assim como a tarefa hercúlea diante de nós, que Paulo descreveu como "fazer morrer nossos desejos egoístas".

Cristo em nós, que é nossa esperança de glória, não é uma questão de debate teológico ou de especulação filosófica. Não se trata de hobby, de um projeto de meio expediente, de um bom tema para livro ou do último recurso quando todos os esforços humanos falham. Ele é nossa vida, o fato mais real a nosso respeito. Ele é o poder e a sabedoria de Deus habitando em nós.

William Johnston é um professor idoso, sábio e contemplativo da Universidade Sofia, em Tóquio. Numa carta dirigida a um jovem colega que estava prestes a inaugurar um centro de oração, ele declarou, com sinceridade: "Nunca afaste da sua consciência o pensamento da morte".¹⁷ Para as almas corajosas que anseiam por abster-se da fantasia em nome de uma vida de determinação, eu completaria: "Nunca despreze deliberadamente a consciência da atualidade da ressurreição, e ao acabar de ler este capítulo, ouça por um momento o pulsar do coração do Mestre".

CAPÍTULO NOVE

O coração pulsante do mestre

Deus é amor.

Jesus é Deus.

Se Jesus deixasse de amar, deixaria de ser Deus.

¹²⁰ The Nice and the Good, p. 315.

Boa parte dos escritos contemporâneos sobre espiritualidade elucidou esse tema com grande clareza e profundidade. O amor incondicional de Deus é a linha mestra de inúmeros livros, artigos, sermões e conferências. As referências ao amor ilimitado que desconhece qualquer fronteira, precaução ou ponto de ruptura não faltam no divã do analista cristão, no púlpito do pregador, na sala de aula do teólogo e nem nos romances de Andrew Greeley. Para citar uns poucos exemplos:

O amor de Deus não é uma benevolência branda, mas um fogo consumidor.

Bede Griffiths

O amor de Deus não é condicional. Não podemos fazer nada para merecê-lo — por essa razão é chamado de graça; e não precisamos fazer nada para ativá-lo. Já está lá. Qualquer amor que seja salvador precisa ser desse tipo, absolutamente incondicional e livre.

Beatrice Bruteau

Uma das chaves para a verdadeira experiência religiosa é a compreensão esmagadora de que, não importa o quanto nos detestemos, Deus não nos detesta. Essa percepção nos ajuda a entender a diferença entre nosso amor e o dele. O nosso é uma necessidade; o dele, uma dádiva.

Thomas Merton

Uma noção de Deus falsa e ilusória (...) o vê como aquele que me dirige sua graça quando sou bom, mas me pune de modo implacável quando sou mau. Essa é uma noção tipicamente patriarcal de Deus. Ele é o Deus de Noé, que vê pessoas mergulhadas em pecado, se arrepende de tê-las criado e resolve destruí-las. Ele é o Deus do deserto, que envia serpentes para picar seu povo porque murmurou contra ele. É o Deus de Davi, que praticamente dizima um povo porque seu rei, talvez motivado pelo orgulho, insiste em fazer um censo de seu império. Ele é o Deus que extrai até a última gota de sangue de seu Filho de modo que sua justa ira, atizada pelo pecado, possa ser aplacada. Esse Deus, cujos humores se alternam entre graça e ira ardente, ainda familiar demais entre muitos cristãos, é uma caricatura do verdadeiro Deus. Esse Deus não existe. Não é o Deus que Jesus nos revela. Nem é o Deus que Jesus chamou de "Aba".

William Shannon

- Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (cf. 15:13)
- "Não vos digo que rogarei ao Pai por vós. Porque o próprio Pai vos ama" (16:26-27).
- "Não os deixarei órfãos" (14:18).
- "Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele" (14:21).
- "Outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará" (16:22).

Nossa reação a essas revelações magníficas varia enormemente. Uma pessoa ouve as palavras: "Deus o ama como você é, e não como deveria ser", e diz: "Esse ensino é perigoso, promove a complacência e leva à preguiça moral e frouxidão espiritual". Outra pessoa responde: "Sim, Deus me ama como sou, mas me ama tanto, que não me deixará onde estou".

Uma terceira forma de responder é a partir do ponto de vista impassível do diletante religioso, que reage à auto-revelação de Jesus como "muito interessante". Eugene Peterson tem uma resposta afiada para essa mentalidade: "A Escritura não é para entretenimento. Não é para diversão. Nem é para cultura. Não é uma chave para destrancar os segredos do futuro. Nem é um enigma para intrigar o diletante".¹²¹

A quarta resposta é a do cínico: "Tudo não passa de palavras, palavras, palavras —**abracadabra**". Os cínicos desmascaram tudo. Não há nada verdadeiro, bom ou belo debaixo do sol. Na verdade, o cínico é o sentimentalista ferido que virou do avesso. Não existe Papai Noel. "Jamais confiarei em alguém novamente". "Não sabia o que era o amor até que me casei; mas aí já era tarde demais". Perguntaram a um pai, distanciado de seus três filhos por muitos anos, como gostava das crianças. Citando W. C. Fields, ele respondeu: "Fritas!".

No amor sexual o cínico percebe lascívia; no sacrifício e na dedicação, culpa; na caridade, ares de superioridade; nas habilidades políticas, manipulação; no pacifismo, enfado; na boa vizinhança, interesse próprio; na amizade, oportunismo. A vitalidade do idoso é patética; a exuberância do jovem é imatura; a estabilidade do que está na meia-idade é tediosa.¹²²

Ainda assim, mesmo no cínico mais desiludido, permanece o anseio por algo verdadeiro, bom ou belo.

Por fim, chegamos aos discípulos sinceros que ouvem atentamente a Palavra de Deus, mas permanecem curiosamente imóveis. As palavras os informam a respeito de Deus, mas não os levam a **conhecer** Deus. Eles respondem: "Os pensamentos e as palavras são belos e inspiradores". O problema, no entanto, é que eles param por aí. A análise racional infundável é o substituto para o compromisso decidido.

As palavras ativam a mente, mas os corações desativados permanecem noutro lugar e noutra direção. Vivem num mundo que o catedrático H. H. Price chamou de "imagens inexploradas".¹²³

As mentes engajadas, iluminadas pela verdade, despertam a consciência; o coração dedicado, afetado pelo amor, desperta a paixão. Deixe-me dizer mais uma vez — a energia essencial para a alma não é um transe ou uma postura otimista perante a vida: é um anseio ardente por Deus, uma obstinada determinação para viver na veracidade do fato de sermos amados.

O amor de Cristo (não nosso amor por ele, mas seu amor por nós) nos impele. A integração da mente com o coração molda a personalidade unificada que vive em estado de **consciência apaixonada**.



¹²¹ Reserved thunder, p. 17.

¹²² John SHEA, *An experience named spirit*, p. 166. Aqui, apropriei-me das palavras de Shea sobre o coração rejeitado e as usei para o coração cínico, acreditando que sejam essencialmente idênticos.

¹²³ Belief, p. 40, Citado por Williams em *True resurrection*.

O coração apático é um dos mistérios mais sombrios da existência humana. Pulsa desapaixonadamente em seres humanos com mente preguiçosa, atitudes indiferentes, talentos sem uso e esperanças sepultadas. Como a mãe de Ian Bedloe, parecem nunca ir além da superficialidade da vida. Morrem antes de sequer aprender a viver.

Anos desperdiçados em remorso inútil, energias dissipadas em relacionamentos e projetos fortuitos, emoções embotadas, passivos diante de quaisquer experiências que o dia possa trazer, são como os que roncam enquanto dormem e se ressentem quando sua paz é perturbada. A desconfiança da existência de Deus, o mundo e até eles mesmos são a base de sua incapacidade para se comprometer apaixonadamente com qualquer pessoa ou fato.

Paradoxalmente, atingimos a autoconsciência não pela auto-análise, mas num salto em direção ao compromisso. De acordo com Viktor Frankl, uma só pessoa encontra a identidade à medida que "se compromete com algo além de si mesmo".¹²⁴ O significado de nossa vida emerge quando nos rendemos à aventura de nos tornarmos quem ainda não somos.

O coração apático deixa como legado as bugigangas da **Disney World** e mil bolas de golfe perdidas. O esvaziamento completo da vida não vivida é uma garantia de que a pessoa não deixará saudade.

Essas pessoas, vivendo de emoções emprestadas, cambaleando pelos corredores no tempo como bêbados num navio... nunca saboreiam a vida de forma suficientemente profunda para serem santos ou pecadores.¹²⁵



Sebastian Moore fez uma confissão impressionante: "Levei trinta anos para entender que a admissão e o perdão dos pecados são a essência do Novo Testamento".

Antes de colocá-lo no grupo com déficits de aprendizagem, vamos examinar cuidadosamente a compreensão que temos do pecado e do perdão. Em que medida estamos verdadeiramente reconciliados com Deus e conosco, e ousamos viver, de fato, cada dia como homens e mulheres perdoados?

Para a maioria de nós a confissão genérica da pecaminosidade vem com facilidade, isto é, todos os seres humanos são pecadores, eu sou humano, portanto sou pecador. Um exame de consciência apressado revela infrações menores da Lei, ou aquilo que o discurso católico romano chama de "pecados veniais". Essa admissão vaga da transgressão é necessária a fim de nos qualificarmos como membros da comunidade dos salvos. Mas salvos de quê?

Nossa cegueira quanto à pecaminosidade da falecida Madre Teresa expõe a compreensão superficial que temos do mistério da iniquidade que se esconde dentro de cada ser humano. As obras heróicas de caridade que ela realizou nos protegem da verdade sobre sua pobreza interior e também sobre a nossa. Pois, se imitarmos seu amor sacrificial de uma forma reduzida, somos embalados por uma falsa sensação de segurança, que nos convence de que não temos de nos

¹²⁴ *Psychotherapy and existentialism*, p. 9.

¹²⁵ Eugene KENNEDY, *The choice to be human*, p. 14.

arrepende hoje. Quando a pequena santa albanesa humildemente confessou sua transgressão e a necessidade desesperada por Deus, deixamos de compreender sua falsa modéstia ou secretamente suspeitamos dela.

Paul Claudel certa vez afirmou que o maior pecado é perder o senso do pecado. Se este é meramente uma aberração causada por estruturas sociais, circunstâncias, ambiente, temperamento, compulsões e criação opressoras, admitimos a condição pecaminosa do homem, mas negamos que somos pecadores. Nós nos enxergamos como seres essencialmente agradáveis, pessoas benevolentes com problemas secundários e neuroses herdadas pela humanidade. Racionalizamos e minimizamos nossa aterradora capacidade de promover a paz apesar do infortúnio e, assim, rejeitamos tudo o que não é agradável a nosso respeito.

A essência do pecado reside no fato de sermos enormemente autocentrados; negamos a contingência radical e deslocamos a soberania de Deus com aquilo que Alan Jones chama de "a ínfima parte de nós que nos suga". A fascinação por poder, prestígio e posses justifica nossa assertividade agressiva, independentemente do prejuízo causado aos outros. O impostor insiste que perseguir o Número Um é a única postura sensata num mundo regido pela lei da selva. "Essas mãos solteiras arrumaram a própria cama", brada o falso eu. "Que se deem nela!".

A maldade operante dentro de nós consiste na implacável dedicação a nós mesmos, naquilo que Moore chama de "inescapável narcisismo de consciência".¹²⁶ Ali está a fonte de nossa crueldade, possessibilidade, inveja e todos os tipos de malícia. Se lustrarmos nosso egoísmo e racionalizarmos a maldade dentro de nós, conseguiremos apenas fingir que somos pecadores e, portanto, apenas fingiremos que fomos perdoados. A espiritualidade fingida do pseudo-arrependimento e da pseudobeatitude, possivelmente padrão, gera o que a psiquiatria moderna chama de personalidade incerta, em que as aparências tomam o lugar da realidade.

Aqueles que não chegam a admitir a maldade em si mesmos nunca saberão o que é o amor.¹²⁷ A menos, ou até que encaremos, nossa depravação santarrona, não captaremos o significado da reconciliação que Cristo realizou no monte do Calvário.

A humildade, como gostam de dizer os alcoólatras em recuperação, é desejar a todo custo a honestidade inflexível. A recuperação da doença não pode começar até que a negação mortal, que reside na personalidade oculta do alcoólatra, seja exposta e reconhecida. Ele ou ela deve chegar ao fundo do poço, chegar ao momento da verdade em que a dor causada pelo apego à garrafa se torna muito maior do que a dor por abandoná-la. De forma similar, não conseguimos receber o que o Mestre tem a oferecer a menos que admitamos estar em apuros e estendamos as mãos até que os braços comecem a doer.



Se procurarmos uma única palavra para descrever a missão e o ministério de Jesus Cristo, **reconciliação** não seria uma escolha má. "Deus estava em

¹²⁶ Sebastian Moore, *The crucified Jesus is no stranger*, p. 35.

¹²⁷ *Idem*, p. 37.

Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação" (2Co 5:19).

Quando Jesus disse que se fosse levantado da terra atrairia homens e mulheres para si, estava se referindo a ser levantado numa cruz. O corpo de um Mestre desamparado, contorcendo-se em agonia e sangrando até a morte, é a revogação final e completa de nossa fuga de nós mesmos. O Calvário é um lugar insuportável, onde toda a maldade do eu miserável tenta manter-se contra Deus, "provocando, assim, o trovejar da ressurreição".¹²⁸

Por meio de sua **paixão** e morte, Jesus tomou sobre si a doença essencial do coração humano e rompeu para sempre a amarra mortal da hipocrisia em nossa alma. Ele despojou a solidão de seu poder fatal ao viajar para a mais extrema solidão ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"). Ele compreendeu nossa ignorância, fraqueza e tolice, concedendo perdão a todos nós ("Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"). Rompendo as barreiras do tempo, fez de seu coração enternecido um lugar seguro para cada cínico derrotado, cada pecador mentiroso e cada abandonado com aversão a si mesmo. Deus reconciliou **todas** as coisas, tudo no céu e **tudo** sobre a terra, quando fez a paz por meio da morte na cruz (Cl 1:20).

A cruz revela que Jesus venceu o pecado e a morte, e que nada, **absolutamente nada**, pode nos separar do amor de Cristo. Nem o impostor nem o fariseu, nem a falta de consciência ou a falta de paixão, nem os julgamentos negativos que outros fazem nem a percepção degradada que temos de nós mesmos, nem o passado escandaloso ou o futuro incerto, nem os conflitos de poder na igreja nem as tensões no casamento, nem o medo, a culpa, a vergonha, o ódio de nós mesmos, nem mesmo a morte pode nos separar do amor de Deus, tornado visível em Jesus, o Senhor.

Ouvir o tênue pulsar do coração do Mestre desfalecendo é um estímulo poderoso para resgatar a paixão. E um som como nenhum outro.

O crucificado diz: "Confesse seu pecado para que eu possa revelar-me a você como aquele que o ama, mestre e amigo, para que o medo possa desaparecer e seu coração novamente seja agitado pela paixão". Essa palavra é endereçada tanto aos que estão plenamente seguros de sua importância, quanto aos esmagados por uma sensação de indignidade. Ambos se preocupam consigo. Reivindicam uma posição divina porque sua atenção está inteiramente presa à proeminência ou à insignificância. Estão isolados e alienados por prestar atenção somente em si mesmos.

A libertação do egocentrismo crônico começa quando se permite que Deus os ame no ponto em que estão. Considere as palavras de John Cobb:

O homem espiritual pode amar apenas... quando já se reconhece amado em seu autopreconceito. Somente se o homem descobrir que já é aceito com seu pecado e sua doença é que consegue aceitar, como é, o próprio autopreconceito; e, só então, sua organização psíquica pode abrir-se aos outros, aceitá-los como são — não a fim de salvar-se, mas porque ele não precisa salvar a si mesmo. Nós amamos apenas porque primeiro fomos amados.¹²⁹



¹²⁸ Sebastian MOORE, op. cit., p. 37.

¹²⁹ *The structure of Christian existence*, p. 135. Citado por Shea, p. 220.

Julian de Norwich fez esta notável afirmação: "O pecado não será vergonha alguma, mas honra", A vida do rei Davi, de Pedro, Maria Madalena e Paulo, junto a outras testemunhas contemporâneas como Etty Hillesum e Charles Colson, apoiam a afirmação paradoxal de Julian. Todos eles encararam sua capacidade de fazer o mal, aproveitaram do poder e, pela graça, o converteram numa força para algo construtivo, nobre e bom. Essa graça misteriosa é a expressão ativa do Cristo crucificado, que reconciliou **todas** as coisas em si, transformando até mesmo nossos impulsos maus em bondade.

Quando Jesus nos mandou amar os inimigos, sabia que seu amor operando em nós poderia amolecer o coração endurecido e fazer do inimigo um amigo. Isso se aplica de forma suprema ao inimigo dentro de nós, como escreve H. A. Williams. Pois somos sempre nosso pior inimigo.

Se conseguir amar aquele assassino com paciência e compaixão, aquele homem cruel, insensível, possessivo, invejoso, ciumento, aquele malicioso que detesta seus companheiros, o homem que eu sou, então estou no caminho de convertê-lo em tudo o que é: bom e amável, generoso, gentil e, acima de tudo, superabundantemente vivo, com uma vida contagiante.¹³⁰

Como o anjo que agitou as águas disse ao médico: "Sem suas feridas, onde estaria seu poder?"

Um homem na Austrália decidiu que a vida era dura demais para suportar. No entanto, descartou o Suicídio. Em vez disso, comprou um contêiner grande e o mobiliou com simplicidade, para as necessidades da vida. Pendurou uma cru: na parede para lembrá-lo do Mestre e ajudá-lo a orar. Lá vivia uma vida irrepreensível e solitária, mas com grande dificuldade.

Todos os dias, de manhã e à noite, rajadas de balas atravessavam as paredes do contêiner. Aprendeu a deitar-se no chão para evitar ser atingido. Mesmo assim, as balas ricocheteavam no ferro e o homem teve vários ferimentos. As paredes tinham muitos furos que permitiam a entrada do vento, da luz do dia e de um pouco de água quando chovia. Enquanto tapava os buracos, amaldiçoava o atirador. Quando deu queixa na polícia não obteve ajuda, e havia pouco que pudesse fazer sozinho acerca da situação.

Aos poucos, começou a usar os buracos das balas para fins positivos. Começou a olhar para fora por um ou outro buraco e a observar as pessoas transitando, as crianças empinando pipas, apaixonados andando de mãos dadas, as nuvens no céu, o vôo dos pássaros, o desabrochar das flores e o brilho do luar. Observando essas coisas, esquecia de si mesmo.

Chegou o dia em que o contêiner enferrujou e caiu aos pedaços. Ele saiu de lá sem se lamentar. Ao lado havia um homem em pé, com um rifle na mão.

— Suponho que agora você vai me matar — disse o homem que saía do contêiner. — Mas antes disso, gostaria de saber uma coisa. Por que você está me perseguindo? Por que você é meu inimigo se nunca fiz nada para prejudicá-lo?

O outro homem abaixou o rifle, sorriu para ele e disse:

— Não sou seu inimigo.

Aquele que saía do contêiner viu que havia cicatrizes nas mãos e nos pés do outro homem, e essas cicatrizes brilhavam como o sol.¹³¹

A vida dos que se engajam plenamente no conflito humano será crivada de balas. O que aconteceu na vida de Jesus vai, de alguma forma, acontecer conosco. As feridas são necessárias. A alma, assim como o corpo, precisa ser

¹³⁰ H. A. WILLIAMS, *True resurrection*, p. 157.

¹³¹ James K. BAXTER, *Jerusalém daybreak*, p. 2. Reescrevi algumas partes da história, sem alteração de sentido.

ferida. Pensar que o estado natural e apropriado é permanecer ileso é pura ilusão.¹³² Aqueles que usam coletes a prova de balas para se proteger do fracasso, do naufragio e do coração despedaçado nunca saberão o que é o amor. A vida sem ferimentos não mostra nenhuma semelhança com a do Mestre.

Assim que entrei no seminário, procurei um sacerdote e contei-lhe sobre as inúmeras rodadas de bebidas fortes durante os três anos na Marinha e como sofri muito tempo dissipado em auto-complacência. Para minha surpresa, ele sorriu e disse: "Regozije-se e alegre-se. Você terá um coração compassivo por aqueles que andam nessa estrada solitária. Deus usará sua transgressão para abençoar muita gente".

Como Julián de Norwich disse: "O pecado não será vergonha alguma, mas honra". O dualismo entre o bem e o mal está superado pelo Mestre crucificado que reconciliou todas as coisas em si mesmo.

A culpa não precisa nos devorar por dentro. Podemos parar de mentir para nós mesmos. O coração reconciliado diz que tudo o que me aconteceu tinha de acontecer, para fazer de mim quem eu sou — **sem exceção**.

Thomas Moore adiciona esta percepção:

As depressões, ciúmeiras, narcisismo e fracassos não estão na contramão da vida espiritual. Na verdade, lhe são essenciais. Quando cultivados, impedem que o espírito entre arremetida-mente no ozônio de perfeccionismo e orgulho espiritual.¹³³

Esse enfoque suave conduz à autocomplacência? Aquele que ouviu o coração pulsante do Mestre privado da graça, rejeitado com desdém, evitado pelos homens e ferido por nossas transgressões nunca faria tal pergunta.

SOMENTE NUM RELACIONAMENTO de profunda intimidade podemos permitir que outra pessoa nos conheça como *somos* de fato. Já é bem difícil viver conscientes de nossa mesquinhez e superficialidade, de nossas ansiedades e infidelidades, mas revelar os *segredos* mais sombrios para outro é um risco inaceitável. O impostor não quer sair do esconderijo. Ele pegará o *kit* de maquiagem e aplicará em sua face atraente para se tornar "apresentável".

Com quem posso conversar de maneira franca? Diante de quem posso desnudar minha alma? A quem ousarei dizer que sou mau e bom, puro e perverso, compassivo e vingativo, altruísta e egoísta? Que sob minhas palavras corajosas vive uma criança assustada? Que me imiscuo na religião e na pornografia? Que manchei o caráter de um amigo, traí a confiança, violei uma confidência? Que sou tolerante e zeloso, beato e arrogante? Que detesto quiabo?

O maior de todos os medos é de ser abandonado por meus amigos e ridicularizado por meus inimigos se expuser o impostor e revelar o verdadeiro "eu".

Ultimamente, minha atenção tem sido atraída por um versículo de Isaías: "Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranqüilidade e na *confiança*, a vossa *força*" (30:15, grifos do autor). A obsessão por privacidade tem origem no medo da rejeição. Se não nos sentimos aceitos, não podemos nos livrar do fardo do pecado; só conseguimos trocar a mala pesada de uma mão para outra. Da mesma forma, somente podemos desnudar o coração pecaminoso quando temos a certeza de que receberemos o perdão.

¹³² Thomas MOORE, *The core of the soul*, p. 263.

¹³³ Idem, p. 112.

Não consigo admitir que fiz coisas ruins; não consigo admitir que cometi um grande erro, a não ser diante de alguém que sei que me aceita. A pessoa que não consegue admitir o erro é muito insegura. No fundo, não se sente aceita, por isso reprime a culpa, esconde o rastro. E aí nos vemos diante do paradoxo: confessar o fracasso exige um bom conceito próprio. Reprimir o erro significa uma auto-avaliação ruim.¹³⁴

Nossa salvação e força residem na confiança total no Grande Mestre que partiu o pão com Zaqueu, o proscrito. Partilhar de uma refeição com um pecador notório não foi um mero gesto de tolerância liberal e de sentimentalidade humanitária. Foi a corporificação de sua missão e mensagem: perdão, paz e reconciliação para todos, sem exceção.

Mais uma vez, a resposta para a pergunta: "quem sou eu?" não vem pela auto-análise, mas pelo comprometimento pessoal. O coração que se converteu da desconfiança para a confiança no perdão irreversível de Jesus Cristo não é nada menos que uma nova criação, e toda ambigüidade a respeito da identidade pessoal é imediatamente implodida. Tão impressionante é esse ato supremo de confiança na aceitação do Mestre, que alguém pode apenas gaguejar e balbuciar a respeito de sua importância multiforme e monumental. É o marco decisivo da vida, fora da qual nada tem valor e a partir da qual cada relacionamento ou realização, cada sucesso ou fracasso obtêm seu significado. Trata-se de aplicar um golpe mortal no cinismo, no desespero e no detestar-se. E um "eu aceito" decisivo ao chamado do Mestre: "confie no Pai e confie em mim". Sebastian Moore escreveu:

No evangelho, a confissão do pecado é a expressão mais generosa, segura e venturosa do coração humano. É um risco que só se corre com a certeza de ser aceitável e aceito. A expressão plena e definitiva dessa confiança. Só a quem o ama é que você expõe o que há de pior em si. Para um mundo fascinado, Jesus apresenta um Deus que convida para tal confissão apenas para que possa se revelar no profundo de uma pessoa como aquele que ama. Tal confissão, no contexto da aceitação divina, libera as energias mais profundas do espírito humano e constitui a essência da revolução do evangelho.¹³⁵

A prometida paz que o mundo não provê encontra-se num relacionamento apropriado com Deus. A auto-aceitação só se torna possível quando confio radicalmente que Jesus me aceita como sou. Dar boas-vindas ao impostor e ao fariseu dentro de mim marca o início da reconciliação comigo mesmo e o fim da esquizofrenia espiritual.

No acolhimento do Mestre nossos impulsos maus são convertidos e transformados em bons. Assim como a lascívia desenfreada da mulher pecadora, no evangelho de Lucas, foi transformada em paixão pela intimidade com Jesus, também nossa possessividade pelo dinheiro se transforma em ambição, que se espalha como metástase, pelo tesouro no campo. O assassino interior se torna capaz de assassinar a homofobia, a intolerância e o preconceito. Nosso impulso negativo e o ódio se transformam em intolerância e fúria contra as caricaturas de Deus como um contador mesquinho. Nossa simpatia crônica se converte em compaixão genuína por aqueles que se perderam no caminho.

O assassino interior se torna capaz de matar a homofobia, a intolerância e o preconceito. Nossa tendência vingativa e nosso ódio se transformam em

¹³⁴ Sebastian MOORE, *The Crucified Jesus Is No Stranger*, p. 99.

¹³⁵ Thomas Moore, *The crucified Jesus is no stranger*, p. 100.

intolerância e ira contra as imagens caricaturais de Deus como um guarda-livros mesquinho. A simpatia crônica se converte em compaixão genuína por aqueles que se perderam no caminho. E o significado das palavras do Mestre — "Eis que faço novas todas as coisas" — torna-se claro como a luz.

DENTRE OS MUITOS TÍTULOS messiânicos conferidos a Jesus — alguns usados por seus contemporâneos, outros outorgados pela Igreja primitiva, como Senhor, Mestre, Salvador, Redentor, Rei, Soberano, Messias —, concentrei-me em "Mestre" por dois motivos. Em primeiro lugar, quando olho para trás e vejo os passos que dei na difícil estrada de minha vida, lembro-me da condição em que estava antes de encontrar Cristo. Recordo o vazio que sentia enquanto vagava sem rumo de um relacionamento a outro, de um bar a outro, buscando alívio para a solidão e o enfado de meu coração ressequido.

De repente, Jesus apareceu do nada e minha vida começou de novo. De um zé-ninguém, que não se importava com nada além do conforto pessoal, tornei-me alguém, um discípulo amado que se preocupa com pessoas e coisas. Sua Palavra tornou-se "lâmpada para os meus pés" (Sl 119:105).

Encontrei um senso de direção e propósito, uma razão para pular da cama pela manhã. Jesus passou a ser meu Mestre, meu Professor. Com paciência infinita, ele esclareceu o sentido da vida e proporcionou vigor em meio à fadiga de meus dias de derrota. Não posso e não vou esquecer o Grande Mestre que me conduziu das trevas para a luz do dia. Ele não é uma fuga da realidade, mas o Caminho para suas profundezas.

Em segundo lugar, o título "Mestre" nos lembra que Jesus era judeu e que temos origens semíticas. Abraão é nosso pai na fé. No reino espiritual, somos todos semitas. Como Paulo escreveu, aos israelitas pertence "a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos" (Rm 9:4-5).

Diante do atual ressurgimento do anti-semitismo em todo o mundo, não quero esquecer jamais do *status* especial de nosso parentesco judaico. Ser anti-semita é cuspir no rosto de nosso Salvador judeu. Para nossa vergonha, muitos que cospem são cristãos.

Um judeu de nossa geração escreveu de modo delicado, mas firme: "Nós [judeus] devemos [...] questionar, à luz da Bíblia, se a mensagem do Antigo Testamento, que o Novo Testamento alega ter se cumprido, foi de fato cumprida na história — na história vivida e sofrida por nós e por nossos antepassados. Neste ponto, meus queridos leitores cristãos, nossa resposta é negativa. Não conseguimos ver nenhum reino, paz ou redenção".¹⁶

O rosto manchado com as lágrimas do Mestre está sempre diante de meus olhos quando contemplo nosso passado nada cristão em relação a nossos irmãos judeus. Como sugere Burghardt, precisamos de uma teologia renovada sobre o judaísmo e seu destino. Precisamos de mais diálogo, mais comunhão e adoração entre os credos. Precisamos meditar nas palavras de Shylock em *O mercador de Veneza* (aqui podemos incluir qualquer grupo de pessoas oprimidas): "Os judeus não possuem olhos? Não possuem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afetos, paixões? Um judeu não é alimentado pela mesma comida, ferido pelas mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos remédios, aquecidos e castigados pelo frio do mesmo verão e do mesmo inverno dos cristãos? Se ele sentir cócegas, não ri? Se lhe derem veneno, não morrerá?".

Chamar Jesus de "Mestre" ativa nossa sensibilidade para que sejamos solidários, tal como ele é, com os filhos e as filhas de Abraão e também com os filhos e as filhas da vergonha.

A noiva de Cantares diz:

Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado, que está batendo: Abre-me, minha irmã, querida minha, pomba minha imaculada minha... O meu amado meteu a mão por uma fresta, e o meu coração se comoveu por amor dele. Levantei-me para abrir ao meu amado; as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos mirra preciosa sobre a maçaneta do ferrolho.

Cântico dos Cânticos 5:2,4,5

O desorganizado grupo de discípulos conspiradores que compreendeu o espírito da noiva, abriu a porta para Jesus, reclinou-se à mesa e ouviu seu coração pulsante experimentará pelo menos quatro coisas.

Em primeiro lugar, ouvir o coração pulsante do Mestre consiste numa experiência trinitária imediata. No momento em que encostamos o ouvido perto de seu coração, ouvimos instantaneamente os passos do Pai à distância. Não sei como isso acontece. Apenas acontece. É um movimento simples, que vai da cognição intelectual para a consciência experimental de que Jesus e o Pai são um no Espírito Santo, o elo de infinita ternura entre eles.

Sem reflexão ou premeditação o clamor "Aba, eu pertenço a ti" surge espontaneamente do coração. A consciência de sermos filhos e filhas no Filho irrompe no profundo de nossa alma, e a singular paixão de Jesus pelo Pai se incendeia dentro de nós. Na experiência com o Pai, não importa quão enlameados, surrados ou consumidos estejamos nós, os filhos pródigos, somos sobrepujados pelo apego paterno tão profundo e terno que nos faltam palavras.

Enquanto nosso coração pulsa no ritmo do coração do Mestre, chegamos a experimentar a graciosidade, a gentileza e o cuidado compassivo que superam nosso entendimento. "Este é o enigma do evangelho: como o Outro Transcendente pode estar tão incrivelmente próximo, ter um amor tão livre de reservas?" Temos apenas uma explicação — o Mestre nos diz que ele é assim.¹³⁶

Em segundo lugar, percebemos que não estamos sozinhos na estrada de tijolinhos amarelos*. O trânsito é intenso. Os companheiros de viagem estão em todos os lugares. Não somos somente eu e Jesus. A estrada está salpicada de morais e imorais, belos e mulambentos, amigos e inimigos, pessoas que nos ajudam e que nos atrapalham, seguranças de banco e assaltantes de banco — seres humanos de complexidade e diversidade desconcertantes.

Já sabemos disso há muito tempo.

Logo no início das aulas na escola dominical, ou da classe de catecúmenos, aprendemos a regra de ouro: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Mt 7:12). No entanto, os casamentos melancólicos, as famílias disfuncionais, as igrejas esfaceladas e a vizinhança hostil indicam que não a aprendemos direito.

"Saber de cor" é uma questão completamente diferente. O ritmo da ternura implacável do coração do Mestre faz o amor se tornar terrivelmente pessoal, imediato e urgente. Ele diz: "Dou-lhes um novo mandamento; é o meu mandamento; é tudo o que lhes ordeno: amem-se uns aos outros como eu os amei". Só a compaixão e o perdão contam. O amor é a chave para tudo. Viver e amar são a mesma coisa.

O coração fala ao coração. O Mestre roga: "Você não entende que o discipulado não está relacionado com ser correto, perfeito ou eficiente? Tem tudo a ver com a forma pela qual vocês convivem". A cada encontro, damos ou

¹³⁶ Donald GRAY, Jesus — *The way to freedom*, p. 69.

sugamos vida. Não há intercâmbio neutro. Realçamos a dignidade humana ou a diminuímos. O sucesso ou fracasso de um dia qualquer se mede pela qualidade do nosso interesse e nossa compaixão pelos que nos rodeiam. Nós nos definimos pela reação à necessidade humana.

A questão não é qual sentimento temos pelo próximo, mas o que fazemos por ele ou ela. Revelamos nosso coração pela forma de ouvir uma criança, falar com a pessoa que entrega a correspondência, suportar o dano e repartir os recursos com o indigente.

Conta-se uma velha história sobre um rapaz numa fazenda cuja única habilidade era encontrar animais perdidos. Quando lhe perguntaram como fazia isso, ele respondeu: "Apenas imagino para onde eu iria se fosse um animal, e lá está ele". Colocando de forma mais positiva, ao ouvir o coração pulsante do Mestre, o discípulo sabe onde Jesus estaria em qualquer situação, e lá está ele.

Em terceiro lugar, quando nos reclinamos à mesa com Jesus, aprendemos que o resgate da paixão está intimamente ligado à descoberta da paixão de Jesus.

Uma negociação extraordinária se dá entre Jesus e Pedro às margens do mar de Tiberíades. As palavras mais melancólicas já proferidas assumem a forma de uma pergunta para o coração: "Você me ama?" Quando deixamos de lado nossas vagas distrações, ouvimos atentamente o clamor sofredor de um **Deus jamais ouvido antes**. O que está acontecendo aqui? Nenhuma divindade de qualquer religião do mundo jamais condescendeu em indagar como nos sentimos a respeito dela. Os deuses pagãos lançavam raios para lembrar à ralé quem estava no comando. O Mestre em quem o infinito habita pergunta se nos importamos com ele. O Jesus que morreu de forma sangrenta e foi desamparado por Deus para que pudéssemos viver está nos perguntando se o amamos!

A raiz etimológica de "paixão" é o verbo latino **passere**, "sofrer". A paixão de Jesus em seu diálogo com Pedro é "o abrir-se voluntariamente para outro, permitindo ser intimamente **afetado por** esse outro; isto é, exprimir o sofrimento do amor apaixonado".¹³⁷

A vulnerabilidade de Deus ao permitisse ser afetado por nossa reação e o lamento de Jesus por Jerusalém não tê-lo recebido são completamente estarrecedores. O cristianismo consiste primariamente não naquilo que fazemos para Deus, mas no que Deus faz por nós — as coisas maravilhosas e grandiosas que ele concebeu e alcançou para nós em Cristo Jesus. Quando Deus volta a fluir de nossas vidas, no poder de sua Palavra, tudo o que pede é que fiquemos aturdidos e surpresos, que fiquemos boquiabertos e comecemos a respirar profundamente.

O resgate da paixão está intimamente ligado ao atordoamento. Somos varridos pela força esmagadora do mistério. O constrangimento se evapora na presença daquilo que Rudolph Otto chamou de "misterium tremendum". O Deus transcendente nos domina, nos supera. Tal experiência pode tomar nossa consciência como uma maré gentil, saturando a mente e o coração no espírito tranquilo da adoração profunda. Espanto, maravilhamento e fascinação induzem uma humildade sem palavras. Temos um breve vislumbre do Deus que nunca sonhamos que existisse.

Ou podemos ser esmigalhados por aquilo que a tradição hebraica chama de **Kabod Yahweh**, a majestade esmagadora de Deus. Uma quietude profunda que causa calafrios, invade o santuário no interior da alma. A consciência de que Deus é totalmente Outro desponta. O abismo entre o Criador e a criatura é intransponível. Somos grãos de areia numa praia de dimensões infinitas. Estamos na presença majestosa de Deus. Despídos das credenciais de independência,

¹³⁷ Jurgen MOLTSMANN, *The trinity and the kingdom*, p. 25. Citado por Alan Jones em *Soul making — The desert way of spirituality*.

nosso resolutamente andar arrogante desaparece. Viver na sabedoria da ternura acolhida deixa de ser adequado. O nome de Deus é Misericórdia.

A fé se anima, o temor e o tremor encontram seu tom mais uma vez. Na adoração, nos dirigimos à insuficiência extraordinária que é o louvor a Deus. Nós nos movemos do cenáculo, onde João deitou a cabeça no peito de Jesus, para o livro do Apocalipse, em que o discípulo amado cai prostrado diante do Cordeiro de Deus.

Homens e mulheres sábios há muito sustentam que a felicidade reside em sermos nós mesmos sem inibições. Deixe o Grande Mestre apertá-lo, silenciosamente, perto de seu coração. Conhecendo quem ele é, descobrirá quem você é: filho de Deus, em Cristo, nosso Senhor.

SOBRE O AUTOR

Batizado Richard Francis Xavier, o escritor Brennan Manning nasceu e cresceu, junto com os dois irmãos, num subúrbio barra pesada de Nova York. Sua família enfrentou dificuldades - experiência que certamente contribuiu para aguçar-lhe a sensibilidade pelos anseios dos humildes e simples no ministério que abraçaria anos depois -, mas isto não o impediu de entrar para a Universidade St. John, da qual sairia para servir no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (os famosos marines) durante a Guerra da Coreia.

De volta à vida civil, Manning tentou estudar jornalismo na Universidade do Missouri, mas seus questionamentos pessoais e a palavra de um conselheiro o levaram a um seminário católico.

Em fevereiro de 1956, ao meditar sobre o caminho de Jesus até a cruz, sentiu-se comovido pelo Evangelho e chamado por Deus.

"Naquele momento", relata, "a vida cristã passou a ter um novo significado para mim: uma relação íntima e profunda com Jesus."

Quatro anos mais tarde, graduou-se em Filosofia e, posteriormente, em Teologia, pelo Seminário St. Francis.

um dos aspectos mais interessantes sobre a trajetória ministerial de Brennan Manning é o trânsito entre a academia e as favelas, a universidade e as vilas, povoados e cortiços.

Pensador brilhante, especialista em Escrituras e Liturgia, foi entre as populações carentes dos Estados Unidos e da Europa que encontrou o caminho para colocar em prática o tipo de cristianismo com o qual se comprometera desde o início de sua vocação: o da compaixão e serviço abnegado. Viveu em clausura e contemplação; carregou água para populações rurais e foi ajudante de pedreiro na Espanha; lavou pratos na França; deu apoio espiritual a presidiários suíços.

Com a fé reafirmada, Brennan Manning retornou aos Estados Unidos, fixando-se inicialmente no Alabama, onde tentou organizar uma comunidade nos mesmos moldes da Igreja primitiva. Voltou ao campus no fim dos anos 1970 e, depois de enfrentar uma crise pessoal, começou a escrever e ministrar palestras, atividades que mantém até hoje, sempre com o objetivo de comunicar o amor incondicional de Deus em Jesus.

"Aprendi de um sábio franciscano que, para quem conhece o amor de Cristo, nada mais no mundo é tão belo e desejável."

BIBLIOGRAFIA

- The Jerusalem Bible*. Garden City: Doubleday, 1966.
- AGUDO, Philomena. "Intimacy", em *The Third Psychtheological Symposium*. Whintinsville: Affirmation, 1978.
- BARRY, Wendell. *The Hidden Wound*. San Francisco: North Point, 1989.
- BARRY, William. *God's Passionate Desire and Our Response*. Notre Dame: Ave Maria, 1993. BAXTER, James K. *Jerusalem Daybreak*. Wellington: Price, Milburn and Co., 1971.
- Bernanos, George. *Diary of a Country Priest*. Nova York: Sheed and Ward, 1936 [publicado no Brasil sob o título *Diário de um pároco de aldeia*. São Paulo: Paulus, 2000]. BRADSHAW, John. *Home Coming*, Nova York/Toronto: Bantam, 1990 [publicado no Brasil sob o título *Volta ao lar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993].
- BROWN, Raymond. *The Churches the Apostles Left Behind*. Nova York/Ramsay: Paulist, 1984 [publicado no Brasil sob o título *As igrejas dos apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986].
- BRUTEAU, Beatrice. *Radical Optimism*. Nova York: Crossroad, 1993.
- BUECHNER, Fredrich. *The Clown in the Belfry*. San Francisco: Harper, 1992.
- _____. *The Magnificent Defeat*. San Francisco: Harper and Row, 1966.
- BURGHARDT, Walter J. *Tell the Next Generation*. Nova York: Paulist, 1980.
- _____. *To Christ I Look*. Nova York/Mahwah: Paulist, 1982.
- _____. *When Christ Meets Christ*. Mahway: Paulist, 1993.
- COBB, John. *The Structure of Christian Existence*. Filadélfia: Westminster, 1968. DeMELLO, Anthony. *The Way to Love*. Nova York: Doubleday, 1991.
- _____. *Awareness: A Spirituality Conference in His Own Words*. Nova York: Doubleday, 1990.
- DUNES, Avery. *Models of Revelation*. Garden City: Doubleday, 1983.
- EAGAN, John. *A Traveler Toward the Dawn*. Chicago: Loyola University, 1990.
- FINLEY, James. *Mertons Palace of Nowhere*. Notre Dame: Ave Maria, 1978.
- FOSTER, Richard J. *Prayer, Finding the Heart's True Home*. San Francisco: Harper, 1992 [publicado no Brasil sob o título *Oração, o refúgio da alma*. Campinas: Cristã Unida, 1996].
- FRANKL, Victor. *Psychotherapy and Existentialism*. Nova York: Simon and Schuster, 1967.
- FURLONG, Monica. *Merton: A Biography*. San Francisco: Harper and Row, 1980.
- GILL, Jean. *Unless You Become Like a Child*. Nova York: Paulist, 1985 [publicado no Brasil sob o título *Se não vos tornardes como crianças*. São Paulo: Paulinas, 1988].
- GRAY, Donald. *Jesus — The Way to Freedom*. Winona: St. Mary's College, 1979.
- HARNAN, Nicholas. *The Heart's Journey Home, A Quest for Wisdom*.
- Notre Dame: Ave Maria, 1992. HOWATCH, Susan. *Guttering Images*. Nova York: Ballantine, 1987 [publicado no Brasil sob o título *Amor profano*. Rio de Janeiro: Record, 1990].
- IMBACH, Jeffrey D. *The Recovery of Love*. Nova York: Crossroad 1992.
- JEREMIAS, Joachim. *The parables of Jesus*. New York: Charles Scribner, 1970.
- JOHNSTON, William. *Being in love*. San Francisco: Harper and Row, 1989.
- JONES, Alan. *Exploring spiritual direction*. Minneapolis: Winston Press, 1982.
- JUNG, C. J. *Modern man in search of a soul*. New York: Harcourt, Brace and World Harvest Books, 1933.
- KENNEDY, Eugene. *The choice to be human*. New York: Doubleday, 1985.
- KNIGHT, James A. & ROBINSON, Lillian. Ed. *Psychiatry and religion: overlapping concerns*. Washington: American Psychiatric Press, 1986.
- KUNG, Hans. On *being a Christian*. New York: Double Day, 1976. MACKEY, James. *Jesus: the man and the myth*. New York: Paulist Press, 1979.
- MANNING, Brennan. *A stranger to self-hatred*. Denville: Dimension Books, 1982.
- _____. *Lion and lamb: the relentless tenderness of Jesus*. Old Tappan: Revell/Chosen, 1986.
- _____. *O evangelho maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- _____. *The gentle revolutionaries*. Denville: Dimension Books, 1976.
- MARCEL, Gabriel. *The mystery of being II: faith and reality*. Chicago: Henry Regnery, 1960.
- MASTERTON, James. *The search of the real self*. New York: Free Press, 1988.
- MAY, Gerald G. *Addiction and grace*. San Francisco: Harper and Row, 1988.
- McKENZIE, John. *Source: what the Bible says about the problems of contemporary life*. Chicago: Thomas More Press, 1984.
- _____. *The power and the wisdom*. New York: Doubleday, 1972.
- McNAMERA, William. *Mystical passion*. Amity: Amity House, 1977.
- MERTON, Thomas. *New seeds of contemplation*. New York: New Directions, 1961.
- METZ, JOHANNES B., *Poverty of spirit*. New York/Mahwah: Paulist Press, 1968.
- _____. *The hidden ground of love: Letters*. New York: Farrar, Strauss, Giroux, 1985.
- MOLTMANN, Jürgen. *The trinity and the kingdom*. San Francisco: Harper and Row, 1981.
- MOON, William Least Heat. *Blue highways*. New York: Fawcett Crest, 1982.
- MOORE, Sebastian. *The crucified Jesus is no stranger*. Mahwah: Paulist Press, 1977.
- _____. *The fire and the rose are one*. New York: The Seabury Press, 1980.
- MOORE, Thomas. *The care of the soul*. San Francisco: HarperCollins, 1992.
- MURDOCH, Iris. *The nice and the good*. New York: Penguin Books, 1978.
- NORWICH, Julian of. *The revelations of divine love*. New York: Penguin, 1966.
- NOUWEN, Henri J. M. *Life of the beloved*. New York: Crossroad, 1992.
- _____. *O curador ferido*. Lisboa: Paulinas, 2004.
- _____. *In the name of Jesus*. New York: Crossroad, 1989.
- O'CONNOR, Flannery. *The collected works of Flannery O'Connor*. New York: Farrar, Strauss, Giroux, 1991.
- PERCY, Walker. *The second coming*. New York: Farrar, Strauss, Giroux, 1980.
- PETERSON, Eugene. *Reserved thunder*. New York: Harper and Row, 1989,

PRICE, H.H. *Belief*. London: Allen and Unwin, 1969.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: Globo, 1975.

SCHILLEBEECKX, Edward. For *the sake of the gospel*. New York: Crossroad, 1992.

_____. *The church and mankind*. New York: Seabury Press, 1976.

SEAMANDS, David. *Healing for damaged emotions*. Wheaton: Victor Books, 1981. SHEA, John. An *experience named spirit*. Chicago: Thomas Moore Press, 1986.

_____. *Starlight*. New York: Crossroad, 1993.

TYLER, Anne. Saint *maybe*. New York: Simon & Schuster, 1982. TYRELL, Thomas J. Urgent *longings: reflections on the experience of infatuation, human intimacy, and contemplative love*. Whitinsville: Affirmation Books, 1980.

TUG WELL, Simon. *The beatitudes: soundings in Christian tradition*. Springfield: Templegate Publishers, 1980.

VAN BREEMAN, Peter G. *Called by name*. Denville: Dimension books, 1976.

WATKIN, Don Aelred. *The heart of the world*. London: Burns and Dates, 1954.

WICKS, Robert J. *Touching the Holy*. Notre Dame: Ave Maria Press, 1992.

WILDER, Thornton. *The angel that troubled the waters and other plays*. New York: Coward-McCann, 1928.

WILLIAMS, H. A. True *resurrection*. London: Mitchell Begley, 1972.

E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!

GÁLATAS 4:6

Você consegue lembrar de algum momento da vida dissociado de sensações como culpa, desgosto, ansiedade ou tédio? Talvez tenha algumas recordações da infância ou da juventude. Mas onde foram parar a paixão, a esperança, o vigor e a alegria daqueles tempos? Por que parecem tão inatingíveis hoje em dia? Se essas questões o incomodam, saiba que há muita gente no mundo tentando encontrar as mesmas respostas — gente que perdeu a doçura, a noção da riqueza dos gestos simples, a medida da amizade, a sensação de conforto proporcionada pela certeza do Deus que participa de nosso dia-a-dia. O “Papai” Aba, ao qual Jesus rogou no Calvário, está pronto para nos ajudar a deixar a vaidade de nossos zelos que, por maiores que sejam, jamais serão suficientes.

Esta é a mensagem de *O impostor que vive em mim*, mais uma obra de Brennan Manning que a Mundo Cristão oferece em língua portuguesa. Neste livro, o autor de *O evangelho maltrapilho* reflete simultaneamente sobre a dupla condição da vida humana: frágil e dependente do Criador, mas ao mesmo tempo valorizada e querida por aquele que a gerou. A graça, referência única e suficiente, é o eixo sobre o qual Manning estabelece esta reflexão apaixonante, que conduz a um estado de êxtase e prostração jubilosa. Deus nos ama como somos, e quer estabelecer uma relação íntima com aqueles que se despojam do ego impostor e clamam: “Aba, Pai!”

“Brennan é meu amigo e caminha a minha frente na trilha que leva ao lar. Conforme o vejo, maior é meu desejo de continuar e experimentar o amor de Deus como filho de Aba. Obrigado, Brennan.”

LARRY CRABB

“Brennan Manning faz um excelente trabalho em soprar a poeira da teologia gasta e permitir que a graça faça o que apenas a graça de Deus pode fazer: ser admirável.”

MAX LUCADO

ISBN 85-7325-404-1



9 788573 254044

Espiritualidade

textus

Uma coleção da Editora Mundo Cristão